O amor pode estar onde menos se espera

Mais de 100 milhões de livros vendidos

NICHOLAS SPARKS

Noites de Tormenta



ARQUEIRO

Noites de Tormenta



O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certeira: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.



NICHOLAS SPARKS

Noites de Tormenta

ARQUEIRO

Título original: *Nights in Rodanthe*
Copyright © 2002 por Nicholas Sparks
Copyright da tradução © 2015 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Maria Clara de Biase

preparo de originais: Taís Monteiro

revisão: Cristhiane Ruiz e Victor Almeida

diagramação: Ilustrarte Design e Produção Editorial

capa: Raul Fernandes

imagem de capa: Svetlana Sewell/Arcangel Images

adaptação para ebook: Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S726n

Sparks, Nicholas
Noites de tormenta [recurso eletrônico] / Nicholas Sparks [tradução de Maria Clara de Biase]; São Paulo: Arqueiro, 2015.
recurso digital

Tradução de: Nights in rodanthe
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-8041-466-0 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Biase, Maria Clara de. I. Título.

15-25804

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Para Landon, Lexie e Savannah.

1

Três anos antes, em uma manhã quente de novembro de 1999, Adrienne Willis havia voltado à pousada e achado, à primeira vista, que o lugar estava igual, como se a pequena hospedaria fosse imune ao sol, à areia e à maresia. A varanda tinha acabado de ser pintada e, nos dois andares, uma parte das venezianas pretas brilhantes se destacava entre as cortinas brancas das janelas retangulares, lembrando as teclas de um piano. O revestimento de cedro tinha a cor de neve empoeirada. Nos dois lados da construção, a relva costeira acenava em cumprimento, enquanto a duna mudava de aparência imperceptivelmente a cada dia e a cada grão que se deslocava.

O sol pairando entre as nuvens conferia ao ar um caráter luminescente, como se partículas de luz estivessem suspensas na neblina. Por um momento, Adrienne teve a sensação de que voltara no tempo. No entanto, olhando com mais atenção, pouco a pouco começou a notar as mudanças que a decoração não conseguia esconder: deterioração nos cantos das janelas, linhas de ferrugem ao longo do telhado, manchas de água perto das calhas. A pousada estava em decadência e, embora soubesse que não havia nada a seu alcance para mudar isso, Adrienne fechou os olhos, como se assim o lugar pudesse magicamente voltar a ser o que um dia fora.

Agora, em pé na cozinha de sua própria casa, faltando alguns meses para seu sexagésimo aniversário, Adrienne desligou o telefone depois de falar com a filha. Sentou-se à mesa, refletindo sobre aquela última visita à pousada e recordando o longo fim de semana que passara lá. Apesar de

tudo o que acontecera desde aquela época, ainda se apegava à crença de que o amor era a essência de uma vida plena e maravilhosa.

Lá fora chovia. Ouvindo os pingos baterem suavemente no vidro da janela, ficou grata pela sensação de constância e familiaridade. Lembrar-se daqueles dias sempre lhe produzia uma mistura de emoções – algo parecido com nostalgia, mas não exatamente isso. Com frequência a nostalgia era romantizada, e não havia nenhum motivo para tornar essas lembranças mais românticas do que já eram. E Adrienne também não as partilhava com os outros. Eram dela e, com o passar dos anos, passara a vê-las como uma espécie de exposição de museu da qual era não apenas a curadora, mas também a única espectadora. De um modo estranho, passara a acreditar que aprendera mais naqueles cinco dias do que em toda a sua vida.

Estava sozinha na casa. Seus filhos eram adultos, seu pai morrera em 1996 e ela se divorciara de Jack havia dezessete anos. Embora os filhos às vezes a incentivassem a encontrar alguém com quem passar os anos que lhe restavam, Adrienne não tinha nenhuma vontade de fazer isso. Não que tivesse um pé atrás com os homens; pelo contrário, mesmo agora seus olhos às vezes eram atraídos para homens mais jovens no supermercado. Como alguns deles aparentavam ser apenas alguns anos mais velhos que seus próprios filhos, ela ficava curiosa sobre o que pensariam se a notassem olhando-os. Rejeitariam-na com veemência? Ou lhe retribuiriam o sorriso, achando o interesse dela encantador? Não sabia ao certo. Tampouco sabia se eles seriam capazes de ver além dos cabelos grisalhos e das rugas e enxergar a mulher que Adrienne foi um dia.

Não que lamentasse estar mais velha. É comum as pessoas falarem sem parar sobre as glórias da juventude, mas Adrienne não tinha nenhuma vontade de ser jovem de novo. De voltar à meia-idade, talvez, mas não à juventude. Era verdade que sentia falta de algumas coisas – subir escadas de dois em dois degraus, carregar várias sacolas de supermercado de uma vez ou ter energia para acompanhar os netos que corriam pelo quintal –, mas trocaria tudo isso de bom grado pelas experiências que tivera, e estas só vieram com o avançar da idade. Era o fato de poder olhar para trás e ver

que não teria mudado quase nada em sua vida que, atualmente, fazia o sono vir fácil.

Além disso, ser jovem tinha seus problemas. Não só se lembrava deles por experiência própria, como observara seus filhos enfrentando a ansiedade da adolescência e a incerteza e o caos do início da vida adulta. Embora dois deles tivessem mais de 30 anos e o terceiro, quase 30, às vezes ela se perguntava quando a maternidade deixaria de ser um trabalho em tempo integral.

Matt tinha 32 anos, Amanda 31 e Dan acabara de fazer 29. Todos os três fizeram faculdade, e ela se orgulhava disso, porque houve um tempo em que não tinha certeza de que isso fosse possível. Seus filhos eram honestos, gentis e independentes e, de modo geral, era tudo o que desejara para eles. Matt trabalhava como contador, Dan como locutor esportivo do noticiário noturno em Greenville e os dois eram casados e tinham a própria família. Quando a visitavam no Dia de Ação de Graças, ela gostava de ficar sentada observando-os correr atrás dos próprios filhos, sentindo-se estranhamente satisfeita com o modo como tudo acontecera para eles.

As coisas eram um pouco mais complicadas para sua filha.

As crianças tinham 14, 13 e 11 anos quando Jack saíra de casa, e cada qual lidara com o divórcio de um modo diferente. Matt canalizara sua agressividade para os esportes e, por vezes, tivera episódios de mau comportamento na escola, mas Amanda fora a mais afetada. Como filha do meio e única menina, sempre fora a mais sensível e, na adolescência, precisara do pai em casa, ainda que apenas para evitar os olhares preocupados da mãe. Começara a se vestir com roupas que Adrienne considerava farrapos, a sair com uma turma que ficava na rua até tarde e, nos anos seguintes, jurara estar perdidamente apaixonada por pelo menos uns dez rapazes diferentes. Depois da escola, passava horas no quarto ouvindo música no último volume, ignorando os chamados da mãe para jantar. Houve períodos em que ela mal falava com Adrienne ou os irmãos.

Demorou alguns anos, mas Amanda enfim encontrara seu caminho e passara a ter uma vida estranhamente parecida com a que a mãe um dia

tivera. Conheceu Brent na universidade, casou-se com ele depois da formatura e tiveram dois filhos nos primeiros anos de casamento. Como muitos casais jovens, enfrentaram dificuldades financeiras, mas Brent era sensato de um modo que Jack nunca fora. Assim que o primeiro filho deles nasceu, fez um seguro de vida, embora nem ele nem Amanda esperassem precisar disso por muito, muito tempo.

Estavam errados.

Brent se fora havia oito meses, vítima de um tipo muito agressivo de câncer de testículo. Adrienne via a filha mergulhar em uma depressão profunda. Na tarde do dia anterior, ao levar os netos para casa, depois de passar um tempo com eles, encontrara as cortinas fechadas, a luz da varanda ainda acesa e Amanda sentada na sala de estar, de roupão, com a mesma expressão vazia do dia do enterro.

Foi naquele momento, em pé na sala de Amanda, que Adrienne soube que era hora de contar à filha sobre o passado.

Catorze anos. Era o tempo que havia passado.

Em todos aqueles anos, Adrienne só havia contado a uma pessoa o que acontecera: seu pai, que morrera com o segredo.

A mãe de Adrienne havia falecido quando ela ainda tinha 35 anos. Embora as duas tivessem um bom relacionamento, Adrienne sempre fora mais próxima do pai. Ainda achava que ele tinha sido um dos dois homens que realmente a compreendiam, e sentia sua falta agora mais do que nunca. A vida do pai fora igual à de muitos homens de sua geração. Tendo aprendido um ofício em vez de ir à faculdade, ele passara quatro décadas em uma fábrica de móveis com um salário que era só minimamente reajustado a cada ano. Usava um chapéu de feltro mesmo no verão, levava o almoço em uma marmita com dobradiças estridentes e saía de casa às

6h45 em ponto todos os dias para percorrer a pé os 2,5 quilômetros até o trabalho.

À noite, depois do jantar, o pai colocava um cardigã e uma camisa de mangas compridas. Suas calças amarrotadas lhe davam uma aparência desleixada, que se tornara mais evidente com o decorrer dos anos, sobretudo após a morte da esposa. Ele gostava de se sentar na poltrona, com o abajur amarelo aceso ao seu lado, e ler livros de faroeste e sobre a Segunda Guerra Mundial. Nos últimos anos antes de seus derrames, os óculos antiquados, as sobrancelhas espessas e o rosto muito enrugado o faziam parecer mais um professor universitário aposentado do que o operário que fora.

Havia uma tranquilidade no pai que Adrienne sempre quisera imitar. Costumava pensar que ele teria sido um bom padre ou pastor, e as pessoas que o viam pela primeira vez geralmente tinham a impressão de que ele estava em paz consigo mesmo e com o mundo. Era um bom ouvinte; com o queixo apoiado na mão, nunca desviava o olhar do rosto das pessoas enquanto elas falavam, sua expressão revelando empatia e paciência, humor e tristeza. Adrienne desejou que o pai estivesse ali agora para Amanda; ele também perdera um cônjuge e ela achava que a filha ouviria o avô, ainda que só por ele saber quão difícil era aquilo.

Um mês antes, quando Adrienne havia tentado gentilmente falar com Amanda sobre tudo o que estava acontecendo, ela se levantara da mesa balançando a cabeça, irritada.

– Isto não tem nada a ver com você e o papai – dissera. – Vocês dois não conseguiram resolver seus problemas, então se divorciaram. Mas eu amava o Brent. Sempre o amarei, mas o perdi. Você não sabe como é viver com algo assim.

Adrienne não dissera nada, mas quando Amanda saíra da sala, abaixara a cabeça e sussurrara uma única palavra.

Rodanthe.

Ao mesmo tempo que Adrienne se solidarizava com a filha, se preocupava com os netos. Max tinha 6 anos e Greg, 4 e, nos últimos oito meses, ela notara mudanças claras na personalidade deles. Ambos haviam se tornado retraídos e quietos. Nenhum dos dois tinha jogado futebol no outono e, embora estivesse se saindo bem no jardim de infância, Max chorava todas as manhãs antes de ir. Greg voltara a fazer xixi na cama e a ter ataques de raiva à menor provocação. Adrienne sabia que algumas dessas mudanças se deviam à perda do pai, mas também refletiam a pessoa que Amanda se tornara desde a última primavera.

Graças ao seguro de vida, Amanda não precisava trabalhar. Ainda assim, nos primeiros meses após a morte de Brent, Adrienne passara quase todos os dias na casa deles, mantendo as contas em ordem e fazendo comida para as crianças enquanto a filha dormia e chorava em seu quarto. Amparava-a sempre que ela precisava, ouvia-a quando ela queria falar e a forçava a passar uma ou duas horas ao ar livre todos os dias, acreditando que o ar fresco a faria lembrar que poderia recomeçar.

Adrienne acreditava que a filha estava melhorando. No início do verão, Amanda voltara a sorrir, no início raramente e depois com um pouco mais de frequência. Aventurara-se a ir à cidade algumas vezes e levara as crianças para patinar. Dessa maneira, Adrienne começara a se afastar aos poucos das obrigações que assumira. Sabia que era importante Amanda voltar a ter a responsabilidade por sua própria vida. Adrienne acreditava que havia conforto na rotina; esperava que, diminuindo sua presença na vida da filha, Amanda fosse forçada a perceber isso também.

Mas em agosto, no dia que teria sido seu sétimo aniversário de casamento, Amanda abriu a porta do closet da suíte que dividia com o marido, viu poeira se acumulando nos ombros dos ternos de Brent e subitamente parou de melhorar. “Regrediu” não é o termo exato – ainda havia momentos em que parecia ela mesma –, mas na maior parte do tempo dava a impressão de ter se tornado outra pessoa. Não estava deprimida nem feliz, nem animada nem desanimada, nem interessada nem entediada com qualquer coisa perto dela. Para Adrienne, era como se

Amanda tivesse se convencido de que seguir em frente de algum modo embotaria suas lembranças de Brent, e decidira não deixar isso acontecer.

Mas não era justo com as crianças. Elas precisavam de sua orientação e de seu amor; precisavam de sua atenção. Precisavam que lhes dissesse que tudo ficaria bem. Já tinham perdido o pai, o que era bastante difícil. Mas nos últimos tempos Adrienne passara a achar que tinham perdido a mãe também.



À luz fraca da cozinha, Adrienne olhou para seu relógio. A seu pedido, Dan levara Max e Greg ao cinema, para que ela pudesse passar a noite com Amanda. Como Adrienne, seus dois filhos estavam preocupados com os meninos de Amanda. Não só tinham se esforçado mais para estar presentes na vida deles, como quase todas as suas conversas recentes com Adrienne tinham começado ou terminado com a mesma questão:

"O que vamos fazer?"

Hoje, quando Dan repetira a pergunta, Adrienne lhe garantira que conversaria com a filha. Embora o filho caçula tivesse ficado cético – eles não haviam tentado todo esse tempo? –, ela sabia que esta noite seria diferente.

Adrienne tinha poucas ilusões sobre o que os filhos pensavam dela. Sim, eles a amavam e a respeitavam, mas ela sabia que nunca a conheceram realmente. Aos olhos deles, ela era gentil, mas previsível, doce e estável, uma pessoa amigável que passara a vida com sua visão ingênua do mundo intacta. Ela combinava com esse papel, é claro – veias começavam a surgir no alto de suas mãos, seu corpo perdera um pouco a forma que tinha na juventude e as lentes de seus óculos ficaram mais grossas ao longo dos anos –, mas quando os via com expressões que visavam animá-la, às vezes tinha de conter uma risada.

Sabia que parte do equívoco dos filhos se devia ao desejo de vê-la assim, como uma imagem preestabelecida que achavam aceitável para uma mulher da sua idade. Era mais fácil – e, para dizer a verdade, mais cômodo – pensar na mãe como uma pessoa mais contida do que ousada, mais comportada do que alguém com experiências que os surpreenderiam. E, correspondendo ao seu papel de mãe gentil, previsível e estável, Adrienne não tinha vontade de mudar a opinião deles.

Sabendo que Amanda chegaria a qualquer momento, foi até a geladeira e pôs uma garrafa de vinho sobre a mesa. A casa esfriara desde a tarde, então ligou o termostato a caminho do quarto.

O aposento que antes dividira com Jack agora era só dela e fora redecorado duas vezes depois do divórcio. Foi até a cama de dossel que desejara desde a juventude. Debaixo dela havia uma caixa pequena, e Adrienne a pôs sobre o travesseiro a seu lado.

Dentro da caixa havia a carta que ele deixara na pousada, uma foto dele tirada na clínica e a carta que recebera algumas semanas antes do Natal. Embaixo desses itens havia duas pilhas amarradas, cartas trocadas por eles, e no meio delas uma concha que um dia encontraram na praia.

Adrienne pôs a carta de lado e puxou um envelope de uma das pilhas, lembrando-se de como havia se sentido na primeira vez em que lera seu conteúdo, e depois tirou uma folha de dentro. O papel estava mais fino e frágil, e a tinta havia desbotado ao longo dos anos, mas as palavras ainda eram legíveis.

Querida Adrienne,

Nunca fui bom em escrever cartas, por isso espero que me perdoe se eu não conseguir me fazer entender.

Acredite ou não, cheguei hoje de manhã em um burro e descobri onde vou passar meus dias por algum tempo. Gostaria de poder lhe dizer que é melhor do que eu imaginava, mas com toda a sinceridade, não posso. Na clínica falta tudo – remédios,

equipamento e os leitos necessários –, mas falei com o diretor e acho que conseguirei resolver pelo menos parte do problema. Embora eles tenham um gerador de energia, não há nenhum telefone, portanto só poderei ligar para você quando for a Esmeraldas. Fica a alguns dias de viagem, e a próxima remessa de suprimentos só chegará daqui a algumas semanas. Sinto muito por isso, mas acho que ambos suspeitávamos que poderia ser assim.

Ainda não vi Mark. Ele está em uma clínica isolada nas montanhas e só voltará mais tarde, hoje à noite. Depois eu lhe conto como foi, mas a princípio não estou otimista. Como você disse, acho que precisamos nos conhecer melhor antes de tentarmos resolver os problemas entre nós.

Não consigo contar quantos pacientes atendi hoje. Mais de cem, eu acho. Há muito tempo não atendia pessoas assim, com esses tipos de problemas, mas a enfermeira ajudou, mesmo quando eu parecia perdido. Acho que ela ficou grata por eu estar lá.

Penso em você constantemente desde que fui embora, perguntando-me por que a jornada em que estou pareceu me levar até você. Sei que o caminho ainda não terminou e a vida é uma estrada cheia de curvas, mas só posso esperar que de algum modo me leve de volta ao lugar ao qual pertenço.

É assim que encaro a situação agora. Eu pertenço a você. Enquanto dirigia, e depois de novo quando o avião estava no ar, imaginei que ao chegar a Quito a veria na multidão me esperando. Sabia que isso seria impossível, mas por algum motivo tornou um pouco mais fácil deixá-la. Foi quase como se parte de você tivesse vindo comigo.

Quero acreditar que isso é verdade. Melhor, eu sei que é verdade. Antes de nos conhecermos, eu estava tão perdido, e ainda assim você viu algo em mim que de algum modo me deu um rumo de novo. Ambos sabemos o motivo de eu ter ido a Rodanthe, mas não posso parar de pensar que forças maiores estavam em ação. Fui lá para encerrar um capítulo em minha vida, esperando que isso me

ajudasse a encontrar meu caminho. Mas acho que você era o que eu estava procurando o tempo todo. E é você que está comigo agora.

Sabemos que terei de ficar aqui por um período. Não sei ao certo quando voltarei, e embora não tenha se passado muito tempo, percebo que nunca senti tanto a falta de alguém. Parte de mim quer entrar em um avião e ir atrás de você agora, mas se isso for tão real quanto acho que é, tenho certeza de que vamos conseguir. E eu voltarei, eu lhe prometo. No pouco tempo que passamos juntos, tivemos algo com que a maioria das pessoas só pode sonhar e estou contando os dias para vê-la de novo. Nunca se esqueça de quanto eu amo você.

Paul

Quando terminou de ler, Adrienne pôs a carta de lado e pegou a concha que eles haviam encontrado em uma manhã de domingo, tanto tempo antes. Mesmo agora cheirava a maresia, a eternidade; tinha o odor primordial da própria vida. Era média, com formas perfeitas e sem rachaduras, algo quase impossível de achar no mar revolto de Outer Banks após uma tempestade. Um presságio, pensara na época, e se lembrou de tê-la levado à orelha e dito que podia ouvir o oceano. Paul rira e explicara que era o próprio oceano que ela estava escutando. Tinha posto os braços ao seu redor e sussurrado:

– A maré está alta, não percebeu?

Adrienne examinou o conteúdo da caixa, pegou o que achava necessário para sua conversa com Amanda e desejou ter mais tempo para ver o resto. Talvez mais tarde, pensou. Pôs os itens restantes na gaveta de baixo, sabendo que não havia necessidade de Amanda ver aquelas coisas. Com a caixa na mão, levantou-se da cama e alisou a saia.

Sua filha chegaria logo.

2

Adrienne estava na cozinha quando ouviu a porta da frente se abrir e fechar; um instante depois, Amanda entrava na sala.

– Mãe?

Adrienne pôs a caixa sobre o balcão da cozinha.

– Estou aqui! – gritou.

Quando Amanda empurrou a porta de vaivém e entrou na cozinha, encontrou a mãe sentada à mesa com uma garrafa de vinho fechada na sua frente.

– O que está acontecendo? – perguntou Amanda.

Adrienne sorriu, pensando no quanto a filha era bonita. Com cabelos castanho-claros e olhos cor de avelã em harmonia com as maçãs do rosto altas, ela sempre fora linda. Embora fosse um pouquinho mais baixa do que Adrienne, a postura ereta como a de uma dançarina fazia com que parecesse mais alta. Também era magra, um pouco demais na opinião da mãe, mas ela aprendera a não tecer comentários sobre isso.

– Eu queria falar com você – disse Adrienne.

– Sobre o quê?

Em vez de responder, Adrienne apontou para a mesa.

– Acho que é melhor você se sentar.

Amanda se aproximou da mãe. Sentou-se à mesa, abaixou os olhos, e Adrienne pegou sua mão. Apertou-a, não disse nada e então a soltou com relutância enquanto se virava na direção da janela.

– Mãe? – disse Amanda. – Você está bem?

Adrienne fechou os olhos e fez que sim com a cabeça.

– Estou. Só estava me perguntando por onde começar.

Adrienne se enrijeceu ligeiramente.

– É sobre mim de novo? Porque se for...

Adrienne a interrompeu com um gesto da cabeça.

– Não, é sobre mim – falou. – Vou lhe contar algo que aconteceu há catorze anos.

Amanda inclinou a cabeça para o lado e, no ambiente familiar da pequena cozinha, Adrienne começou sua história.

3

Rodanthe, 1988

O céu matinal estava cinzento quando Paul Flanner saiu do escritório do advogado. Fechando o zíper do casaco, seguiu por entre a névoa e entrou em seu Toyota Camry alugado, pensando que a vida que tivera nos últimos 25 anos terminara formalmente com sua assinatura do contrato de venda.

Era o início de janeiro de 1988 e ele já havia vendido seus dois carros e sua clínica médica no mês anterior. Agora, nessa última reu- nião com seu advogado, vendera sua casa.

Não sabia como se sentiria em relação a isso, mas, ao girar a chave na ignição, percebeu que só experimentava uma vaga sensação de término. Naquela manhã, percorrera a casa pela última vez, cômodo a cômodo, esperando se lembrar de cenas de sua vida. Pensara que visualizaria a árvore de Natal e se lembraria de quão animado seu filho ficava ao descer pelas escadas e ver os presentes trazidos por Papai Noel. Tentara recordar os cheiros na cozinha no Dia de Ação de Graças ou em tardes chuvosas de domingo quando Martha preparava um ensopado, ou os sons de vozes vindas da sala de estar onde a esposa e ele tinham oferecido dezenas de festas.

Mas enquanto passava de um cômodo a outro, parando por um momento aqui e ali para fechar os olhos, nenhuma lembrança surgiu. Percebeu que a casa não era nada além de uma concha vazia e se perguntou mais uma vez por que vivera lá por tanto tempo.

Paul saiu do estacionamento, entrou no tráfego e seguiu para a interestadual, evitando o fluxo de carros vindo do subúrbio. Vinte minutos

depois, virou na Rodovia 70, de pista dupla, que ia para sudeste na direção da costa da Carolina do Norte. No banco traseiro havia duas mochilas grandes. Suas passagens aéreas e o passa- porte estavam na bolsa de couro no banco do carona. Na picape havia um kit médico e vários suprimentos que lhe pediram para levar.

O céu era uma tela mesclada de branco e cinza e o inverno estava completamente instalado. Chovera por uma hora durante a manhã e o vento norte fazia a temperatura parecer mais baixa. A estrada não tinha muito movimento nem estava escorregadia, então Paul pôs o controle de velocidade um pouco acima do limite, deixando os pensamentos voltarem ao que fizera naquela manhã.

Britt Blackerby, seu advogado, tentara dissuadi-lo uma última vez. Eles eram amigos havia anos; seis meses antes, quando Paul falara pela primeira vez sobre tudo o que queria fazer, Britt achara que ele estivesse brincando e dera uma gargalhada.

– Até parece!

Só quando olhara por cima da mesa para o rosto de Paul, percebera que o amigo estava falando sério.

Paul tinha se preparado para aquela reunião, é claro. Esse era um hábito que não conseguia perder. Empurrara sobre a mesa três páginas impecavelmente digitadas informando o que considerava serem preços justos e seu parecer sobre os contratos propostos. Britt olhara para as páginas por um longo momento antes de erguer a vista.

– Isto é por causa de Martha? – perguntara.

– Não – respondeu Paul. – É só algo que eu preciso fazer.

No carro, Paul ligou o aquecimento e pôs a mão na frente da saída, deixando o ar esquentar seus dedos. Olhando pelo espelho retrovisor, avistou os arranha-céus de Raleigh e se perguntou quando os veria de novo.

Tinha vendido a casa para um jovem casal – o marido era executivo de uma companhia farmacêutica multinacional e a esposa era psicóloga. Os dois foram ver a casa no primeiro dia em que tinha sido anunciada.

Voltaram no dia seguinte e, algumas horas depois, fizeram uma oferta. Foi o primeiro e último casal a visitar a casa.

Paul não ficara surpreso. Ele estava presente na segunda visita do casal e os vira passar uma hora examinando todos os detalhes da casa. Apesar das tentativas de disfarçar sua impressão, assim que os conheceu Paul soube que a comprariam. Ele lhe mostrou os detalhes do sistema de segurança e como abrir o portão que separava a propriedade do resto do bairro; deu o nome e o cartão de visita de seu jardineiro paisagista e da empresa de manutenção da piscina, com a qual ainda tinha um contrato. Explicou que o mármore do vestíbulo havia sido importado da Itália e as janelas de vitral foram feitas por um artesão em Gênova. A cozinha tinha sido reformada apenas dois anos antes; a geladeira Sub-Zero e o fogão Viking ainda eram considerados de última geração; cozinhar para vinte ou mais pessoas não seria um problema. Ele os levara à suíte principal e a seu banheiro, depois aos outros quartos, notando que olharam demoradamente para as cornijas esculpidas à mão e as paredes pintadas com esponja. No andar de baixo, apontou para a mobília feita sob encomenda e o candelabro de cristal e os deixou examinar o tapete persa sob a mesa de cerejeira na sala de jantar. Na biblioteca, observou o homem passar os dedos pelo revestimento de madeira de bordo e depois olhar para a luminária Tiffany no canto da escrivaninha.

– E o preço inclui toda a mobília? – perguntou o homem.

Paul fez que sim com a cabeça. Ao sair da biblioteca, pôde ouvir os sussurros animados deles enquanto o seguiam.

Quase uma hora depois, quando estavam em pé à porta, prontos para ir embora, fizeram a pergunta inevitável:

– Por que está vendendo?

Paul olhou para o homem consciente de que havia mais na pergunta do que simples curiosidade. Parecia haver um indício de desgraça no que Paul estava fazendo e ele sabia que o preço era baixo demais mesmo se a casa fosse vendida sem os móveis.

Paul poderia ter dito simplesmente que não precisava mais de uma casa tão grande. Ou que a casa era adequada para alguém mais jovem, que

não se importasse com as escadas. Ou que planejava comprar ou construir outra casa e queria uma decoração diferente. Ou que planejava se aposentar e era trabalhoso demais cuidar de tudo aquilo.

Mas nenhum desses motivos era verdadeiro. Em vez de responder, ele fitou o homem direto nos olhos.

– Por que está querendo comprá-la? – perguntou.

Seu tom foi amigável e o homem se voltou por um momento para a esposa. Ela era bonita, uma morena mignon mais ou menos da mesma idade que o marido – cerca de 35 anos. O homem também era bonito, seguro de si, altivo e com um ar de pessoa destinada a ser bem-sucedida. Por um momento, eles não pareceram compreender o que Paul quis dizer.

– É o tipo de casa com que sempre sonhamos – respondeu finalmente a mulher.

Paul assentiu. *Sim lembro-me de sentir isso também. Pelo menos até seis meses atrás*, pensou.

– Então espero que lhes traga felicidade – retrucou.

Um momento depois, o casal se virou para ir embora e Paul os observou a caminho do carro. Acenou-lhes antes de fechar a porta, mas, assim que ficou sozinho, sentiu um nó na garganta. Olhar para o homem, percebeu, o fizera se lembrar de como costumava se sentir ao se olhar no espelho. E, por um motivo que não soube explicar, Paul subitamente percebeu que estava à beira das lágrimas.

A rodovia passava por Smithfield, Goldsboro e Kinston, cidades pequenas separadas entre si por 50 quilômetros de plantações de algodão e tabaco. Paul crescera nessa região, em uma pequena fazenda nos arredores de Williamston, e os pontos de referência lhe eram familiares. Passou por celeiros de secagem de tabaco e casas de fazenda de aparência instável; viu uma profusão de viscos nos galhos altos de carvalhos à beira da

rodovia. Filas longas e estreitas de pinheiros separavam uma propriedade da outra.

Parou para almoçar em New Bern, uma exótica cidade situada na confluência dos rios Neuse e Trent. Entrou em uma delicatéssen no bairro histórico, comprou um sanduíche e um café e, apesar do frio, se instalou em um banco perto do Sheraton com vista para a marina. Iates e veleiros estavam atracados em suas vagas, balançando suavemente à brisa. A respiração de Paul formava pequenas nuvens. Depois de terminar o sanduíche, ele tirou a tampa do copo de café. Observando o vapor subir, pensou na mudança de rumo que o tinha levado até lá.

Fora uma longa jornada, refletiu. Sua mãe morrera quando ele era criança e não tinha sido fácil ser o único filho de um pai que ganhava a vida cultivando a terra. Em vez de jogar beisebol com os amigos ou ir pescar, arrancar ervas daninhas e tirar lagartas das folhas de tabaco, doze horas por dia, sob um sol escaldante que lhe deixava as costas com um tom permanente de dourado. Como todas as crianças, às vezes ele se queixava, mas em geral aceitava bem o trabalho. Sabia que o pai era um homem bom e precisava de sua ajuda. Era paciente e gentil, mas, como o avô de Paul, também não era de falar, a menos que tivesse algo importante para dizer. Quase sempre a pequena casa deles proporcionava o sossego encontrado em uma igreja. Além de perguntas superficiais sobre como Paul estava se saindo na escola ou o que acontecia nas plantações, os jantares eram pontuados apenas pelos sons de talheres batendo nos pratos. Depois de lavar a louça, o pai ia para a sala de estar e examinava relatórios sobre a atividade rural enquanto Paul mergulhava nos livros. Eles não tinham televisão e o rádio raramente era ligado, exceto para ouvirem a previsão do tempo.

Eram pobres e, embora Paul sempre tivesse o que comer e um quarto quente para dormir, às vezes sentia vergonha de suas roupas ou de nunca ter dinheiro suficiente para ir à loja de conveniência comprar um biscoito mais caro ou uma garrafa de refrigerante, como seus amigos. De vez em quando ele ouvia comentários sarcásticos sobre essas coisas. Em vez de responder, Paul se dedicava aos estudos, como se tentasse provar a si

mesmo que tudo aquilo não tinha importância. Ano após ano chegava em casa com notas excelentes, só que, embora o pai se orgulhasse de suas conquistas, havia um ar de melancolia nele sempre que olhava para os boletins de Paul, como se soubesse que um dia o filho deixaria a fazenda para nunca mais voltar.

Os hábitos adquiridos nas plantações se estenderam a outras áreas da vida de Paul. Ele não só foi o orador da turma na formatura como também se tornou um ótimo atleta. Quando foi cortado do time de futebol em seus tempos de calouro, o treinador recomendou que ele tentasse corridas de montanhas. Ao perceber que a diferença entre vencedores e perdedores era o esforço e não a genética, Paul começou a acordar às cinco da manhã para fazer dois treinos por dia. Deu certo: entrou na Universidade Duke com uma bolsa integral para atletas e foi o melhor corredor da instituição durante quatro anos, além de brilhar também em sala de aula. Durante todo o curso, relaxou em relação à sua saúde uma vez e quase morreu por causa disso, mas nunca deixou que acontecesse de novo. Especializou-se em química e biologia e se formou com louvor. Naquele ano também se tornou um dos melhores atletas do país, ficando em terceiro lugar na corrida nacional em montanhas.

Depois da corrida, deu a medalha ao pai e disse que havia feito tudo aquilo por ele.

– Não – respondeu o pai. – Você correu por si mesmo. Só espero que esteja correndo na direção de algo, não para longe de algo.

Naquela noite, deitado na cama, Paul olhou para o teto, tentando descobrir o que o pai queria dizer. Em sua mente, ele estava correndo na direção de alguma coisa, na direção de tudo. De uma vida melhor. Estabilidade financeira. Um modo de ajudar o pai. Respeito. Ausência de preocupações. Felicidade.

No seu último ano na Duke, ficou sabendo em fevereiro que fora aceito na faculdade de medicina de Vanderbilt. Então foi visitar o pai para lhe dar a boa notícia. O pai disse que estava feliz por ele. Porém, naquela noite, muito depois da hora em que o pai já deveria estar dormindo, Paul olhou

pela janela e o viu, uma figura solitária perto da cerca, olhando para os campos.

Três semanas depois, ele morreu de um ataque cardíaco enquanto arava a terra em preparação para a primavera.

Paul ficou arrasado com a perda, mas em vez de dar um tempo a si mesmo para o luto, evitou as lembranças mergulhando ainda mais em suas tarefas. Matriculou-se na Universidade Vanderbilt com antecedência, fez o curso de verão, inscreveu-se em três matérias para se adiantar nos estudos e acrescentou aulas extras a uma grade já lotada. Depois disso sua vida passou em um borrão. Ia para a aula, fazia seu trabalho no laboratório e virava as noites estudando. Corria 8 quilômetros por dia e sempre cronometrava suas corridas, tentando melhorar a cada ano que passava. Evitava boates e bares; ignorava os eventos das equipes de atletismo da universidade. Comprou por impulso uma televisão, mas nunca a tirou da caixa e a vendeu um ano depois. Embora tímido com as garotas, foi apresentado a Martha, uma loira da Geórgia de temperamento tranquilo que trabalhava na biblioteca da faculdade de medicina, e quando demorou a chamá-la para sair ela tomou a iniciativa.

Embora preocupada com o ritmo frenético de Paul, Martha aceitou o pedido de casamento dele. Dez meses depois, eles entraram na igreja. Com a proximidade das provas finais, não houve tempo para a lua de mel, mas Paul prometeu que fariam uma viagem no fim do ano letivo. Nunca fizeram. Mark, o filho deles, nasceu um ano depois, mas Paul nunca trocou uma fralda ou colocou o menino para dormir nos primeiros dois anos da vida do filho.

Em vez disso, postava-se à mesa da cozinha e não parava de estudar, olhando incessantemente para diagramas da fisiologia humana ou estudando equações químicas, fazendo anotações e tirando a nota máxima em uma prova após a outra. Formou-se em três anos como o melhor aluno da turma e se mudou com a família para Baltimore, com o objetivo de fazer residência em cirurgia no hospital Johns Hopkins.

Àquela altura ele sabia que cirurgia era sua vocação. Muitas especialidades exigem bastante interação humana e segurar a mão dos

pacientes; Paul não era muito bom em nenhuma das duas coisas. Mas a cirurgia era diferente: os pacientes estavam mais interessados na habilidade do médico do que em sua capacidade de comunicação, e Paul não só tinha a confiança para deixá-los tranquilos antes da cirurgia como era capacitado tecnicamente. Ele floresceu nesse ambiente. Nos últimos dois anos de sua residência, trabalhou noventa horas por semana e dormiu quatro horas por noite, mas, estranhamente, não mostrou nenhum sinal de cansaço.

Depois da residência, fez uma especialização em cirurgia craniofa- cial e se mudou com a família para Raleigh, onde se tornou sócio de outro cirurgião em uma clínica justamente quando a população começava a aumentar com bastante rapidez. Sendo os únicos especialistas nesse tipo de cirurgia na área, a clínica deles prosperou. Aos 34 anos, Paul pagara suas dívidas da faculdade de medicina. Aos 36, era associado a todos os grandes hospitais da cidade e realizava a maior parte do seu trabalho no centro médico da Universidade da Carolina do Norte. Lá participou de um estudo clínico sobre neurofibromas com médicos da Mayo Clinic, ONG da área de serviços médicos e pesquisas médico-hospitalares. Um ano depois, teve um artigo sobre lábios leporinos publicado no *New England Journal of Medicine*. Outro artigo sobre hemangiomas se seguiu quatro meses depois e ajudou a redefinir os procedimentos cirúrgicos nessa área para crianças. Sua reputação aumentou e, depois de operar com sucesso a filha do senador Norton, que ficara desfigurada em um acidente de automóvel, Paul foi matéria de capa do *Wall Street Journal*.

Além do trabalho de reconstrução, ele foi um dos primeiros médicos na Carolina do Norte a incluir cirurgia plástica em sua clínica, e fez isso justamente quando a área começava a crescer. Seu trabalho evoluiu muito, sua renda se multiplicou e ele começou a acumular coisas. Comprou um BMW, um Mercedes, depois um Porsche e outro Mercedes. Martha e ele construíram a casa de seus sonhos. Paul comprou títulos e ações de uma dezena de fundos diferentes. Quando percebeu que não podia lidar com a complexidade do mercado, contratou um administrador de investimentos. Depois disso, seu dinheiro começou a duplicar a cada quatro anos. Então,

quando tinha mais do que precisava para o resto de sua vida, começou a triplicar.

Ainda assim, Paul trabalhava. Marcava cirurgias não só durante a semana, mas também aos sábados. Passava as tardes de domingo no consultório. Quando estava com 45 anos, o ritmo que mantinha enfim esgotou seu sócio, que se desligou da clínica e foi trabalhar com outro grupo de médicos.

Nos primeiros anos após o nascimento de Mark, Martha frequentemente falava sobre terem outro filho. Com o tempo, parou de tocar no assunto. Embora insistisse para que Paul tirasse férias, ele relutava. Martha acabava indo visitar os pais com Mark, deixando o marido em casa. Ele encontrava tempo para participar de alguns dos acontecimentos mais importantes da vida do filho, aqueles eventos que ocorriam uma ou duas vezes por ano, mas perdia quase todo o resto.

Ele se convenceu de que estava trabalhando por sua família. Ou por Martha, que enfrentara com ele as dificuldades dos primeiros anos. Ou pela memória do pai. Ou pelo futuro de Mark. Mas no fundo sabia que fazia isso por si mesmo.

Se tivesse que dizer qual tinha sido seu maior arrependimento em todos aqueles anos, seria o pouco contato com o filho; contudo, apesar de sua ausência na vida dele, Mark o surpreendera decidindo se tornar médico. Depois que foi aceito na faculdade, Paul espalhou a notícia pelos corredores do hospital, feliz com a ideia de que o filho seria seu colega de profissão. Agora eles teriam mais tempo juntos. Assim, levou Mark para almoçar um dia, na esperança de convencê-lo a se tornar cirurgião. O jovem simplesmente balançou a cabeça.

– Essa é a sua vida – respondeu-lhe. – E uma vida que não me interessa nem um pouco. Para ser sincero, sinto pena de você.

Aquilo doeu e os dois discutiram. Mark fez acusações amargas, Paul ficou furioso e, como resultado, o filho acabou saindo a passos largos do restaurante. Paul se recusou a falar com ele pelas semanas seguintes e Mark não fez nenhuma tentativa de reconciliação. Semanas se transformaram em meses e depois em anos. Embora Mark mantivesse um

relacionamento afetuoso com a mãe, evitava ir para casa quando sabia que o pai estava lá.

Paul lidou com a desavença com o filho do único modo que sabia. Sua carga de trabalho continuou a mesma e ele corria seus costumeiros 8 quilômetros por dia; de manhã estudava as páginas de finanças do jornal. Mas podia ver a tristeza nos olhos de Martha e houve momentos, geralmente tarde da noite, em que se perguntou como fazer as pazes com o filho. Parte dele queria pegar o telefone e ligar, mas nunca encontrava disposição para isso. Soube pela esposa que Mark estava se saindo bem sem ele. Em vez de se especializar em cirurgia, tornou-se médico de família e, depois de vários meses se especializando, deixou o país para trabalhar como voluntário em uma organização humanitária internacional.

Duas semanas depois de Mark ir embora, Martha pediu o divórcio.

Se as palavras do filho um dia o deixaram furioso, as de Martha o deixaram estupefato. Tentou dissuadi-la, mas ela o interrompeu gentilmente:

– Você vai mesmo sentir minha falta? Nós mal nos conhecemos...

– Eu posso mudar – sugeriu Paul.

Martha sorriu.

– Sei que pode. E deveria. Mas deveria fazer isso porque quer, não por mim.

Paul passou as semanas seguintes confuso. Um mês depois, após ter terminado uma cirurgia de rotina, sua paciente de 62 anos Jill Torrelson, de Rodanthe, Carolina do Norte, morreu na sala de recuperação.

Paul sabia que tinha sido aquele terrível acontecimento, na esteira dos outros, que o levara até ali.



Após terminar seu café, Paul voltou para o carro e pegou de novo a rodovia. Quarenta e cinco minutos depois, chegou a Morehead City.

Atravessou a ponte para Beaufort, seguiu pela estrada sinuosa e depois tomou a direção leste rumo a Cedar Point.

Havia uma beleza tranquila nas terras baixas costeiras e ele desacelerou o carro, assimilando aquilo tudo. Sabia que a vida era diferente ali. Enquanto dirigia, ficou maravilhado com as pessoas que o cumprimentavam e com os idosos sentados em um banco do lado de fora de um posto de gasolina que pareciam não ter nada melhor para fazer do que ver os carros passarem.

No meio da tarde, pegou a balsa para Ocracoke, um vilarejo no extremo sul de Outer Banks. Só havia mais quatro carros na balsa e durante as duas horas de viagem ele conversou com os outros passageiros. Passou a noite em um motel em Ocracoke e acordou quando o sol se ergueu acima da água. Tomou café da manhã e passou as horas seguintes caminhando pelo povoado rústico, observando as pessoas prepararem suas casas para a tempestade que se formava ao largo da costa.

Quando finalmente se sentiu pronto, Paul jogou as mochilas no carro e seguiu em direção ao norte.

Outer Banks era um lugar ao mesmo tempo estranho e místico, pensou. Com capim-serra salpicando as dunas arredondadas e árvores dobradas pela eterna brisa, era um local como nenhum outro. As ilhas um dia tinham sido ligadas ao continente, mas depois da última era glacial o mar inundara a área a oeste, formando Pamlico Sound. Até a década de 1950, não havia nenhuma estrada nessa série de ilhas e as pessoas tinham de dirigir pela praia para chegar às casas além das dunas. Mesmo agora isso era parte da cultura e, enquanto dirigia, Paul viu marcas de pneus perto da água.

O céu tinha clareado em alguns pontos. Embora as nuvens corressem furiosamente na direção do horizonte, às vezes o sol espiava por entre elas, emprestando ao mundo um forte brilho branco. Por cima do ronco do motor, podia se ouvir a violência do oceano.

Naquela época do ano, Outer Banks ficava bastante vazia, e Paul tinha aquele trecho de estrada só para ele. Na solidão, voltou a pensar em Martha.

O divórcio havia sido formalizado apenas alguns meses antes, mas fora amigável. Paul sabia que ela estava saindo com outro homem e achava que a vira com ele mesmo antes de se separarem, mas isso não tinha importância. Atualmente, nada parecia importante.

Quando Martha foi embora, Paul reduziu as horas de trabalho, achando que precisaria de tempo para organizar as coisas. Mas meses depois, em vez de voltar à sua vida normal, reduziu-as ainda mais. Continuava a correr com regularidade, mas descobriu que não tinha mais nenhum interesse em ler o caderno de finanças de manhã. Durante a vida toda só precisara de seis horas de sono por noite, mas, estranhamente, quanto mais diminuía o ritmo de sua rotina, de mais horas parecia precisar para se sentir descansado.

Também havia outras mudanças, como as físicas. Pela primeira vez em anos, Paul sentiu os músculos dos ombros relaxarem. As rugas em seu rosto ainda eram proeminentes, mas a intensidade que antes via em seu reflexo no espelho fora substituída por uma espécie de melancolia. E embora devesse ser fruto de sua imaginação, tinha a impressão de que seus cabelos grisalhos enfim tinham parado de cair.

Alguns meses antes, ele achava que tinha tudo. Havia corrido sem parar e atingido o auge do sucesso, mas agora percebia que nunca seguira o conselho de seu pai. Durante toda a sua vida correra *para longe* de alguma coisa, não *na direção* de alguma coisa e, no fundo do seu coração, sabia que tudo fora em vão.

Estava com 54 anos e sozinho no mundo. Olhando para a faixa de asfalto vazia à sua frente, não pôde deixar de se perguntar por que correra tanto.



Sabendo que agora estava perto, Paul se preparou para a última parte da viagem. Ficaria em uma pequena pousada perto da rodovia, cuja diária

incluía o café da manhã. Quando chegou aos arredores de Rodanthe, olhou em volta. O centro da cidade, se é que podia ser chamado assim, consistia em várias lojas que pareciam vender quase tudo. O armazém comercializava ferramentas e material de pesca, assim como gêneros alimentícios; o posto de gasolina vendia pneus e peças de automóveis e também oferecia serviço de mecânico.

Ele não precisava pedir nenhuma informação e, um minuto depois, saiu da rodovia para uma curta estrada de cascalho. Avaliou que a pousada em Rodanthe era muito mais charmosa do que imaginava: uma antiga casa vitoriana branca com venezianas pretas e uma acolhedora varanda. Na balaustrada havia vasos com amores-perfeitos desabrochando e uma bandeira dos Estados Unidos tremulava ao vento.

Pegou suas coisas e pendurou as mochilas no ombro. Depois subiu a escada e entrou. O piso era de pinho e se via o desgaste de anos estando sob sapatos com areia. Bem diferente do piso da antiga casa de Paul. À esquerda havia uma aconchegante sala de estar bem iluminada por duas grandes janelas que emolduravam a lareira. Ele sentiu cheiro de café fresco e viu que um pequeno prato de biscoitos fora arrumado para sua chegada. Achou que pegando a direita encontraria o dono, e seguiu aquele caminho.

Embora tivesse visto um pequeno balcão, onde supôs que era a recepção, não havia ninguém atrás dele. No canto, notou as chaves dos quartos; os chaveiros eram miniaturas de faróis. Quando chegou ao balcão, tocou a campainha e esperou que aparecesse alguém para atendê-lo.

Após algum tempo tocou de novo, e dessa vez ouviu o que pareceu um choro abafado vindo de algum lugar nos fundos da casa. Deixou suas coisas no chão, entrou na recepção e empurrou as portas de vaivém que levavam à cozinha. Sobre o balcão havia três sacolas de mercado ainda cheias.

A porta dos fundos estava aberta e ele foi nessa direção. A varanda rangeu quando Paul saiu. À esquerda viu cadeiras de balanço e uma pequena mesa entre elas, e à direita viu a fonte do som.

Ela estava em pé no canto, olhando para o mar. Como Paul, usava uma calça jeans desbotada, mas com um suéter grosso de gola rulê. Seus cabelos castanho-claros estavam presos para trás com algumas mechas soltas esvoaçando ao vento. Ele a viu se virar, assustada com o som das botas dele. Atrás dela, uma dezena de andorinhas seguia a corrente de ar e havia, sobre a balaustrada, uma xícara de café.

Paul desviou o olhar, mas seus olhos foram atraídos para ela de novo. Embora estivesse chorando, dava para ver que era bonita, mas havia algo no modo triste como mudava o peso de um pé para o outro que deu a entender que ela não se dava conta da própria beleza. O que, pensaria sempre ao se lembrar daquele momento, só servia para torná-la ainda mais atraente.

4

Amanda olhou para a mãe.

Adrienne havia feito uma pausa e seu rosto agora estava voltado para a janela. A chuva havia parado; lá fora, o céu estava cheio de sombras. No silêncio, Amanda ouviu o zumbido constante da geladeira.

– Por que está me contando isso, mãe?

– Porque acho que você precisa saber.

– Mas por quê? Quero dizer, quem era ele?

Em vez de responder, Adrienne pegou a garrafa de vinho e a abriu. Depois de encher uma taça para si, serviu a filha.

– Você pode precisar disso – falou.

– Mãe?

Adrienne deslizou a taça por cima da mesa.

– Lembra quando fui para Rodanthe? Quando Jean perguntou se eu podia tomar conta da pousada?

Amanda demorou um momento para recordar.

– Quer dizer, quando eu estava no ensino médio?

– Isso.

Quando Adrienne recomeçou, Amanda se viu pegando o vinho e se perguntando o que significava tudo aquilo.

5

Em pé perto da balaustrada na varanda dos fundos da pousada, em uma tarde escura de quinta-feira, Adrienne deixou a xícara de café aquecer suas mãos enquanto olhava para o mar, notando que estava mais revolto do que uma hora antes. A água tinha um tom ferruginoso, como o do casco de um velho encouraçado, e dava para ver pequenas cristas espumantes se estendendo em direção ao horizonte.

Parte dela desejava não ter ido. Estava tomando conta da pousada para uma amiga e esperara que fosse uma espécie de descanso, mas agora parecia um erro. Em primeiro lugar, o clima não iria cooperar – o dia inteiro ouvira no rádio avisos sobre a grande tempestade que vinha naquela direção –, e ela não estava animava com a possibilidade de ficar sem eletricidade ou presa dentro de casa por dias. Porém, mais do que isso, apesar do mau tempo, a praia trazia muitas lembranças das férias em família, dias felizes em que estivera satisfeita com a vida.

Por muito tempo se considerara sortuda. Conhecera Jack quando ainda estava no ensino médio e ele cursava o primeiro ano da faculdade de direito. Naquela época eles eram considerados um casal perfeito. Jack era alto e magro e tinha cabelos pretos cacheados; ela era a morena de olhos azuis, pouco mais magra do que agora. A foto do casamento ocupava um lugar de destaque em sua sala de estar, logo acima da lareira. Eles tiveram o primeiro filho quando Adrienne estava com 28 anos e tiveram mais dois nos três anos seguintes. Como muitas outras mulheres, Adrienne tivera dificuldade em perder todo o peso que ganhara, mas se esforçara para isso e, embora nunca tivesse chegado perto do que um dia fora, sentia-se bem.

E era feliz. Adorava cozinhar, mantinha a casa limpa, a família frequentava a igreja e Adrienne fazia o possível para que Jack e ela tivessem uma vida social ativa. Quando as crianças começaram a frequentar a escola, ofereceu-se para ajudar nas turmas delas, compareceu a reuniões de pais e professores, trabalhou na escola dominical e foi a primeira a se apresentar quando precisaram de voluntários para levar as crianças de carro às excursões escolares. Assistiu a horas de recitais de piano, peças na escola, jogos de beisebol e futebol, ensinou todos os seus filhos a nadar e gargalhou ao ver a expressão no rosto deles na primeira vez em que passaram pelos portões da Disney. Em seu 40º aniversário, Jack lhe fez uma festa surpresa no clube de campo e quase duzentas pessoas compareceram. Foi uma noite cheia de risos e bom humor, porém mais tarde, depois que chegaram em casa, Adrienne notou que Jack não a olhava enquanto ela se despia antes de ir para a cama. Em vez disso, apagou as luzes e fingiu que estava dormindo.

Avaliando o passado, Adrienne sabia que deveria ter percebido que nada era o que parecia, mas estava ocupada demais com a criação de seus três filhos. Além do mais, tinha consciência de que a paixão entre eles passaria por períodos de declínio. Estava casada havia tempo suficiente para saber disso. Presumiu que tudo voltaria a ser como antes e não se preocupou. Mas isso não aconteceu. Com 41 anos, Adrienne estava preocupada com o relacionamento deles e começara a examinar a seção de autoajuda da livraria – procurando títulos que pudessem aconselhá-la sobre como melhorar o casamento – e às vezes se via ansiando pelo futuro, quando as coisas poderiam desacelerar. Imaginava como seria a vida de avó ou o que Jack e ela fariam quando voltassem a ter tempo para desfrutar da companhia um do outro. Talvez então, pensou, as coisas voltassem a ser o que um dia tinham sido.

Foi mais ou menos nessa época que viu Jack almoçando com Linda Gaston. Adrienne sabia que Linda trabalhava na empresa de Jack, no escritório deles em Greensboro. Embora Linda fosse especializada em direito estadual, enquanto Jack trabalhava com contencioso geral, Adrienne sabia que seus casos às vezes se sobrepunham e exigiam

colaboração, por isso não se surpreendeu ao passar na frente do restaurante e vê-los juntos. Embora Linda não fosse uma amiga íntima, tinha sido convidada muitas vezes a ir à casa deles; elas sempre se deram bem, mesmo Linda sendo dez anos mais nova. Foi só quando Adrienne entrou no restaurante que notou o modo carinhoso com que eles se olhavam. E se deu conta de que estavam de mãos dadas sob a mesa.

Por um longo momento, Adrienne ficou paralisada, mas, em vez de confrontá-los, se virou e saiu antes de terem a chance de vê-la.

Em negação, naquela noite preparou o jantar favorito de Jack e não falou nada sobre o que vira. Fingiu que nada tinha acontecido e, com o tempo, conseguiu se convencer de que se enganara sobre o que havia entre eles. Talvez Linda estivesse passando por um momento difícil e ele a estivesse confortando. Jack era assim. Ou, quem sabe, aquilo fosse uma fantasia passageira que nenhum deles concretizou, um romance platônico e nada mais.

Mas não era. O casamento deles começou a entrar em uma espiral descendente e Jack pediu o divórcio meses depois. Disse que estava apaixonado por Linda. Não queria que aquilo acontecesse e esperava que ela entendesse. Adrienne não entendia e deixou isso claro para ele. Mesmo assim, quando ela completou 42 anos, ele saiu de casa.

Três anos depois, Adrienne ainda achava impossível seguir em frente. Embora eles tivessem guarda compartilhada dos filhos, era apenas no papel. Jack morava em Greensboro e a viagem de três horas de carro era longa o suficiente para manter as crianças com Adrienne durante a maior parte do tempo. Em geral ela ficava grata por isso, mas a pressão de criá-las sozinha testava seus limites todos os dias. À noite, com frequência desabava na cama e continuava acordada porque não podia evitar as perguntas que passavam por sua mente. E embora nunca tivesse confessado para ninguém, às vezes imaginava o que diria se Jack aparecesse à porta e lhe pedisse para aceitá-lo de volta, sabendo no fundo do seu coração que provavelmente diria que sim.

Ela se odiava por isso, mas o que podia fazer?

Não queria aquela vida, não a pedira ou esperara. Tampouco a merecia, pensou. Tinha feito o que mandava o figurino, seguido as regras. Durante dezoito anos, fora fiel. Ignorara os momentos em que Jack bebera demais, levava-lhe café quente quando ele trabalhava até tarde e nunca dizia nada quando ele ia jogar golfe nos fins de semana em vez de ficar com os filhos.

Era apenas sexo que ele procurava? Claro que Linda era mais jovem e mais bonita, mas isso realmente era tão importante para Jack para ele jogar fora todo o resto de sua vida? Os filhos não significavam nada? *Ela* não significava nada? Nem os dezoito anos juntos? E, de qualquer maneira, não tinha sido ela que perdera o interesse – nos últimos anos, sempre que faziam amor, era ela quem tomava a iniciativa. Se o desejo era tão forte, por que ele não fizera nada a respeito?

Ou era porque ele a achava entediante? É claro que não tinham muitas histórias novas para contar. Com o passar dos anos, a maioria dessas histórias tinha sido reciclada em versões ligeiramente diferentes e ambos já sabiam o final delas depois de apenas algumas palavras. Em vez disso, faziam o que Adrienne achava que a maioria dos casais fazia: ela lhe perguntava como fora o trabalho, ele perguntava sobre os filhos e eles falavam sobre a última excentricidade de um membro da família ou sobre o que estava acontecendo na cidade. Houve momentos em que até mesmo Adrienne desejou algo mais interessante sobre o que conversar. Será que ele não entendia que dali a alguns anos aconteceria o mesmo com Linda?

Aquilo não era justo. Até mesmo seus amigos tinham dito isso, e ela achou que estivessem do seu lado. Podiam até estar, mas tinham um modo estranho de demonstrar. No mês anterior, ela fora a uma festa de Natal de um casal que conhecia havia anos e Jack e Linda estavam lá. Assim era a vida em uma cidade pequena do sul – as pessoas perdoavam esse tipo de coisa –, mas Adrienne não pôde evitar se sentir traída.

Além da mágoa e da traição, ela se sentia solitária. Não havia tido nenhum encontro desde o dia em que Jack saíra de casa. Em Rocky Mount, solteiros na casa dos 40 era algo escasso e os que havia não eram necessariamente o tipo de homem que ela queria. A maioria tinha um

passado complicado e Adrienne achava que não conseguiria carregar nada além da própria bagagem. No início, disse a si mesma para ser seletiva, e quando pensou que estivesse pronta para voltar ao mundo dos encontros fez uma lista mental das características que procurava. Queria alguém inteligente, gentil e atraente. Mais importante do que isso, alguém que aceitasse o fato de ela estar criando três adolescentes. Achava que isso pudesse ser um problema, mas como seus filhos eram muito autossuficientes não acreditou que seria o tipo de obstáculo que desencorajaria a maioria dos homens.

Ela estava errada.

Nos últimos três anos, ninguém a convidara para sair e, recentemente, passara a acreditar que isso nunca mudaria. O bom e velho Jack podia se divertir, podia ler o jornal durante o café da manhã ao lado de uma mulher mais jovem, mas para Adrienne isso simplesmente não estava no script.

E, é claro, havia as preocupações financeiras.

Jack havia lhe dado a casa e pagava a pensão fixada pelo tribunal na época, mas não era o bastante para fechar as contas. Apesar de Jack ganhar bem enquanto eles estavam casados, não haviam poupado o suficiente. Como muitos casais, passaram anos no interminável ciclo de gastar mais do que ganhavam. Trocavam de carro com frequência e sempre viajavam nas férias; quando as televisões de tela plena surgiram no mercado, foram a primeira família do bairro a ter uma em casa. Ela sempre havia achado que Jack estava poupando para o futuro, já que era ele quem lidava com o dinheiro. Mas não estava, e Adrienne teve de arranjar um emprego de meio expediente na biblioteca local. Embora não estivesse muito preocupada consigo mesma ou com os filhos, temia por seu pai.

Um ano após o divórcio, seu pai tivera um derrame, e depois mais três em rápida sucessão. Agora precisava de cuidados 24 horas por dia. A clínica para idosos que encontrara para ele era excelente, mas como filha única tinha a responsabilidade de pagar por ela. A parte do dinheiro que lhe restara do acordo era suficiente para pagar por mais um ano, mas depois disso não sabia o que faria. Tudo o que ganhava na biblioteca já tinha destino certo. Quando Jean havia lhe perguntado se ela poderia tomar

conta da pousada em sua ausência, devia ter desconfiado que Adrienne estava enfrentando dificuldades financeiras e deixara mais dinheiro do que o necessário para os suprimentos. Seu bilhete dizia para Adrienne ficar com o resto como pagamento por sua ajuda. Adrienne ficou grata por aquilo, mas a caridade de amigos feria seu orgulho.

No entanto, o dinheiro era apenas parte de suas preocupações com o pai. Às vezes Adrienne achava que ele era a única pessoa que sempre estivera a seu lado. Precisava dele, especialmente agora. Conversar com ele em suas visitas era uma espécie de fuga para ela, e a ideia de que isso pudesse terminar a apavorava.

O que seria dele? E dela?

Adrienne balançou a cabeça, forçando-se a afastar essas perguntas. Não queria pensar em nada disso, sobretudo agora. Jean tinha dito que tomar conta da pousada seria tranquilo – só havia um quarto reservado –, e Adrienne esperara que esse período por lá fosse clarear sua mente. Queria andar na praia ou ler alguns romances que estavam em sua mesa de cabeceira havia meses; queria pôr os pés para cima e observar as toninhas brincando nas ondas. Esperara encontrar alívio, mas na varanda da pousada desgastada pelo mar em Rodanthe, esperando a tempestade que estava por vir, sentiu-se esmorecer. Ela era uma mulher de meia-idade sozinha, frágil e sobrecarregada de trabalho. Seus filhos estavam enfrentando dificuldades, seu pai estava doente e ela não sabia ao certo como conseguiria seguir em frente.

Foi quando começou a chorar e, minutos depois, ao ouvir passos na varanda, se virou e viu Paul Flanner pela primeira vez.



Paul já vira pessoas chorarem talvez milhares de vezes, mas geralmente nos confins de uma sala de espera de hospital, ao acabar uma cirurgia, ainda com as roupas do centro cirúrgico. Para ele, esse uniforme tinha

servido como uma espécie de escudo contra a natureza pessoal e emocional de seu trabalho. Nunca chorara na presença daqueles com quem falara e tampouco conseguia se lembrar de seus rostos. Não se orgulhava de admitir isso, mas essa era a pessoa que um dia fora.

Naquele momento, porém, ao olhar para os olhos vermelhos da mulher na varanda, sentiu-se um intruso. Seu primeiro instinto foi erguer as velhas defesas. Mas havia algo nela que tornava isso impossível. Podia ser o cenário ou o fato de estar só; de qualquer maneira, a onda de empatia que o invadiu foi uma sensação estranha que o pegou totalmente desprevenido.

Esperando que ele fosse chegar mais tarde, Adrienne tentou superar seu constrangimento por ter sido flagrada naquele estado. Forçando um sorriso, enxugou as lágrimas, tentando fingir que tinham sido causadas pelo vento.

Contudo, ao se virar para ele não pôde evitar fitá-lo.

São os olhos, pensou. Eram azuis, tão claros que pareciam quase translúcidos, mas tinham uma intensidade que nunca vira.

Ele me conhece, pensou subitamente. *Ou poderia me conhecer se eu lhe desse uma chance*.

Tão rápido quanto esses pensamentos vieram, ela os descartou, achando-os ridículos. Não, decidiu, não havia nada de incomum no homem em pé à sua frente. Era só o hóspede de que Jean lhe falara. Como ela não estava ao balcão, ele fora até ali à sua procura; era isso. Então se viu avaliando-o como os estranhos costumam fazer.

Embora ele não fosse tão alto quanto Jack – tinha cerca de 1,80 metro de altura –, era magro e estava em boa forma. O suéter que usava era caro e não combinava com sua calça jeans desbotada, mas de algum modo ficava bem nele. Seu rosto era anguloso, marcado por rugas na testa que sugeriam anos de concentração forçada. Os cabelos grisalhos eram curtos e havia mechas brancas perto das orelhas. Calculou que ele estava na casa dos 50, mas não conseguiu determinar mais do que isso.

Naquele momento, Paul pareceu perceber que a estava encarando e abaixou os olhos.

– Sinto muito – murmurou. – Não tive a intenção de interromper. – Ele apontou por cima do ombro. – Vou esperar lá dentro. Não tenha pressa.

Adrienne balançou a cabeça, tentando deixá-lo à vontade.

– Tudo bem. Eu ia entrar mesmo.

Ao fitá-lo, reparou em seus olhos mais uma vez. Estavam mais suaves agora, estreitados com um indício de lembrança, como se ele estivesse pensando em algo triste, mas tentasse esconder. Adrienne estendeu o braço para pegar sua xícara de café, usando isso como desculpa para se virar.

Quando Paul deixou a porta aberta, ela lhe fez um sinal com a cabeça para ir. Enquanto ele andava à sua frente pela cozinha, em direção à recepção, Adrienne ficou admirando seu físico atlético e corou levemente, perguntando-se o que dera nela. Censurando-se, foi para trás do balcão. Conferiu o nome no livro de reservas e ergueu os olhos.

– Paul Flanner, certo? Vai ficar cinco noites, indo embora na terça de manhã?

– Sim. – Ele hesitou. – É possível conseguir um quarto com vista para o mar?

Adrienne pegou o formulário de registro.

– Claro. Na verdade, pode ficar com qualquer quarto do andar de cima. É o único hóspede com reserva para este fim de semana.

– Qual deles você recomenda?

– Todos são bons, mas eu ficaria com o quarto azul se fosse você.

– Por quê?

– Porque ele tem as cortinas mais escuras. Se dormir no amarelo ou no branco, acordará ao raiar do dia. As venezianas não ajudam muito e o sol nasce bem cedo. As janelas desses quartos dão para o leste. – Adrienne deslizou o formulário na direção de Paul e pôs a caneta ao lado dele. – Pode assinar aqui?

– Claro.

Adrienne observou-o assinar, pensando que suas mãos combinavam com seu rosto. Os nós dos dedos eram proeminentes, como os de um homem mais velho, mas seus movimentos eram precisos e calculados. Viu

que ele não estava usando uma aliança de casamento – não que isso importasse.

Paul pôs a caneta de lado, pegou o formulário e se certificou que o preenchera corretamente. Seu endereço estava registrado aos cuidados de um advogado em Raleigh. Adrienne pegou uma chave no quadro ao lado, hesitou e depois escolheu mais duas.

– Ok, tudo certo aqui. Quer ver seu quarto agora?

– Por favor.

Paul deu um passo para trás enquanto ela contornava a escrivaninha e ia na direção da escada. Pegou suas mochilas e a seguiu. Quando Adrienne chegou à escada, parou para esperá-lo. Apontou para a sala de estar.

– Há café e alguns biscoitos ali. Fiz o café há uma hora, então ainda ficará fresco por algum tempo.

– Eu vi quando entrei. Obrigado.

Havia quatro quartos no andar de cima: um voltado para a frente de casa e três com vista para o mar. Nas portas, Paul não viu placas com números, mas palavras – Bodie, Hatteras e Cape Lookout – e as reconheceu como os nomes dos faróis ao longo de Outer Banks.

– Pode escolher – disse Adrienne. – Trouxe as três chaves, para o caso de gostar mais de outro.

Paul olhou para as três portas.

– Qual é o azul?

– Ah, eu que o chamo assim. Jean o chama de Suíte Bodie.

– Jean?

– É a dona. Só estou tomando conta das coisas enquanto ela está fora.

As alças das mochilas estavam machucando o ombro de Paul e ele as mudou de posição enquanto Adrienne abria a porta. Quando ele entrou, ela sentiu uma mochila bater nela.

Paul olhou ao redor. O quarto era exatamente como imaginara: simples e limpo, mas com mais personalidade do que os quartos típicos de hotéis à beira-mar. Havia uma cama de dossel centralizada abaixo da janela com uma mesa de cabeceira ao lado. Um ventilador de teto zumbia e girava devagar. No canto oposto, perto de um grande quadro do farol Bodie, havia

uma porta que Paul presumiu levar ao banheiro. Ao longo da parede próxima havia uma cômoda desgastada que parecia estar ali desde que a pousada fora construída.

Com exceção dos móveis, quase tudo era pintado em vários tons de azul. O capacho no chão era azul-claro, a manta e as cortinas, azul-marinho, e o abajur na mesinha de cabeceira era de um tom intermediário e brilhante, como a pintura de um carro novo. Embora a cômoda e a mesinha fossem brancas, tinham sido decoradas com motivos marítimos. Até o telefone era azul, o que o fazia parecer de brinquedo.

– O que acha?

– É definitivamente azul.

– Quer ver os outros quartos?

Paul pôs as mochilas no chão enquanto olhava para a janela.

– Não, este está ótimo. Mas posso abrir a janela? Está um pouco abafado aqui.

– Fique à vontade.

Paul atravessou o quarto, abriu o trinco e ergueu o painel. Como a casa fora pintada muitas vezes ao longo dos anos, a janela emperrou depois de subir uns 3 centímetros. Paul tentou erguê-la mais um pouco e Adrienne viu os músculos rijos dos antebraços dele se contraírem e relaxarem.

Ela pigarreou.

– Acho que você deveria saber que é a primeira vez que fico responsável pela pousada – falou. – Vim aqui muitas vezes, mas sempre quando Jean estava. Então, se não estiver satisfeito com alguma coisa, não hesite em me dizer.

Paul se virou. De costas para o vidro, seus traços se perderam nas sombras.

– Não se preocupe – disse ele. – Não sou muito exigente.

Adrienne sorriu enquanto tirava a chave da porta.

– Ok. Agora as coisas que Jean me pediu para avisar. Há um aquecedor debaixo da janela; é só ligar se quiser. Só tem duas regulagens e no início ele faz alguns barulhos, mas depois de alguns minutos para. Há toalhas

limpas no banheiro; se precisar de mais, é só me dizer. E embora pareça demorar uma eternidade, a água quente finalmente sairá. Eu prometo.

Adrienne viu o sorriso de Paul enquanto ela continuava:

– E a menos que chegue mais algum hóspede neste fim de semana, e não espero que isso aconteça a não ser que alguém fique preso por causa da tempestade, podemos comer quando você quiser. Normalmente Jean serve o café às oito da manhã e o jantar às sete da noite, mas se estiver ocupado nesses horários é só me dizer e eu faço os ajustes necessários.

– Obrigado.

Adrienne parou, tentando lembrar se havia algo mais para dizer.

– Ah, outra coisa: o telefone está programado para só fazer chamadas locais. Se quiser fazer ligações de longa distância, terá de usar um cartão telefônico ou ligar a cobrar.

– Está bem.

Ela parou à porta.

– Alguma pergunta?

– Acho que você já me disse tudo. Exceto, é claro, o óbvio.

– O quê?

– Seu nome.

Ela pôs a chave sobre a cômoda ao lado da porta e sorriu.

– Adrienne. Adrienne Willis.

Paul atravessou o quarto e, surpreendendo-a, estendeu-lhe a mão.

– Prazer em conhecê-la, Adrienne.

6

Paul tinha ido a Rodanthe a pedido de Robert Torrelson e, enquanto tirava alguns itens da mochila e os colocava nas gavetas, se perguntou novamente o que Robert queria lhe dizer ou se esperava que o próprio Paul conduzisse a maior parte da conversa.

Jill Torrelson o procurara porque tinha um meningioma. Um cisto benigno que não representava uma ameaça à vida, mas era ruim, para dizer o mínimo. O meningioma estava do lado direito do rosto, estendendo-se da ponte do nariz até a bochecha e formando uma massa roxa bulbosa coberta por cicatrizes nos pontos em que ulcerara ao longo dos anos. Paul havia operado dezenas de pacientes com meningioma e recebido muitas cartas de agradecimento pelo que fizera.

Havia pensado sobre isso mil vezes e ainda não sabia por que ela morrera. Tampouco parecia que a ciência podia fornecer a resposta. A autópsia de Jill tinha sido inconclusiva. No início, os médicos-legistas presumiram que ela tivera algum tipo de embolia, mas não conseguiram encontrar nenhuma evidência disso. Depois se concentraram na ideia de que tivera uma reação alérgica à anestesia ou medicação pós-cirúrgica, mas isso também foi descartado. Tampouco tinha sido negligência da parte de Paul; a cirurgia correra sem nenhum problema e o legista não encontrara nada fora do comum com o procedimento ou algo que pudesse ser indiretamente responsável pela morte de Jill.

A fita de vídeo tinha confirmado isso. Como o meningioma era considerado típico, o procedimento fora filmado pelo hospital para possível uso pelo corpo docente. Depois a fita fora assistida pela equipe

cirúrgica do hospital e por três cirurgiões de fora do estado. Mais uma vez, não descobriram nada errado.

Algumas condições médicas foram mencionadas no relatório. Jill Torrelson estava acima do peso e apresentava espessamento arterial; mais à frente, poderia ter precisado de uma ponte de safena. Era diabética e, como fumara durante a vida inteira, tinha um início de enfisema, embora mais uma vez nada disso representasse uma ameaça e explicasse de forma adequada o que acontecera.

Aparentemente não havia nenhum motivo para a morte de Jill Torrelson; era como se Deus apenas a tivesse chamado.

Como muitos outros em sua situação, Robert Torrelson abriu um processo de morte por negligência contra Paul, o hospital e o anestesista. Paul, como a maioria dos cirurgiões, estava coberto por seguro contra erro médico. Como de costume, foi instruído a não falar com Robert Torrelson sem a presença de um advogado e, mesmo assim, somente se estivesse prestando depoimento e Robert estivesse na sala.

O caso não chegou a lugar nenhum por um ano. Ao receber o relatório da autópsia, o advogado de Robert contratou outro cirurgião para rever a fita de vídeo. Quando os advogados da seguradora e do hospital começaram a solicitar medidas judiciais para atrasar o processo e aumentar os custos, ele pintou um triste quadro do que seu cliente estava enfrentando. Embora não dissessem isso diretamente, os advogados da seguradora esperavam que Robert desistisse do processo.

A ação era como as outras poucas movidas contra Paul Flanner ao longo dos anos. A diferença era que Paul recebera um bilhete pessoal de Robert Torrelson dois meses antes.

Não precisaria tê-lo guardado para se lembrar do que estava escrito.

Caro Dr. Flanner,

Gostaria de falar com o senhor pessoalmente. É muito importante para mim.

Por favor.

Robert Torrelson

No fim do texto, deixara seu endereço.

Depois de ler o bilhete, Paul o mostrara para os advogados e eles recomendaram fortemente que o ignorasse. Seus antigos colegas no hospital também. “Deixe isso para lá”, disseram. “Quando tudo terminar, poderemos marcar um encontro com ele, se ainda quiser conversar.”

Mas havia algo na simples súplica acima da assinatura cuidadosa de Robert Torrelson que tocou Paul, e ele decidiu não lhes dar ouvidos.

Em sua opinião, já ignorara coisas de mais.



Paul vestiu seu casaco, desceu a escada, saiu e se dirigiu ao carro. No banco dianteiro, pegou a bolsa de couro contendo seu passaporte e a passagem aérea, mas em vez de voltar para a pousada, deu a volta na casa.

Do lado da praia o vento soprava frio e ele parou por um momento para fechar o zíper do casaco. Apertando a bolsa de couro sob o braço, enfiou as mãos dentro do casaco e abaixou a cabeça, sentindo a brisa fustigar seu rosto.

O céu o fez se lembrar das cores que vira em Baltimore antes das tempestades de neve que tingiam o mundo de tons cinzentos. À distância, avistou um pelicano deslizando logo acima da água, as asas cortando o ar. Perguntou-se para onde a ave iria quando a chuva chegasse ao auge de sua força.

Perto da água, parou. As ondas rolavam em duas posições diferentes, e quando colidiam lançavam nuvens de espuma para cima. O ar estava úmido e gelado. Olhando por cima do ombro, viu a luz amarela da cozinha da pousada. Adrienne passou como uma sombra pela janela e depois desapareceu de vista.

Tentaria falar com Robert Torrelson na manhã seguinte. A tempestade era esperada para a parte da tarde, provavelmente continuaria durante todo o fim de semana, e aí ele não poderia fazer nada. Também não queria

esperar até segunda-feira; seu voo partiria de Dulles na terça à tarde, e ele teria que sair de Rodanthe antes das nove da manhã. Não podia correr o risco de não falar com Torrelson. Considerando a tempestade que estava por vir, era melhor fazer isso logo para não correr o risco de um imprevisto. Até segunda-feira os postes de eletricidade poderiam ter sido derrubados, haveria risco de enchentes ou Torrelson poderia estar cuidando só Deus sabia do que após a tempestade.

Paul nunca tinha ido a Rodanthe, mas achava que não demoraria a encontrar a casa. A cidade parecia ter só algumas dezenas de ruas. Poderia percorrê-las em menos de uma hora.

Depois de alguns minutos na areia, Paul se virou para voltar à pousada. Nesse momento, avistou Adrienne Willis na janela.

Tinha gostado do sorriso dela.



Da janela, Adrienne se pegou olhando para Paul Flanner enquanto ele voltava da praia.

Estava tirando as compras das sacolas e tentando colocá-las nos armários certos. Havia comprado naquela tarde os itens que Jean recomendara, mas agora se perguntava se deveria ter esperado Paul chegar para lhe perguntar o que ele desejava comer.

A chegada dele a deixara intrigada. Jean lhe contara que pretendia fechar a pousada após o ano-novo e só reabri-la em abril, mas Paul telefonara seis semanas antes e se propusera a pagar o dobro da diária se ela mantivesse o lugar aberto por mais alguns dias.

Paul não estava de férias, Adrienne tinha certeza. Não só porque Rodanthe não era um destino popular no inverno, mas também porque ele não parecia estar. E seu comportamento ao fazer o check-in não era o de alguém que fora ali para relaxar.

Ele também não mencionara nada sobre ter ido visitar parentes, o que provavelmente significava que estava ali a negócios. Mas isso também não fazia muito sentido. Além da pesca e do turismo, não havia muitos negócios em Rodanthe e, com exceção das empresas que serviam aos próprios moradores, a maioria fechava durante o inverno.

Adrienne ainda estava tentando chegar a uma conclusão sobre isso quando o ouviu subindo a escada dos fundos e batendo a areia dos pés na entrada.

Logo depois, a porta se abriu com um rangido e Paul entrou na cozinha. Quando ele tirou o casaco, ela notou que a ponta de seu nariz estava vermelha.

– Acho que a tempestade está se aproximando – comentou ele. – A temperatura caiu pelo menos uns dez graus desde esta manhã.

Adrienne pôs uma caixa de *croutons* no armário e olhou por cima do ombro enquanto respondia:

– Eu sei. Tive de ligar o aquecimento. A energia elétrica na casa não é das melhores. Realmente deu para sentir o vento entrando pelas janelas. Uma pena o tempo não estar bom durante sua estadia.

Paul esfregou os braços.

– Acontece. Ainda tem café? Acho que preciso de uma xícara para me aquecer.

– Agora já deve estar velho. Vou fazer um fresco. Só vai levar alguns minutos.

– Se não for atrapalhar...

– De modo algum. Acho que também preciso de uma xícara.

– Obrigado. Vou só deixar o casaco no quarto, dar uma lavada no rosto e já estarei de volta.

Ele deu um sorriso antes de sair da cozinha e Adrienne soltou o ar dos pulmões, sem ter se dado conta de que prendera a respiração. Na ausência de Paul, pegou um punhado de grãos frescos, trocou o filtro e começou a fazer o café. Pegou o bule de prata, despejou seu conteúdo na pia e o lavou. Enquanto fazia isso, ouviu os passos dele no quarto acima.

Embora Adrienne já soubesse que Paul seria o único hóspede naquele fim de semana, não se dera conta de quão estranho seria estar sozinha na casa com ele. Ou sozinha e ponto final. Claro que seus filhos tinham as atividades deles e lhe sobrava algum tempo a sós de vez em quando, mas nunca era muito. Eles podiam voltar a qualquer momento. Além disso, eram da família. Não era a mesma situação em que estava agora. Não podia evitar a sensação de estar vivendo a vida de outra pessoa, uma existência cujas regras não conhecia muito bem.

Serviu-se de uma xícara de café e despejou o resto no bule. Estava colocando o recipiente de volta na bandeja na sala de estar quando ouviu Paul descendo a escada.

– Bem na hora – disse ela. – O café está pronto. Quer que eu acenda a lareira?

Quando Paul entrou na sala, Adrienne sentiu um aroma de água de colônia. Ele estendeu o braço por trás dela para pegar uma xícara.

– Por mim, não, está bom assim. Talvez mais tarde.

Adrienne assentiu com a cabeça e deu um pequeno passo para trás.

– Bem, se precisar de alguma coisa, estarei na cozinha.

– Achei que você tivesse dito que queria uma xícara.

– Já peguei uma. Deixei lá no balcão.

Ele ergueu os olhos.

– Não vai se juntar a mim?

Houve uma nota de expectativa no modo como ele falou, como se realmente quisesse que ela ficasse.

Adrienne hesitou. Jean era boa em conversar com estranhos, mas ela não. Ao mesmo tempo, ficou lisonjeada com o convite dele, embora não soubesse ao certo por quê.

– Tudo bem – disse finalmente. – Já volto com a minha xícara.

Quando retornou, Paul estava sentado em uma das duas cadeiras de balanço perto da lareira. Aquele sempre fora o cômodo favorito de Adrienne na pousada, com sua parede cheia de fotografias em preto e branco da vida em Outer Banks na década de 1920 e uma longa prateleira de livros desgastados pelo manuseio. Duas janelas ao longo da parede

oposta davam para o oceano. Havia uma pequena pilha de lenha perto da lareira junto a um recipiente com gravetos para acender o fogo, como a promessa de uma noite aconchegante com a família.

Paul segurava a xícara de café no colo, balançando para a frente e para trás e apreciando a vista. O vento movia a areia e a névoa se aproximava, dando uma ilusão de crepúsculo. Adrienne se sentou na poltrona ao lado da dele e, por um momento, observou a cena em silêncio, tentando não ficar nervosa.

Paul se virou para ela.

– Acha que a tempestade vai nos varrer do mapa amanhã?

Adrienne passou a mão pelos cabelos.

– Duvido muito. Este lugar está de pé há sessenta anos e ainda não foi varrido do mapa.

– Você já esteve aqui durante uma tempestade vinda do nordeste? Quero dizer, uma grande como a que está prevista?

– Não. Mas Jean sim, então não pode ser tão ruim assim. Porém ela é daqui, talvez esteja acostumada.

Enquanto ela falava, Paul a avaliou. Alguns anos mais nova do que ele, com os cabelos castanho-claros ligeiramente cacheados cortados na altura dos ombros. Não era magra, mas também não estava acima do peso; para ele, o corpo de Adrienne era sedutor de um modo que desafiava os padrões irreais da TV ou das revistas. Ela tinha uma leve saliência no nariz e algumas rugas em volta dos olhos e dos lábios, que só a tornavam mais interessante.

– E você disse que ela é sua amiga?

– Nós nos conhecemos na universidade. Jean era uma das minhas colegas de quarto e ficamos amigas naquela época. Esta casa era dos avós dela, mas seus pais a transformaram em uma pousada. Depois que você fez a reserva do quarto ela me ligou, porque tinha de ir a um casamento fora da cidade.

– Mas você não mora aqui?

– Não, moro em Rocky Mount. Conhece?

– Conheço, sim. Costumava passar por lá nas minhas viagens para Greenville.

Ao ouvir isso, Adrienne se perguntou novamente sobre o endereço que ele pusera no formulário de registro. Tomou um gole de café e pousou a xícara no colo.

– Sei que não é da minha conta, mas o que está fazendo aqui? Não precisa responder se não quiser. Só estou curiosa.

Paul mudou de posição na cadeira.

– Preciso ter uma conversa com uma pessoa.

– É uma longa viagem de carro para ter uma conversa.

– Não tive muita escolha. Ele queria falar comigo pessoalmente.

A voz de Paul soou tensa e distante e, por um momento, ele pareceu perdido em pensamentos. Em meio ao silêncio, Adrienne ouviu a bandeira tremulando na frente da casa.

Paul colocou sua xícara na mesa próxima a eles.

– O que você faz? – perguntou finalmente, sua voz calorosa de novo. – Além de tomar conta de pousadas de amigas?

– Eu trabalho na biblioteca pública.

– Trabalha?

– Você parece surpreso.

– Acho que estou. Esperava que você dissesse algo diferente.

– Como o quê?

– Para ser sincero, não sei ao certo, mas não isso. Você não parece ter idade para ser uma bibliotecária. Na minha cidade, todas estão na casa dos 60 anos.

Adrienne sorriu.

– É um emprego de meio expediente. Tenho três filhos, então faço as coisas de mãe também.

– Quantos anos eles têm?

– Têm 18, 17 e 15.

– Dão muito trabalho?

– Não, não muito. Desde que eu acorde às cinco e não vá dormir antes da meia-noite, não é tão ruim.

Ele deu uma risadinha e Adrienne sentiu que começava a relaxar.

– E você? Tem filhos?

– Só um. – Por um momento ele abaixou os olhos, mas depois voltou a fitá-la. – Ele é médico no Equador.

– Ele mora lá?

– Por enquanto. É voluntário há alguns anos em uma clínica perto de Esmeraldas.

– Você deve ter orgulho dele.

– Tenho. – Ele fez uma pausa. – Mas, para ser sincero, ele deve ter puxado isso da minha mulher. Ou melhor, da minha ex-mulher. É mais obra dela do que minha.

Adrienne sorriu.

– É bom ouvir isso.

– O quê?

– Que você ainda aprecia as boas qualidades dela. Quero dizer, embora esteja divorciado. Não conheço muitas pessoas que dizem essas coisas depois da separação. Geralmente, quando falam de seus ex-cônjuges, é só sobre o que deu errado, sobre tudo de ruim que a outra pessoa fez.

Paul se perguntou se ela estava falando por experiência própria e achou que sim.

– Fale-me sobre seus filhos, Adrienne. O que eles gostam de fazer?

Ela tomou outro gole de café, pensando em como era estranho ouvi-lo dizer o nome dela.

– Meus filhos? Ah, bem, vamos ver... Matt era *quarterback* titular do time de futebol e agora joga na defesa do time de basquete. Amanda adora teatro e acabou de ganhar o papel de Maria em *Amor, sublime amor*. E Dan... bem, atualmente também está jogando basquete, mas ano que vem acha que vai se dedicar à luta livre. O treinador está lhe implorando para tentar desde que o viu no acampamento de esportes no verão passado.

Paul ergueu as sobrancelhas.

– Impressionante.

– O que posso dizer? Devem ter puxado à mãe – gracejou Adrienne.

– Por que isso não me surpreende?

Ela sorriu.

– É claro que essas são apenas as partes boas. Se eu tivesse lhe falado sobre as variações de humor e comportamento, ou lhe mostrado seus quartos bagunçados, provavelmente você pensaria que sou uma péssima mãe.

Paul sorriu.

– Duvido muito. Pensaria apenas que você é mãe de adolescentes.

– Em outras palavras, você está me dizendo que seu filho, o médico consciencioso, também passou por isso, então eu não deveria perder as esperanças?

– Deve ter passado.

– Mas não tem certeza?

– Na verdade, não. – Ele fez uma pausa. – Eu não fui um pai tão presente quanto deveria. Houve uma época em que eu trabalhava demais.

Adrienne percebeu que era difícil para ele admitir aquilo e se perguntou por que o fizera. Antes de chegar a alguma conclusão, o telefone tocou e ambos se viraram na direção do aparelho.

– Com licença – disse Adrienne, se levantando. – Tenho que atender.

Paul a observou se afastar, notando mais uma vez o quanto era atraente. Apesar do rumo que sua clínica havia tomado nos últimos anos, ele sempre se interessara menos pela aparência do que pelas qualidades interiores: bondade e integridade, senso de humor e sensibilidade. Sem dúvida, Adrienne possuía todas essas características, mas Paul tinha a sensação de que não tinham sido apreciadas durante muito tempo, talvez nem mesmo por ela.

Dava para ver que Adrienne estava nervosa quando se sentou perto dele pela primeira vez. Paul achou isso estranhamente cativante. Com muita frequência, sobretudo em sua área de trabalho, as pessoas pareciam querer impressionar, sempre tentando dizer as coisas certas e exibindo suas aptidões. Outras falavam sem parar, engrenando em um monólogo, e não há nada mais entediante do que uma pessoa petulante. Nenhuma dessas características parecia se aplicar a Adrienne.

E tinha de admitir que era bom conversar com alguém que não o conhecia. Durante os últimos meses, se alternara entre períodos de solidão e outros em que evitava as pessoas e suas perguntas sobre estar se sentindo bem ou não. Mais de uma vez, colegas indicaram um bom terapeuta, dizendo que os ajudara. Paul tinha ficado farto de explicar que sabia o que estava fazendo e tinha certeza de sua decisão. E ficara ainda mais cansado dos olhares de preocupação recebidos em resposta.

Mas havia algo em Adrienne que lhe dava a impressão de que ela entenderia o que ele estava passando. Não sabia explicar por que se sentia assim ou por que isso importava. Mas, de qualquer modo, tinha certeza disso.

7

Alguns minutos depois, Paul pôs sua xícara vazia na bandeja e a levou para a cozinha.

Ao chegar lá, Adrienne ainda estava ao telefone, de costas para ele, apoiada no balcão, com as pernas cruzadas e enrolando uma mecha de cabelo entre os dedos. Pelo tom, Paul percebeu que ela estava prestes a desligar e pôs a bandeja sobre o balcão.

– Sim, recebi seu bilhete... aham... sim, ele já chegou...

Houve uma longa pausa enquanto Adrienne ouvia e, quando falou de novo, sua voz estava mais baixa:

– Está dando no noticiário o dia inteiro... Pelo que ouvi dizer, deve ser bem forte... Ah, está bem... debaixo da casa?... Sim, acho que posso fazer isso... quero dizer, não deve ser muito difícil, certo?... De nada... Divirta-se no casamento... Tchau.

Paul estava pondo sua louça na pia quando Adrienne se virou.

– Você não precisava trazer a xícara para cá – disse ela.

– Eu sei, mas estava vindo nesta direção. Queria saber o que teremos para o jantar.

– Está com fome?

Paul abriu a torneira.

– Um pouco. Mas posso esperar, se você preferir.

– Não, também estou ficando com fome. – Então, vendo o que ele estava prestes a fazer, acrescentou: – Deixe isso comigo. Você é o hóspede.

Paul deu um passo para o lado enquanto Adrienne se juntava a ele perto da pia. Ela lavou as xícaras e o bule enquanto falava:

– Suas opções são frango, bife ou massa com molho cremoso. Posso fazer o que quiser, mas devo avisar que o que não comer hoje, provavelmente comerá amanhã. Não posso garantir que encontraremos alguma loja aberta este fim de semana.

– Qualquer coisa está bom. Pode escolher.

– Frango? Já está descongelado.

– Ótimo.

– E eu estava pensando em batatas e vagens para acompanhar.

– Parece ótimo.

Adrienne enxugou as mãos em uma folha de papel-toalha e depois pegou o avental que estava pendurado no puxador do forno. Pondo-o sobre seu suéter, continuou:

– Que tal uma salada também?

– Só se você quiser fazer. Se não, tudo bem.

Ela sorriu.

– Puxa, você não estava brincando quando disse que não era exigente.

– Meu lema é: desde que eu não tenha que cozinhar, como qualquer coisa.

– Não gosta de cozinhar?

– Nunca tive que fazer isso. Martha, minha ex, estava sempre testando receitas novas. E desde que ela foi embora, tenho comido fora todas as noites.

– Bem, tente não me colocar nos padrões dos restaurantes. Sei cozinhar, mas não sou uma chef. Em geral meus filhos estão mais interessados em quantidade do que em originalidade.

– Com certeza ficará ótimo. Mas terei todo o prazer em ajudá-la.

Adrienne olhou para ele, surpresa com a oferta.

– Só se você quiser. Se preferir relaxar lá em cima ou ler, posso lhe avisar quando estiver pronto.

Ele balançou a cabeça.

– Eu não trouxe nada para ler e não conseguirei dormir à noite se me deitar agora.

Ela hesitou por um instante, antes de finalmente apontar para a porta do outro lado da cozinha.

– Bem... obrigada. Pode começar descascando as batatas. Estão ali na despensa, na segunda prateleira, perto do arroz.

Paul seguiu o dedo dela. Enquanto Adrienne abria a geladeira para tirar o frango, observou-o pelo canto do olho, achando que era bom, e um pouco desconcertante, saber que ele a estava ajudando na cozinha. Isso sugeria uma familiaridade que a deixou ligeiramente desestabilizada.

– Tem alguma coisa para beber? – perguntou Paul atrás dela. – Quero dizer, na geladeira?

Adrienne afastou para o lado alguns itens antes de olhar para a prateleira de baixo. Havia três garrafas deitadas, mantidas no lugar por um vidro de picles.

– Gosta de vinho?

– De que tipo?

Adrienne pôs o frango sobre o balcão e depois pegou uma das garrafas.

– É um pinot grigio. É bom?

– Nunca experimentei. Quase sempre bebo chardonnay. Você já provou?

– Não.

Ele atravessou a cozinha com as batatas na mão. Depois de colocá-las sobre o balcão, pegou o vinho. Adrienne o viu estudar o rótulo por um momento antes de erguer os olhos.

– Parece bom. Aqui diz que tem toques de maçã e laranja, então não pode ser ruim. Sabe onde posso encontrar um saca-rolhas?

– Acho que vi um em uma das gavetas por aqui. Deixe-me procurar.

Adrienne abriu a gaveta abaixo e depois a do lado, sem sorte. Quando finalmente o localizou, entregou-o a Paul, sentindo os dedos roçarem nos dele. Com alguns movimentos rápidos, Paul tirou a rolha e a pôs de lado. Havia taças penduradas sob o armário perto do fogão. Paul pegou uma e hesitou.

– Quer que eu lhe sirva uma taça?

– Por que não? – disse Adrienne, ainda com a sensação do toque dele.

Paul encheu duas taças e entregou-lhe uma. Sentiu o aroma da bebida e depois tomou um gole enquanto Adrienne fazia o mesmo. Quando o sabor permaneceu no fundo de sua garganta, ela se pegou ainda tentando entender suas sensações.

– O que achou? – perguntou Paul.

– É bom.

– Também gostei. – Ele girou o líquido dentro da taça. – Na verdade, é melhor do que pensei que seria. Tenho que me lembrar disso.

Adrienne sentiu um súbito impulso de se afastar e deu um pequeno passo para trás.

– Bem, vou começar a preparar o frango.

– Acho que essa é minha deixa para começar a trabalhar.

Enquanto Adrienne procurava a fôrma de assar debaixo do forno, Paul pôs sua taça no balcão e foi para a pia. Abriu a torneira e lavou as mãos. Adrienne notou que ele as lavou na palma e no dorso e depois cada dedo individualmente. Ela ligou o forno, regulou a temperatura e ouviu o clique da chama se acendendo.

– Tem algum descascador à mão? – perguntou ele.

– Procurei um mais cedo e não achei, então você terá de usar uma faca de ponta. Tudo bem?

Paul riu baixinho.

– Acho que consigo. Sou um cirurgião.

Assim que ele disse isso, tudo fez sentido: as rugas em seu rosto, a intensidade em seu olhar, o modo como lavara as mãos. Adrienne se perguntou por que não pensara nisso antes. Paul ficou ao lado dela, estendeu a mão para as batatas e começou a lavá-las.

– Você era médico em Raleigh? – perguntou ela.

– Era. Vendi minha clínica no mês passado.

– Se aposentou?

– De certo modo. Na verdade, estou indo me juntar ao meu filho.

– No Equador?

– Se ele tivesse perguntado, eu teria recomendado o sul da França, mas duvido que fosse me ouvir.

Adrienne sorriu.

– E alguma vez eles ouvem?

– Não. Mas eu também não ouvi meu pai. Acho que tudo isso é parte do crescimento.

Por um momento, nenhum deles disse nada. Adrienne acrescentou vários temperos ao frango. Paul começou a descascar as batatas, as mãos se movendo eficientemente.

– Imagino que Jean esteja preocupada com a tempestade – comentou ele.

Adrienne o olhou de relance.

– Como sabe?

– Pelo modo como você ficou calada ao telefone. Achei que ela estava lhe falando sobre os preparativos a fazer na casa.

– Você é bem observador.

– Vai dar muito trabalho? Quero dizer, ficarei feliz em ajudar se você precisar.

– Cuidado, porque posso aceitar. Era meu ex-marido que costumava ficar responsável pela caixa de ferramentas, não eu. E, para ser sincera, ele não era tão bom assim.

– Eu sempre achei que essa era uma habilidade superestimada. – Ele pôs a primeira batata na tábua de cortar e pegou a segunda. – Há quanto tempo está divorciada? Não precisa responder se não quiser.

Ela não sabia ao certo se queria falar sobre isso, mas surpreendeu a si mesma respondendo:

– Três anos. Mas ele foi embora um ano antes.

– Seus filhos moram com você?

– Durante a maior parte do tempo. Agora estão de férias, então estão visitando o pai. E você? Há quanto tempo está divorciado?

– Só alguns meses. Assinamos os papéis em outubro. Mas ela também foi embora um ano antes.

– Foi ela quem foi embora?

Paul assentiu.

– Sim, mas a culpa foi mais minha do que dela. Eu quase não ficava em casa e ela simplesmente se encheu disso. Se eu fosse ela, acho que teria feito o mesmo.

Adrienne refletiu sobre a resposta de Paul, pensando que o homem que via agora não parecia em nada com o que ele acabara de descrever.

– Que tipo de cirurgia você fazia?

Depois que ele lhe respondeu, ela ergueu os olhos. Paul continuou, como se antecipando as perguntas:

– Entrei nessa área porque gostava de ver os resultados óbvios do que fazia e era muito gratificante saber que eu estava ajudando as pessoas. No início as cirurgias eram, na maior parte, trabalhos de reconstrução depois de acidentes ou correções de defeitos congênitos, coisas assim. Mas nos últimos anos isso mudou. Agora as pessoas procuram cirurgias plásticas. Fiz mais rinoplastias nos últimos seis meses do que imaginei ser possível.

– O que eu precisaria mudar? – perguntou ela, brincando.

Paul balançou a cabeça.

– Absolutamente nada.

– Sério.

– Estou falando sério. Eu não mudaria nada.

– É mesmo?

Ele ergueu dois dedos.

– Palavra de escoteiro.

– Você já foi escoteiro?

– Não.

Ela riu, mas sentiu as bochechas ficarem vermelhas.

– Bem, obrigada.

– De nada.

Quando terminou de temperar o frango, Adrienne o pôs no forno, regulou o timer e depois lavou novamente as mãos. Paul lavou as batatas e as deixou perto da pia.

– O que eu faço agora?

– Há tomates e pepinos na geladeira, para a salada.

Paul passou por trás dela, abriu a porta da geladeira e pegou os legumes. Adrienne sentiu o cheiro da água de colônia no pequeno espaço entre eles.

– Como foi crescer em Rocky Mount? – perguntou Paul.

A princípio Adrienne não soube muito bem o que responder, mas depois de alguns minutos se sentiu mais à vontade e engrenou em assuntos familiares e confortáveis. Contou histórias dos pais, falou sobre o cavalo que o pai lhe dera de presente quando ela tinha 12 anos, recordou as horas que tinham passado juntos cuidando dele e como aquilo lhe ensinara mais sobre responsabilidade do que qualquer coisa que fizera depois. Mencionou que conhecera Jack em uma festa na fraternidade quando estava no último ano do ensino médio e descreveu seus anos na universidade com carinho. Contou que eles namoraram por dois anos e que, quando ela fez seus votos, achou que seria para sempre. Então ela ficou em silêncio por um momento, balançou levemente a cabeça e mudou o assunto para os filhos, sem querer se concentrar no divórcio.

Enquanto Adrienne falava, Paul preparou a salada, cobrindo-a com os *croutons* que ela comprara mais cedo. De vez em quando fazia perguntas, apenas o suficiente para ela saber que estava interessado no que dizia. A animação no rosto de Adrienne ao contar sobre o pai e os filhos o fez sorrir.

A noite estava chegando e as sombras começavam a se estender pelo cômodo. Adrienne pôs a mesa enquanto Paul os servia de mais vinho. Quando a comida ficou pronta, eles se sentaram.

Durante o jantar, foi Paul quem mais falou. Contou a Adrienne sobre sua infância na fazenda, sobre as dificuldades da faculdade de medicina, sobre a época que passara fazendo corridas de montanha e sobre algumas de suas idas anteriores a Outer Banks. Quando falou sobre o pai, Adrienne pensou em dividir com ele o que estava acontecendo com o dela, mas se conteve no último minuto. Jack e Martha foram mencionados apenas de passagem, assim como Mark. A maior parte da conversa girou em torno de amenidades – por ora, nenhum dos dois estava pronto para ir além disso.

Quando terminaram o jantar, o vento diminuíra para uma brisa e as nuvens se juntavam na calmaria antes da tempestade. Paul levou os pratos para a pia enquanto Adrienne guardava as sobras na geladeira. A garrafa de vinho estava vazia, a maré subia e as primeiras imagens de relâmpagos começavam a surgir no horizonte, fazendo o mundo lá fora cintilar como se alguém estivesse tirando fotografias para se lembrar daquela noite para sempre.

8

Depois de ajudar Adrienne com a louça, Paul apontou com a cabeça para a porta dos fundos.

– Quer me acompanhar em uma caminhada pela praia? – perguntou. – A noite está bonita.

– Não está esfriando?

– Com certeza, mas acho que será a última chance que teremos pelos próximos dias.

Adrienne olhou pela janela. Deveria ficar e limpar o resto da cozinha, mas isso podia esperar, certo?

– Claro – concordou. – Vou pegar um casaco.

O quarto de Adrienne ficava perto da cozinha, em um cômodo que Jean acrescentara havia doze anos. Era maior do que os outros aposentos da casa e tinha um banheiro projetado com uma Jacuzzi enorme no meio. Jean tomava banho de banheira regularmente, e todas as vezes que Adrienne lhe telefonava quando estava deprimida, esse era o remédio que a amiga lhe recomendava para melhorar seu humor: "Você está precisando de um longo banho de banheira, bem quente e relaxante", dizia ela, esquecendo que havia três adolescentes na casa que monopolizavam os banheiros e que a rotina de Adrienne não lhe deixava muito tempo livre.

Ela tirou seu casaco do armário e depois pegou uma echarpe. Enrolando-a no pescoço, olhou para o relógio e ficou surpresa com a rapidez com que as horas pareciam ter passado. Quando voltou para a cozinha, Paul a esperava já de casaco.

– Está pronta? – perguntou.

Adrienne ergueu a gola de seu casaco.

– Vamos lá. Mas preciso avisá-lo que não sou uma grande fã de tempo frio. Meu sangue sulino prefere o calor.

– Não vamos demorar muito. Eu prometo.

Paul sorriu enquanto eles saíam e Adrienne ligou a luz que iluminava a escada. Andando lado a lado, seguiram para a duna baixa, na direção da areia compacta próxima à beira da água.

Havia uma beleza exótica na noite; o ar estava fresco e revigorante e o cheiro de água salgada pairava na névoa. No horizonte, relâmpagos cintilavam em um ritmo constante, fazendo as nuvens piscarem. Quando Adrienne olhou naquela direção, notou que Paul também observava o céu. *Seus olhos parecem registrar tudo*, pensou.

– Você já viu aquilo? Relâmpagos como aqueles? – perguntou Paul.

– Não no inverno. No verão isso acontece de vez em quando.

– São causados pelas frentes frias que estão vindo juntas. Começaram quando estávamos jantando, o que me faz achar que essa tempestade será maior do que estão prevendo.

– Espero que você esteja errado.

– Posso estar.

– Mas duvida que esteja.

Paul deu de ombros.

– Digamos apenas que se eu soubesse que uma tempestade desse nível estava prevista, teria tentado reagendar minha vinda.

– Por quê?

– Não sou mais um grande fã de tempestades. Você se lembra do furacão Hazel? Em 1954?

– Claro, mas eu era nova naquela época. Fiquei mais animada do que assustada quando faltou luz na nossa casa. E Rocky Mount não foi atingida com tanta força, pelo menos não no nosso bairro.

– Você teve sorte. Eu tinha 21 anos e estava na Universidade Duke. Quando soubemos que estava vindo, alguns dos rapazes da equipe de corrida acharam que seria uma boa experiência se fôssemos para Wrightsville Beach para fazer uma festa do furacão. Eu não queria ir, mas

eles fizeram uma espécie de chantagem emocional comigo, já que eu era o capitão da equipe.

– Não foi lá o ponto onde o furacão tocou a terra?

– Não exatamente, mas foi bem perto. Quando chegamos, a maioria das pessoas tinha sido evacuada da ilha, mas nós éramos jovens e estúpidos, e ficamos mesmo assim. No início foi divertido. Brincamos de tentar manter o equilíbrio enquanto o vento inclinava nossos corpos, achando aquilo tudo ótimo e nos perguntando por que as pessoas tinham se preocupado tanto. Mas algumas horas depois o vento se tornou forte demais para continuarmos a brincadeira e a chuva caía torrencialmente, então decidimos voltar para Durham. Mas não conseguimos sair da ilha. As pontes tinham sido fechadas quando o vento atingiu 80 quilômetros por hora e nós ficamos presos. E a tempestade continuava a piorar. Às duas da manhã aquilo parecia uma zona de guerra. Árvores derrubadas, telhados arrancados e, para onde quer que olhássemos, havia algo que poderia nos matar voando pelas janelas do carro. E fazia mais barulho do que você podia imaginar. A chuva caía com força no carro e foi então que a tempestade chegou ao auge. Além disso, era lua cheia, a maré estava alta e as maiores ondas que já vi vinham uma atrás da outra. Felizmente não estávamos tão perto da praia, mas naquela noite vimos quatro casas serem arrastadas. Quando achávamos que não podia piorar, postes de eletricidade começaram a se partir. Presenciamos transformadores explodirem um após o outro e uma das linhas caiu perto do carro. Foi açoitada pelo vento durante o resto da noite. Estava tão perto que podíamos ver as faíscas. Por muito pouco atingiu o carro. Além de rezar, acho que nenhum de nós disse uma única palavra um para o outro pelo resto da noite. Aquilo foi a coisa mais idiota que já fiz.

Adrienne não havia tirado os olhos de Paul enquanto ele falava.

– Você teve sorte em ter sobrevivido.

– Eu sei.

Na praia, a violência das ondas fizera a espuma formar o que parecia bolhas de sabão no banho de uma criança.

– Eu nunca tinha contado esta história a ninguém – acrescentou Paul.

– Por que não?

– Porque de certo modo aquele não era... eu. Eu nunca havia feito nada tão arriscado, e nunca voltei a fazer. Foi quase como se tivesse acontecido com outra pessoa. Você teria de me conhecer para entender. Eu era o tipo de sujeito que não saía nas noites de sexta-feira para não se atrasar nos estudos.

Ela riu.

– Não acredito nisso.

– É verdade. Eu não saía.

Enquanto eles caminhavam pela areia dura, Adrienne olhou para as casas atrás das dunas. Nenhuma outra luz estava acesa e, nas sombras, Rodanthe lhe pareceu uma cidade fantasma.

– Posso dizer uma coisa? – perguntou ela. – Quero dizer, não quero que me entenda mal.

– Não se preocupe.

Eles deram alguns passos enquanto Adrienne procurava as palavras.

– Bem... é só que quando você fala sobre si mesmo, é quase como se estivesse se referindo a outra pessoa. Diz que costumava trabalhar demais, mas workaholics não vendem suas clínicas para ir para o Equador. Diz que não fazia coisas malucas, mas então me conta uma história em que fez. Só estou tentando entender.

Paul hesitou. Ele não devia explicações nem a ela nem a ninguém, mas caminhando sob o céu bruxuleante na noite fria de janeiro subitamente percebeu que queria que ela o conhecesse – conhecesse de verdade, com todas as suas contradições.

– Tem razão – começou –, porque estou falando sobre duas pessoas. Eu já fui o jovem que sempre quis ser cirurgião, o sujeito que só pensava em trabalho e o cara com o casarão em Raleigh onde morava com a esposa e o filho. Mas hoje em dia não sou nada disso. Neste momento, só estou tentando descobrir quem Paul Flanner realmente é e, para ser sincero, começo a me perguntar se algum dia encontrarei a resposta.

– Acho que todo mundo se sente assim às vezes. Mas poucas pessoas decidiriam se mudar para o Equador como consequência disso.

– É por isso que você acha que eu vou?

Eles deram mais alguns passos em silêncio antes de Adrienne olhar para ele.

– Não – respondeu ela. – Acho que você vai porque quer conhecer seu filho.

Ela viu a surpresa no rosto dele.

– Isso não foi muito difícil de descobrir – comentou. – Você mal tocou no nome dele a noite toda. Mas se acha que isso vai ajudar, fico feliz por ir.

Paul sorriu.

– Bem, você é a primeira a ficar. Nem mesmo Mark soou muito empolgado quando contei para ele.

– Ele vai superar isso.

– Você acha?

– Espero que sim. É o que digo a mim mesma quando tenho problemas com meus filhos.

Paul deu uma risada e apontou por cima do ombro.

– Quer voltar?

– Eu estava torcendo para você dizer isso. Minhas orelhas estão congelando.

Eles voltaram, seguindo suas próprias pegadas na areia. Embora a lua não estivesse visível, as nuvens acima deles brilhavam, prateadas. A distância, ouviram o primeiro ribombo de trovão.

– Como era o seu ex-marido?

– Jack? – Ela hesitou, sem saber se deveria tentar mudar de assunto, e então decidiu que aquilo não tinha importância. Para quem ele iria contar? – Ao contrário de você – respondeu finalmente –, Jack acha que já se encontrou. Só que foi com outra pessoa, enquanto estávamos casados.

– Sinto muito.

– Eu também. Ou pelo menos sentia. Agora só vejo como uma daquelas coisas do destino. Tento não pensar sobre isso.

Paul se lembrou das lágrimas que vira antes.

– E consegue?

– Não, mas continuo tentando. Afinal, o que mais posso fazer?

– Sempre há o Equador.

Ela revirou os olhos.

– É verdade. Não seria ótimo? Eu poderia chegar em casa e dizer: "Desculpem-me, crianças, mas vocês vão ter que se virar sozinhas. Mamãe vai ficar fora por um tempo." – Ela balançou a cabeça. – Não, por enquanto eu estou presa, de certo modo. Pelo menos até todos eles estarem na universidade. Neste momento, precisam do máximo de estabilidade possível.

– Pelo visto você é uma ótima mãe.

– Tento ser. Mas meus filhos nem sempre acham isso.

– Encare desta forma: quando eles tiverem os próprios filhos, você terá sua vingança.

– Ah, meu plano é esse mesmo. Já estou treinando. "Que tal um pouco de batatas fritas antes do jantar?" "Não, é claro que você não precisa arrumar seu quarto." "É claro que pode ficar acordado até tarde"...

Paul sorriu, pensando em quanto estava gostando da conversa. Gostando dela. À luz prateada da tempestade que se aproximava, ela estava linda, e ele se perguntou como o marido podia tê-la deixado.

Sem pressa, eles voltaram para casa, ambos perdidos em pensamentos, apreciando os sons e as visões, nenhum dos dois sentindo necessidade de falar.

Havia conforto naquilo, pensou Adrienne. Muitas pessoas pareciam acreditar que o silêncio era um vazio que precisava ser preenchido, mesmo que nada importante fosse dito. Vivera muitas situações como essa no interminável circuito de coquetéis a que costumava ir com Jack. Seus momentos favoritos tinham sido aqueles em que conseguira escapar sem ser vista e passar alguns minutos em uma varanda isolada. Às vezes já havia mais alguém lá, alguém que ela não conhecia, mas quando eles se viam faziam um sinal afirmativo com a cabeça, como se em um pacto secreto. *Sem perguntas, sem conversa fiada... Combinado*.

Ali, na praia, aquele sentimento tinha voltado. A noite era revigorante, com a brisa balançando os cabelos de Adrienne e acariciando sua pele.

Sombras se espalhavam à sua frente na areia, movendo-se, formando imagens quase reconhecíveis e depois desaparecendo de vista. A água do mar era um redemoinho escuro. Ela sabia que Paul também estava assimilando essas coisas; ele também parecia perceber que palavras arruinariam aquele momento.

Continuaram caminhando em um agradável silêncio, Adrienne mais certa a cada passo de que queria passar mais tempo com Paul. Mas isso não era tão estranho, era? Ele estava sozinho e ela também. Eram viajantes solitários apreciando uma faixa de areia deserta em uma vila à beira-mar chamada Rodanthe.



Quando chegaram à pousada, entraram pela cozinha e tiraram os casacos. Adrienne pendurou o dela no cabideiro ao lado da porta, junto com sua echarpe; Paul pendurou o dele ao lado.

Adrienne juntou as mãos e soprou dentro delas a fim de aquecê-las, vendo Paul olhar para o relógio e depois ao redor da cozinha, como se perguntasse a si mesmo se deveria dar a noite por encerrada.

– Que tal algo quente para beber? – ofereceu ela rapidamente. – Posso fazer um café descafeinado.

– Você tem chá?

– Acho que sim. Vou conferir.

Ela atravessou a cozinha, abriu o armário perto da pia e afastou alguns itens para o lado, apreciando o fato de que eles teriam um pouco mais de tempo na companhia um do outro. Havia uma caixa de Earl Grey na segunda prateleira e, quando se virou para mostrá-la, Paul assentiu com um sorriso. Adrienne passou por trás dele para pegar a chaleira e depois a encheu de água, consciente da proximidade entre eles. Quando a chaleira apitou, serviu duas xícaras e eles foram para a sala de estar.

Sentaram-se novamente nas cadeiras de balanço, embora o ambiente estivesse diferente agora que o sol se pusera. Parecia mais silencioso e íntimo no escuro, se é que isso era possível.

Enquanto bebiam o chá, falaram por mais uma hora sobre vários assuntos, em uma conversa descontraída e fácil. Mas depois, com o passar da noite, Adrienne se viu falando sobre seu pai e seus temores em relação ao futuro.

Como médico, Paul já tinha ouvido histórias semelhantes com alguma regularidade. Mas até aquele momento eram apenas isto: histórias. Os pais dele tinham morrido e os pais de Martha estavam vivos e bem, morando na Flórida; mas dava para ver pela expressão de Adrienne que o dilema dela era algo que ele ficava feliz em saber que não teria de enfrentar.

– Há algo que eu possa fazer? – perguntou. – Conheço muitos especialistas que poderiam rever o prontuário médico dele e ver se há um modo de ajudá-lo.

– Obrigada por oferecer, mas não. Já fiz tudo isso. O último derrame realmente o afetou. Mesmo se houvesse algo que pudesse ajudá-lo, acho que não existe chance de ele poder viver sem cuidados 24 horas por dia.

– O que você vai fazer?

– Não sei. Espero que Jack mude de ideia sobre dar um apoio financeiro adicional para o tratamento do meu pai. E talvez ele mude. Durante algum tempo os dois foram muito próximos. Mas, caso ele não possa ajudar, acho que terei de arrumar um emprego em tempo integral para poder arcar com todas as despesas.

– Será que você não pode recorrer à assistência pública de saúde?

Assim que pronunciou as palavras, Paul soube qual seria a resposta.

– Meu pai poderia ser qualificado para receber assistência, mas os lugares confiáveis têm listas de espera muito longas e a maioria fica a algumas horas de distância, então eu não poderia visitá-lo com frequência. E eu também não ia deixá-lo em um lugar que não confiasse.

Adrienne fez uma pausa, seus pensamentos se alternando entre o passado e o presente.

– Quando meu pai se aposentou – disse finalmente –, fizeram uma festinha de despedida para ele na fábrica. Eu me lembro de ter pensado que meu pai sentiria falta de ir lá todos os dias. Havia começado a trabalhar na fábrica aos 15 anos e só faltou dois dias durante toda a vida, por motivo de doença. Um dia, fiz alguns cálculos e descobri que, somadas todas as horas de todos os dias, meu pai tinha passado quinze anos de sua existência naquela fábrica. No entanto, ele me garantiu que não sentiria falta daquele lugar. Que agora que havia se aposentado, tinha grandes planos.

A expressão de Adrienne se suavizou.

– O que ele quis dizer foi que planejava fazer as coisas que *desejava* em vez daquelas que *tinha* de fazer. Ficar comigo, com os netos, com os amigos, ler seus livros... Ele merecia alguns anos de tranquilidade depois de tudo por que tinha passado, e aí... – Adrienne interrompeu o que estava dizendo e em seguida fitou os olhos de Paul. – Você gostaria dele se o conhecesse. Até mesmo agora.

– Tenho certeza que sim. Mas ele gostaria de mim?

Adrienne sorriu.

– Meu pai gosta de todo mundo. Antes dos derrames, não havia nada mais agradável para ele do que ouvir as pessoas e saber tudo sobre elas. Ele é o homem mais paciente do mundo e, por causa disso, as pessoas sempre se abriam com ele. Até mesmo estranhos. Elas lhe contavam coisas que não contariam a mais ninguém porque sabiam que ele era confiável. – Ela hesitou. – Mas sabe qual é minha lembrança mais forte?

Paul ergueu levemente as sobrancelhas.

– Algo que ele costumava me dizer desde que eu era uma garotinha. Não importava quanto eu tivesse me saído bem ou mal em alguma coisa, se eu estivesse feliz ou triste, meu pai sempre me dava um abraço e falava: "Estou orgulhoso de você."

Ela ficou calada por um momento.

– Não sei o que essas palavras têm, mas sempre me comoveram. Devo tê-las ouvido um milhão de vezes, mas sempre que meu pai as dizia elas me deixavam com a sensação de que ele me amaria independentemente de

tudo. É engraçado, porque quando fiquei mais velha costumava brincar com ele sobre isso. Mas, mesmo naquela época, quando eu estava prestes a sair de casa, ele dizia isso e eu ainda ficava toda derretida.

Paul sorriu.

– Seu pai parece ser um homem extraordinário.

– Ele é – retrucou Adrienne, aprumando-se na cadeira. – E é por isso que encontrarei um modo de ele não precisar ir embora. Aquele é o melhor lugar do mundo para ele. É perto de casa e não só os cuidados são excepcionais como o tratam como uma pessoa, não apenas como um paciente. Meu pai merece um lugar assim e isso é o mínimo que posso fazer.

– Ele tem sorte de ter uma filha que cuida dele.

– Eu também tenho sorte. – Enquanto Adrienne olhava para a parede, seus olhos pareceram perder o foco. Então ela balançou a cabeça, subitamente se dando conta de tudo o que tinha dito. – Mas você ficou me ouvindo falar sem parar. Desculpe.

– Não há motivo para se desculpar. Fiquei feliz por ouvir.

Com um sorriso, Adrienne se inclinou um pouquinho para a frente.

– Do que você sente mais falta em ser casado?

– Presumo que estejamos mudando de assunto.

– Achei que era sua vez de falar um pouco.

– É o mínimo que eu posso fazer, certo?

Ela deu de ombros.

– É o que eu acho. Agora que eu me abri, é a sua vez.

Paul deu um suspiro de brincadeira e olhou para o teto.

– Muito bem. Do que eu sinto falta... – Ele juntou as mãos. – Acho que é de saber que há alguém à minha espera quando chego em casa do trabalho. Geralmente eu só chegava tarde e Martha já tinha ido para a cama. Mas saber que ela estava lá parecia natural e tranquilizador, como as coisas deveriam ser. E você?

Adrienne pôs sua xícara de chá na mesa.

– Das coisas básicas. Alguém com quem conversar e fazer as refeições, os beijinhos rápidos de manhã antes de qualquer um dos dois ter escovado

os dentes. Mas, para ser sincera, neste momento estou mais preocupada com meus filhos, em saber do que eles sentem falta. Sinto falta de ter Jack por perto por causa deles. Acho que crianças pequenas precisam mais da mãe do que do pai, mas adolescentes precisam do pai. Especialmente as meninas. Não quero que minha filha pense que os homens são idiotas que abandonam suas famílias, mas como vou lhe ensinar isso se seu próprio pai agiu assim?

– Não sei.

Adrienne balançou a cabeça.

– Os homens pensam nessas coisas?

– Os legais, sim.

– Por quanto tempo você ficou casado?

– Trinta anos. E você?

– Dezoito.

– Cá entre nós, seria de se esperar que a esta altura já tivéssemos entendido tudo, certo?

– O quê? O segredo da felicidade eterna? Não acredito mais que isso exista.

– É, acho que você tem razão.

Do corredor, ouviram as badaladas do relógio. Quando parou, Paul esfregou a nuca, tentando aliviar a dor da viagem.

– Acho que vou dormir. O dia vai começar cedo amanhã.

– Pois é – retrucou Adrienne. – Eu estava pensando a mesma coisa.

Mas eles não se levantaram imediatamente. Continuaram sentados por mais alguns minutos no mesmo silêncio que haviam partilhado na praia. De vez em quando ele olhava para Adrienne, mas desviava o olhar antes que ela notasse.

Com um suspiro, Adrienne enfim se levantou e apontou para a xícara dele.

– Posso levar isso para a cozinha. Estou indo naquela direção.

Paul sorriu enquanto lhe entregava a xícara.

– Eu me diverti muito hoje.

– Eu também.

Um momento depois, Adrienne observou Paul subindo a escada. Então ela se virou e começou a fechar a pousada.

No quarto, ela se despiu e abriu a mala para procurar um pijama. Ao fazer isso, viu seu reflexo no espelho. Nada mau, mas, para ser sincera, aparentava a idade que tinha. Paul fora gentil ao dizer que ela não precisava de nenhuma intervenção cirúrgica, pensou.

Havia muito tempo que ninguém a fazia se sentir atraente.

Vestiu o pijama e foi para a cama. Jean tinha uma pilha de revistas na mesa de cabeceira e, por alguns minutos, Adrienne folheou uma delas antes de apagar a luz. Na escuridão, não conseguiu parar de pensar na noite que acabara de ter. As conversas se repetiam sem parar em sua mente; ela podia ver o modo como os cantos da boca de Paul se curvaram em um sorriso todas as vezes que ela dissera algo que ele achara engraçado. Durante uma hora, ficou se virando de um lado para outro, sem conseguir dormir, ansiosa e alheia ao fato de que, no andar de cima, Paul Flanner estava fazendo a mesma coisa.

9

Apesar de ter fechado as venezianas e as cortinas para bloquear a luz da manhã, Paul acordou ao nascer do sol na sexta-feira e passou dez minutos se alongando para diminuir as dores musculares.

Abriu as venezianas e inspirou o ar matinal. Havia uma densa névoa sobre a água e o céu tinha assumido um tom grafite. Nuvens escuras e carregadas passavam em paralelo à costa, em alta velocidade. A tempestade chegaria antes do cair da noite, mais provavelmente no meio da tarde, pensou Paul.

Sentou-se na beira da cama e vestiu sua roupa de corrida. Depois colocou um casaco corta-vento por cima da camiseta. Tirou da gaveta um par de meias extras e as enfiou nas mãos. Então desceu a escada e olhou ao redor. Adrienne ainda não se levantara. Ele sentiu uma pontinha de decepção quando não a viu e depois se perguntou por que isso importava. Destrancou a porta e, um minuto depois, já estava caminhando para aquecer o corpo antes de passar para um ritmo mais forte.

Do seu quarto, Adrienne ouviu o ranger dos degraus quando Paul desceu a escada. Sentou-se na beirada da cama, afastou as cobertas e calçou um par de chinelos, desejando ao menos ter feito um café. Não sabia se ele iria querer um antes de correr, mas poderia ter lhe oferecido pelo menos.

Lá fora, os músculos e as articulações de Paul começavam a entrar no ritmo e ele acelerou. Não era nem de longe o quanto costumava correr aos 20 ou 30 anos, mas era constante e revigorante.

Correr nunca fora apenas um exercício para ele. Havia chegado ao ponto em que a atividade não apresentava nenhuma dificuldade; correr 8 quilômetros não consumia mais energia do que ler o jornal. Paul via a corrida mais como uma forma de meditação, um dos poucos momentos em que podia estar só.

Era uma manhã maravilhosa para correr. Embora tivesse chovido durante a noite e ele pudesse ver gotas nos para-brisas dos carros, a chuva passara rapidamente pela área e a maioria das estradas já estava seca. Traços de névoa ainda se moviam em um cortejo fantasmagórico de uma pequena casa para outra. Ele teria gostado de correr na praia porque era raro ter essa oportunidade, mas em vez disso decidiu aproveitar o tempo que passaria correndo para encontrar a casa de Robert Torrelson. Seguiu pela rodovia, passou pelo centro da cidade e depois virou na primeira esquina, atento ao cenário à sua volta.

Em sua opinião, Rodanthe era exatamente o que parecia: uma antiga vila pesqueira à beira-mar, um lugar em que a vida moderna demorara a chegar. Todas as casas eram de madeira e, embora algumas estivessem em melhores condições do que outras, com pequenos quintais bem cuidados e canteiros de terra onde nasceriam flores na primavera, para onde quer que olhasse podia ver a aridez da vida costeira. Até mesmo casas com pouco mais de dez anos estavam decadentes. Cercas e caixas de correio foram corroídas pelo tempo, e telhados de zinco apresentavam ferrugem. Espalhados pelos quintais da frente havia vários itens da vida diária naquela parte do mundo: botes a remo, motores de barco quebrados, redes de pesca utilizadas na decoração e cordas e correntes usadas para manter estranhos a distância.

Algumas casas não passavam de barracos, com as paredes prestes a desabar – parecia que qualquer ventania um pouco mais forte poderia derrubá-las. Em alguns casos, varandas da frente estavam caindo aos pedaços e haviam sido escoradas com qualquer coisa que pudesse evitar que desabassem totalmente: blocos de concreto, tijolos empilhados e sarrafos.

Mas havia atividade ali, mesmo ao amanhecer, mesmo nas casas que pareciam abandonadas. Enquanto corria, Paul viu fumaça saindo de chaminés e homens e mulheres cobrindo janelas com madeira compensada. O som de marteladas começara a encher o ar.

Virou no quarteirão seguinte, olhou para a placa de rua e continuou a correr. Alguns minutos depois, virou na rua em que Robert Torrelson morava. Sabia que era no número 34.

Passou pelos números 18 e 20, olhando para a frente. Alguns dos vizinhos pararam o que estavam fazendo e o observaram passar, com o olhar desconfiado. Em menos de um minuto, Paul chegou ao seu destino.

Era uma construção como a maioria das outras por ali: não muito bem preservada, mas tampouco um barraco. Era uma espécie de empate entre homem e natureza em sua batalha pela casa. Com pelo menos meio século de existência, tinha apenas um andar e era coberta com um telhado de zinco; sem calhas para escoamento, a chuva de inúmeras tempestades rajara de cinza a tinta branca. Na varanda havia duas cadeiras de balanço desgastadas pelo tempo dispostas obliquamente. Ao redor das janelas, Paul viu uma única fileira de luzes de Natal.

Uma pequena construção anexa ficava nos fundos, com as portas da frente abertas. Dentro havia duas bancadas de trabalho cobertas com redes e varas de pescar, baús e ferramentas. Duas grandes garateias estavam encostadas na parede e Paul viu uma capa de chuva amarela pendurada em um gancho logo à entrada. De repente surgiu um homem das sombras, carregando um balde.

O sujeito pegou Paul desprevenido e ele virou o rosto para o outro lado antes que o homem pudesse flagrá-lo olhando. Era cedo demais para uma visita, e não queria fazê-la em roupas de corrida. Então ergueu o queixo contra a brisa, virou na esquina seguinte e tentou voltar ao ritmo.

Não foi fácil. A imagem do homem permaneceu com ele, fazendo-o se sentir vagaroso; cada passo era mais difícil do que o anterior. Apesar do frio, quando terminou havia uma fina camada brilhante de suor em seu rosto.

Caminhou os últimos 50 metros até a pousada, as pernas tensas devido ao exercício. Da estrada, viu que a luz da cozinha fora acesa.

Sabendo o que isso significava, sorriu.



Enquanto Paul estava fora, os filhos de Adrienne haviam telefonado e ela passara alguns minutos falando com cada um deles, feliz por estarem se divertindo com o pai. Um pouco depois, ligou para o lar de idosos.

Embora seu pai não pudesse atender ao telefone, Adrienne providenciara para que Gail, uma das enfermeiras, fizesse isso por ele, e ela atendera no segundo toque.

– Bem na hora – falou. – Eu estava justamente dizendo a seu pai que você ligaria a qualquer minuto.

– Como ele está hoje?

– Um pouco cansado, mas fora isso está bem. Vou colocar o telefone no ouvido dele, está bem?

Um momento depois, ao ouvir a respiração áspera do pai, Adrienne fechou os olhos.

– Oi, pai – começou, e conversou com ele durante vários minutos, como teria feito se estivesse lá pessoalmente.

Falou-lhe sobre a pousada, a praia, as nuvens de tempestade e os relâmpagos e, embora não tivesse mencionado Paul, perguntou-se se o pai sentia em sua voz o mesmo tremor que ela experimentava ao evitar o nome dele.



Paul subiu a escada. Dentro da casa, o cheiro de bacon enchia o ar, dando-lhe boas-vindas. Em seguida, Adrienne abriu as portas de vaivém.

Ela usava uma calça jeans e um suéter azul-claro que acentuava a cor de seus olhos. À luz da manhã, estavam quase turquesa, fazendo Paul se lembrar de céus cristalinos na primavera.

– Você acordou cedo – observou ela, pondo uma mecha de cabelo atrás da orelha.

Para Paul, o gesto pareceu estranhamente sensual, e ele enxugou o suor da testa.

– Sim, eu quis correr logo para ficar livre disso antes de meu dia começar.

– Foi tudo bem?

– Já foi melhor, mas pelo menos corri. – Ele mudou o peso de um pé para o outro. – A propósito, o cheiro aqui está ótimo.

– Comecei a preparar o café da manhã enquanto você estava fora. – Ela apontou por cima do ombro. – Quer comer agora ou esperar um pouco?

– Se não se importar, eu prefiro tomar um banho antes.

– Sem problemas. Eu estava pensando em fazer um mingau, que deve demorar uns vinte minutos para ficar pronto. Como quer seus ovos?

– Que tal mexidos?

– Acho que consigo fazer isso. – Ela fez uma pausa, gostando da franqueza no olhar de Paul e continuando calada por mais um momento. – Vou dar uma conferida no bacon antes que queime – disse finalmente. – Vejo você em alguns minutos, certo?

– Claro.

Depois de observá-la se retirar, Paul subiu a escada para seu quarto, balançando a cabeça e pensando em quão bonita ela estava. Despiu-se, deu uma lavada na camisa na pia, pendurou-a no varão da cortina e abriu o registro no boxe. Como Adrienne avisara, a água quente demorou um pouco para sair.

Tomou banho, se barbeou, vestiu uma calça cargo e uma camisa social, calçou mocassins e foi se juntar a Adrienne. Na cozinha, ela estava levando para a mesa duas tigelas, uma com torradas e a outra com frutas

fatiadas. Quando Paul passou por trás dela, sentiu o cheiro do xampu de jasmim que ela usara naquela manhã.

– Espero que não se importe se eu me sentar com você de novo – disse Adrienne.

Paul puxou a cadeira para ela.

– Não, de jeito nenhum. Na verdade, eu estava torcendo para isso. Por favor – disse ele, fazendo um gesto para que ela se sentasse.

Adrienne o deixou empurrar a cadeira para a frente depois que ela se acomodou e o observou enquanto ele também se sentava.

– Tentei encontrar um jornal – disse ela –, mas a prateleira do armazém já estava vazia quando cheguei lá.

– Isso não me surpreende. Havia muitas pessoas na rua agora de manhã. Acho que todos estão se perguntando quão ruim o clima estará hoje.

– Não está parecendo muito pior do que ontem.

– Isso é porque você não mora aqui.

– Você também não.

– Não, mas já testemunhei uma grande tempestade. Aliás, já lhe contei sobre quando eu estava na universidade e fui para Wilmington...

Adrienne riu.

– E você jurou que nunca contou essa história.

– Acho que está ficando mais fácil agora que quebrei o gelo. E é minha única história boa. Todo o resto é bastante entediante.

– Duvido muito. Pelo que me contou, acho que sua vida tem sido tudo, menos entediante.

Paul sorriu, sem saber ao certo se aquilo era um elogio, mas satisfeito de qualquer maneira.

– O que Jean disse que tinha de ser feito hoje?

Adrienne se serviu de um pouco de ovo e passou a tigela para ele.

– Bem, os móveis das varandas precisam ser guardados no galpão. Também tenho que fechar as janelas e as travas internas das venezianas, depois erguer as proteções contra furacões. Supostamente elas são de

encaixar, e há alguns ganchos para mantê-las no lugar; depois são firmadas com sarrafos.

– Espero que ela tenha uma escada.

– Sim, fica debaixo da casa.

– Não parece nada muito difícil. Como eu disse ontem, ficaria feliz em ajudá-la depois que voltar.

Adrienne olhou para ele.

– Tem certeza? Você não precisa fazer isso.

– Não é nada de mais. E, de qualquer modo, não tenho mais nada planejado. Para ser sincero, eu não conseguiria ficar sentado do lado de dentro enquanto você faz todo o trabalho. Eu me sentiria culpado, mesmo sendo o hóspede.

– Obrigada.

– Não há de quê.

Eles terminaram de se servir, encheram suas xícaras de café e começaram a comer. Paul a observou passar manteiga em uma torrada, momentaneamente absorta na tarefa. À luz cinzenta da manhã, ela estava ainda mais bonita do que no dia anterior.

– Você vai se encontrar com aquela pessoa que mencionou ontem?

Paul fez que sim com a cabeça.

– Depois do café da manhã.

– Você não parece muito feliz com isso.

– Não sei se devo ficar feliz ou não.

– Por quê?

Depois de uma breve hesitação, ele lhe contou sobre Jill e Robert Torrelson: a cirurgia, a autópsia e tudo o que aconteceu depois, inclusive o bilhete que recebera pelo correio. Quando terminou, Adrienne pareceu estudá-lo.

– E você não faz ideia do que ele quer?

– Imagino que tenha a ver com o processo.

Adrienne não estava tão certa disso, mas não disse nada. Apenas pegou seu café.

– Bem, independentemente do que aconteça, acho que você está fazendo a coisa certa. Como está fazendo com Mark.

Paul não disse nada, mas não era necessário. O fato de ela ter entendido era mais do que suficiente.

Atualmente isso era tudo o que ele queria de alguém e, mesmo tendo conhecido Adrienne somente na véspera, sentiu que de algum modo ela já sabia mais sobre ele do que a maioria das pessoas.

Ou talvez, pensou, mais do que qualquer pessoa.

10

Depois do café da manhã, Paul entrou em seu carro e tirou as chaves do bolso do casaco. Adrienne acenou da varanda, desejando boa sorte. Em seguida, Paul olhou por cima do ombro e começou a dar marcha à ré para sair da entrada de veículos.

Alguns minutos depois, ele chegou à rua onde Torrelson morava; embora pudesse ter ido a pé, não sabia com que rapidez o clima pioraria, e não pretendia ser apanhado pela chuva. Também não queria se sentir preso se o encontro começasse a correr mal. Embora não tivesse ideia do que esperar, decidiu que diria a Torrelson tudo o que acontecera durante a cirurgia, mas não especularia sobre a causa da morte de Jill.

Desacelerou o carro, estacionou ao lado da rua e desligou o motor. Depois de um momento de preparação, saiu e começou a percorrer o caminho para pedestres. O vizinho de Torrelson estava montado em uma escada, martelando um pedaço de madeira compensada sobre uma janela. Ele olhou para Paul, tentando descobrir quem era. Paul ignorou-o e, quando chegou à casa de Torrelson, bateu à porta e deu um passo para trás, dando algum espaço a si mesmo.

Quando ninguém atendeu, bateu de novo, dessa vez tentando ouvir algum movimento lá dentro. Nada. Foi para o lado da varanda. Embora as portas da construção anexa ainda estivessem abertas, não viu ninguém. Pensou em gritar o nome dele, mas depois desistiu. Então se dirigiu ao porta-malas do seu carro e o abriu, pegou uma caneta de dentro do kit médico e arrancou uma folha de um dos cadernos de anotações que pusera lá dentro.

Escreveu seu nome e o nome da pousada, depois um breve recado dizendo que ficaria na cidade até segunda-feira de manhã, se Robert ainda quisesse falar com ele. Então dobrou o papel, dirigiu-se à varanda da frente e o enfiou pelo caixilho da porta, certificando-se de que não voaria. Estava voltando para o carro, sentindo-se ao mesmo tempo desapontado e aliviado, quando ouviu uma voz atrás dele:

– Posso ajudá-lo?

Quando Paul se virou, não reconheceu o homem em pé perto da casa. Embora não conseguisse se lembrar da aparência de Robert Torrelson – seu rosto era um entre milhares –, sabia que nunca vira aquela pessoa. Era um jovem de 30 e poucos anos, magro, com cabelos pretos raleando, usando um casaco de moletom e uma calça jeans. Olhava para Paul com a mesma desconfiança que o vizinho demonstrara antes.

– Sim – respondeu Paul. – Estou procurando Robert Torrelson. É aqui que ele mora?

O jovem assentiu, sem mudar a expressão.

– Sim, ele é meu pai.

– E ele está em casa?

– O senhor é do banco?

Paul balançou a cabeça.

– Não. Meu nome é Paul Flanner.

O jovem demorou um instante para reconhecer o nome. Seus olhos se estreitaram.

– O médico?

Paul fez que sim com a cabeça.

– Seu pai me enviou um bilhete dizendo que queria falar comigo.

– Para quê?

– Não sei.

– Ele não me falou nada sobre nenhum bilhete.

Enquanto falava, os músculos de seus maxilares se contraíram.

– Pode lhe dizer que estou aqui?

O jovem enganchou o polegar em seu cinto.

– Ele não está.

Ao dizer isso, relanceou os olhos para a casa e Paul se perguntou se estava falando a verdade.

– Pode ao menos avisá-lo que eu apareci? Deixei um bilhete na porta dizendo-lhe onde pode me encontrar.

– Ele não quer falar com o senhor.

Paul abaixou os olhos e depois os ergueu de novo.

– Acho que cabe a ele decidir, não é? – retrucou.

– Quem diabo você pensa que é? Acha que pode vir aqui e tentar se safar do que fez com uma conversa? Como se fosse apenas um erro ou algo do tipo?

Paul não disse nada. Sentindo sua hesitação, o jovem deu um passo na direção dele e continuou, erguendo a voz:

– Vá embora daqui! Não quero mais vê-lo por perto, e meu pai também não quer!

– Certo... está bem...

O jovem pegou uma pá próxima e Paul ergueu as mãos, recuando.

– Estou indo...

Virou-se e começou a tomar a direção do carro.

– E não volte! – gritou o homem. – Não acha que já fez o suficiente? Minha mãe está morta por sua causa!

Paul estremeceu àquelas palavras ferinas e entrou no carro. Depois de ligar o motor, foi embora sem olhar para trás.

Não viu o vizinho descer da escada para falar com o jovem; não viu o jovem atirar a pá no chão. Não viu a cortina da sala de estar voltar ao lugar dentro da casa.

Também não viu a porta da frente se abrir nem a mão enrugada que pegou o bilhete que caíra na varanda.

Minutos depois, Adrienne ouvia Paul contar o que acontecera. Na cozinha, Paul estava apoiado no balcão, com os braços cruzados, olhando para fora da janela. Sua expressão era vazia, introvertida; ele parecia mais cansado do que ao sair. Quando terminou de contar, o rosto de Adrienne revelou uma mistura de empatia e preocupação.

– Pelo menos você tentou – disse ela.

– E isso ajudou muito, não é?

– Talvez ele não soubesse sobre o bilhete do pai.

Paul balançou a cabeça.

– Não é só isso. Tem a ver com o motivo principal para eu estar aqui. Queria ver se podia de algum modo consertar a situação ou pelo menos torná-la compreensível, mas nunca terei essa chance.

– A culpa não foi sua.

– Então por que me sinto como se fosse?

No silêncio que se seguiu, Adrienne pôde ouvir o tique-taque do aquecimento.

– Porque você se importa. Porque você mudou.

– Nada mudou. Eles ainda acreditam que eu a matei. – Ele suspirou. – Pode imaginar como é saber que alguém acha isso de você?

– Não – admitiu Adrienne. – Nunca tive de passar por algo assim.

Paul apenas balançou a cabeça, parecendo exausto.

Ela esperou para ver se a expressão dele mudaria. Quando não mudou, Adrienne surpreendeu a si mesma indo na direção dele e pegando sua mão. No início estava relutante, mas depois Paul relaxou e ela sentiu os dedos dele se entrelaçando aos dela.

– Por mais difícil que seja aceitar isso – começou ela com todo o cuidado –, você tem que compreender que, mesmo que conseguisse falar com o pai hoje, é bem provável que não tivesse mudado o pensamento do filho. Ele está magoado e é mais fácil culpar alguém como você do que aceitar o fato de que a hora da mãe havia chegado. E independentemente do desenrolar da situação, você fez uma coisa importante indo até lá.

– Que coisa?

– Você ouviu o que o filho tinha a dizer. Embora ele esteja errado, você lhe deu a chance de falar como se sente. Deixou-o desabafar e, no final das contas, talvez fosse isso que o pai queria o tempo todo. Como ele sabe que o caso não vai a julgamento, queria que você ouvisse pessoalmente seu lado da história. Soubesse como eles se sentem.

Paul deu um sorriso sombrio.

– Isso faz com que eu me sinta muito melhor – falou, com ironia.

Adrienne apertou a mão dele.

– O que esperava que acontecesse? Que eles ouvissem e aceitassem de imediato o que você tinha a dizer? Depois que contrataram um advogado e prosseguiram com o processo, mesmo sabendo que não tinham nenhuma chance? Depois que ouviram o que todos os outros médicos disseram? Eles queriam que você viesse para que os ouvisse. Não o contrário.

Paul ficou calado, mas no fundo sabia que ela tinha razão. Por que não percebera isso antes?

– Sei que não foi fácil ouvir essas coisas – continuou Adrienne –, sei que eles estão errados e que é injusto pôr a culpa do que aconteceu em você. Mas você lhes deu algo importante hoje e, mais do que isso, foi algo que não era obrigado a fazer. Pode se orgulhar disso.

– Nada do que aconteceu foi uma surpresa para você, não é?

– Na verdade, não.

– Você chegou a essa conclusão hoje de manhã? Quando eu lhe contei sobre eles?

– Eu não tinha certeza, mas achei que as coisas poderiam tomar esse rumo.

Um breve sorriso surgiu no rosto de Paul.

– Você é inacreditável, sabia?

– Isso é bom ou ruim?

Paul apertou a mão dela, pensando que gostava de senti-la na sua. Parecia algo natural, quase como se a segurasse há anos.

– É ótimo – respondeu Paul.

Ele a fitou com carinho, e de repente Adrienne percebeu que estava pensando em beijá-la. Embora parte dela quisesse isso, seu lado racional

subitamente a lembrou que era sexta-feira. Eles tinham se conhecido no dia anterior e logo ele iria embora. Assim como ela. Além disso, aquela não era a verdadeira Adrienne, era? A mãe e filha preocupada, a esposa trocada por outra mulher, a bibliotecária... Naquele fim de semana ela era alguém diferente, alguém que mal reconhecia. O tempo que estava passando ali parecia um sonho e, embora os sonhos fossem agradáveis, lembrou a si mesma que eram apenas isso e nada mais.

Deu um pequeno passo para trás. Quando soltou a mão de Paul, viu um lampejo de decepção nos olhos dele, mas que logo desapareceu.

Ela sorriu, forçando-se a manter a voz firme:

– Ainda está disposto a me ajudar com a casa? Quero dizer, antes que o tempo piore?

– Claro. Só me dê alguns minutos para colocar uma roupa mais confortável.

– Não precisa ter pressa. Ainda tenho que dar um pulo no armazém. Esqueci de comprar gelo e uma caixa térmica. Para ter alguma comida à mão caso falte luz.

– Certo.

Ela fez uma pausa.

– Você vai ficar bem?

– Vou.

Adrienne esperou, para se certificar de que acreditava nele, depois lhe deu as costas. Sim, disse a si mesma, ela fizera a coisa certa. Tinha razão em ter soltado a mão dele.

Contudo, ao sair pela porta, não pôde evitar a sensação de que dera as costas para a chance de encontrar um pouco da felicidade que lhe fazia falta havia tanto tempo.

Paul estava no andar de cima quando ouviu Adrienne dar partida no carro. Olhando pela janela, observou as ondas quebrando, tentando entender o que acabara de acontecer. Alguns minutos antes, quando olhara para ela, sentira um lampejo de algo especial, mas que desaparecera tão rápido quanto acontecera, e a expressão no rosto dela lhe dissera por quê.

Entendia a reticência de Adrienne. Afinal de contas, eles viviam em um mundo definido por limites, que nem sempre permitiam espontaneidade, ações impulsivas para viver o momento. Sabia que era isso que possibilitava a prevalência da ordem no decorrer da vida, mas nos últimos meses suas ações tinham sido uma tentativa de desafiar esses limites, rejeitar a ordem que adotara por tanto tempo.

Não era justo esperar o mesmo de Adrienne. Ela estava em uma posição diferente; tinha responsabilidades, como deixara claro na véspera, e essas responsabilidades exigiam estabilidade e previsibilidade. Ele já passara por essa fase. Agora podia viver de acordo com regras diferentes, mas Adrienne não podia.

No entanto, algo havia mudado no curto tempo desde que chegara à pousada. Podia ter sido no dia anterior, quando estavam caminhando na praia, ou quando ela lhe contara sobre seu pai, ou até mesmo naquela manhã, quando comeram juntos à luz suave da cozinha. Ou talvez tivesse acontecido no momento em que ela lhe segurava a mão e ele não queria nada além de pousar gentilmente os lábios nos dela.

Não importava. Tudo o que sabia era que estava começando a se apaixonar por uma mulher chamada Adrienne, que estava cuidando da pousada para uma amiga em uma pequena cidade costeira na Carolina do Norte.

11

Robert Torrelson se sentou à velha escrivaninha com tampo de correr na sala de estar, ouvindo seu filho cobrir as janelas com tábuas nos fundos da casa. Em sua mão estava o bilhete de Paul Flanner. Ele o dobrava e desdobrava distraidamente, ainda intrigado com a aparição do médico.

Não esperava por aquilo. Embora tivesse escrito o bilhete pedindo que viesse, tinha certeza de que seria ignorado. Flanner era um médico muito bem-sucedido na cidade, representado por advogados caros. Nenhum deles parecera dar a mínima para ele ou sua família durante mais de um ano. As pessoas ricas da cidade eram assim; ele, por sua vez, estava feliz por nunca ter precisado conviver com pessoas que ganhavam a vida trancadas em escritórios. Também detestava ter de lidar com gente que se achava melhor do que os outros por ter mais instrução, mais dinheiro ou uma casa maior. Paul Flanner, quando o havia conhecido após a cirurgia, lhe parecera esse tipo de ser humano. Era rígido, distante, e o modo lacônico como se explicara deixou Robert com a sensação de que ele não perderia um minuto de sono por causa do que acontecera.

E aquilo não estava certo.

A vida de Robert era pautada por valores diferentes, que tinham sido honrados por seu pai, seu avô e, antes deles, pelos avôs de seu avô. As origens de sua família em Outer Banks remontavam a quase duzentos anos. Geração após geração, eles tinham pescado nas águas de Pamlico Sound, desde a época em que os peixes eram tão fartos que uma pessoa podia jogar uma única rede e pescar o suficiente para encher a proa. Agora havia cotas, regulamentações, licenças e grandes empresas, todos atrás de

peixes cada vez mais escassos. Hoje em dia, quando Robert saía de barco, na metade das vezes se considerava com sorte se pescava o suficiente para pagar o combustível de que precisava.

Tinha 67 anos, mas parecia dez anos mais velho. Seu rosto estava cheio de rugas e manchas, e seu corpo pouco a pouco perdia a batalha contra o tempo. Tinha uma longa cicatriz que ia do olho esquerdo à orelha. A artrite lhe provocava dores nas mãos e ele perdera o dedo anelar direito ao prendê-lo em um guincho enquanto puxava as redes.

Mas Jill não tinha se importado com nada disso. E agora ela se fora.

Na escrivaninha havia um retrato da esposa, Robert ainda se pegava olhando-o sempre que estava sozinho na sala. Sentia falta de tudo o que se referia a ela: o modo como massageava seus ombros quando ele voltava nos fins de tarde frios de inverno; o costume de se sentarem juntos na varanda dos fundos para ouvirem música no rádio; o cheiro dela após passar talco no peito, um odor simples e de limpeza, fresco como o de um recém-nascido.

Paul Flanner tirara tudo isso dele. Sabia que Jill ainda estaria com ele se não tivesse ido para o hospital naquele dia.

Seu filho tivera sua vez. E agora ele teria a dele.



Adrienne fez o curto trajeto de carro até a cidade e parou no pequeno estacionamento de cascalho do armazém, dando um suspiro de alívio ao descobrir que ainda estava aberto.

Havia três carros estacionados de qualquer maneira, cada qual coberto com uma fina camada de sal. Dois idosos com bonés de beisebol estavam na frente, fumando e bebendo café. Observaram Adrienne sair do carro e pararam de falar. Quando ela passou por eles a caminho do armazém, cumprimentaram-na com um gesto de cabeça.

O armazém era típico daquelas áreas rurais: piso de madeira desgastado, ventiladores de teto e prateleiras atulhadas de produtos. Perto da caixa registradora havia um pequeno barril com picles de endro para venda e, perto dele, outro barril contendo amendoim torrado. Nos fundos havia uma pequena grelha com hambúrgueres e sanduíches de peixe frescos à mostra e o cheiro de fritura pairava no ar, embora não houvesse ninguém atrás do balcão.

A máquina de gelo ficava no canto dos fundos, perto das geladeiras de cerveja e refrigerante. Ao estender o braço para a alça da máquina, viu a própria imagem refletida no painel da porta. Parou por um momento, como se estivesse se vendo com olhos diferentes.

Quanto tempo havia se passado desde que alguém a achara atraente? Ou que alguém que tinha acabado de conhecer houvesse desejado beijá-la? Se alguém tivesse lhe feito essas perguntas antes de ela chegar ali, sua resposta seria: desde o dia em que Jack saíra de casa. Mas isso não era exatamente verdade, era? Jack tinha sido seu marido, não um estranho, e como eles namoraram por dois anos antes de se casarem, fazia quase 23 anos que não se deparava com algo assim.

É claro que, se Jack não a tivesse abandonado, ela poderia ter vivenciado experiências do tipo sem se dar conta e sem nunca pensar duas vezes sobre o ocorrido. Mas agora, nas circunstâncias atuais, achava isso impossível. Passara mais da metade da vida sem despertar o interesse de homens atraentes, e não importava quanto quisesse se convencer de que seus motivos para evitá-los tinham se baseado no bom senso, não podia deixar de pensar que a falta de prática durante 23 anos também tinha algo a ver com isso.

Não podia negar que se sentia atraída por Paul. Não só por ele ser bonito e interessante, ou até mesmo charmoso, embora reservado. Também não era só por tê-la feito se sentir desejável. Não, era o desejo sincero dele de mudar – de ser uma pessoa melhor – que a cativava mais. Já havia conhecido pessoas como ele – assim como os médicos, os advogados frequentemente eram viciados em trabalho –, mas jamais conhecera alguém que não só tinha decidido mudar as regras com as quais sempre

vivera, como estava fazendo isso de um modo que aterrorizaria a maioria das pessoas.

Concluiu que havia algo nobre nisso. Ele queria corrigir os defeitos que reconhecia em si mesmo, queria construir um relacionamento com o filho distante e tinha ido para lá porque um estranho buscando respostas lhe enviara um bilhete pedindo que fosse.

Que tipo de pessoa fazia essas coisas? Que tipo de força isso exigia? Ou coragem? Mais do que ela tinha, pensou. Mais do que qualquer um que conhecia tinha. Por mais que quisesse negá-lo, estava feliz por alguém como ele tê-la achado atraente.

Enquanto pensava sobre essas coisas, Adrienne pegou os dois últimos sacos de gelo disponíveis e levou tudo para a caixa registradora. Depois de pagar, saiu do armazém e se dirigiu ao carro. Um dos idosos ainda estava sentado na varanda e, quando ela o cumprimentou com a cabeça, o homem tinha uma expressão estranha, triste e alegre ao mesmo tempo.



Durante a breve ausência de Adrienne o céu se tornara mais escuro. O vento a atingiu ao sair do carro. Um assovio quase fantasmagórico começara a circundar a pousada, uma flauta espectral tocando uma única nota. Nuvens giravam e se agrupavam ao passarem. O oceano estava agitado e, na areia, as ondas rolavam pesadamente por cima da marca da maré alta do dia anterior.

Enquanto pegava o gelo, Adrienne viu Paul vir de detrás do portão.

– Você começou sem mim? – gritou ela.

– De jeito nenhum. Só estava me certificando de que conseguiria encontrar tudo. – Ele apontou para as compras. – Precisa de ajuda com isso?

Adrienne balançou a cabeça.

– Já peguei tudo. Não está muito pesado. – Ela apontou com a cabeça para a porta. – Mas é melhor começar por dentro. Você se importa se eu for ao seu quarto fechar as venezianas?

– Não, claro que não. Vá em frente.

Dentro da casa, Adrienne pôs a caixa de isopor perto da geladeira, abriu os sacos de gelo com uma faca de carne e despejou o conteúdo dentro. Pegou um pouco do queijo e das frutas que haviam sobrado do café da manhã e o frango da noite anterior e os pôs dentro do recipiente, pensando que aquela não era uma refeição para apreciadores da culinária gourmet, mas era boa o suficiente no caso de não haver mais nada disponível. Então, notando que ainda havia espaço, pegou uma garrafa de vinho e a colocou por cima de tudo, sentindo uma emoção proibida à ideia de bebê-lo depois com Paul.

Forçando-se a afastar aquele sentimento, passou os minutos seguintes se certificando de que todas as janelas estavam trancadas e as travas internas das venezianas no primeiro andar fechadas. No andar de cima, checou os quartos desocupados primeiro, e depois foi para o de Paul.

Destrancou a porta e entrou, notando que ele fizera a própria cama. As mochilas estavam dobradas perto da cômoda; as roupas que Paul usara mais cedo já tinham sido guardadas e os mocassins estavam no chão perto da parede, as pontas juntas e viradas para fora. Os filhos dela, pensou, podiam aprender algo com ele sobre as vantagens de manter o quarto organizado.

No banheiro, ao fechar uma janela pequena, reparou na saboneteira e no pincel de barbear de Paul, ao lado da gilete. Estavam na bancada da pia, ao lado do frasco de loção pós-barba. Involuntariamente veio-lhe à cabeça a imagem de Paul ali naquela manhã e, ao fazer isso, seu instinto lhe disse que ele a quisera a seu lado.

Balançou a cabeça e se dirigiu à janela ao lado da cama, sentindo-se uma adolescente bisbilhotando o quarto dos pais. Ao chegar lá, viu Paul carregando uma das cadeiras de balanço da varanda para guardá-la debaixo da casa.

Ele se movia como se tivesse vinte anos a menos. Jack não era assim. Com o passar do tempo, engordara em razão dos muitos coquetéis e sua barriga balançava quando ele praticava qualquer tipo de atividade física.

Mas Paul era diferente. Adrienne sabia que ele não tinha nada a ver com Jack, e foi ali, no quarto dele, que ela teve uma vaga sensação de ansiedade e expectativa, algo parecido com o que um apostador devia experimentar cada vez que os dados eram lançados.



Debaixo da casa, Paul estava preparando as coisas.

As proteções contra furacões eram de alumínio corrugado, com 76 centímetros de largura por 1,82 metro de altura. Em todas elas havia a informação – escrita com um marcador de texto à prova d'água – sobre a janela da casa a que pertenciam. Paul as ergueu da pilha e as colocou de lado, em grupos, pensando no que precisava fazer.

Estava terminando quando Adrienne desceu. Trovões soavam a distância, ribombando longamente. Adrienne notou que a temperatura começava a cair.

– Como está indo? – perguntou.

Seu tom, pensou, não era familiar; era como se outra mulher estivesse falando.

– Está sendo mais fácil do que pensei – respondeu Paul. – Só preciso encaixar as proteções, pôr as braçadeiras e depois estes grampos.

– E quanto à madeira para manter isso no lugar?

– Também não é muito difícil. Os encaixes já estão prontos. Só tenho de pôr os sarrafos nos suportes e martelar alguns pregos. Como Jean disse, uma pessoa só dá conta do trabalho.

– Acha que vai demorar muito?

– Talvez uma hora. Você pode esperar lá dentro, se quiser.

– Não há nada que eu possa fazer? Quero dizer, para ajudar?

– Na verdade, não. Mas, se quiser, pode me fazer companhia.

Adrienne sorriu, gostando do convite.

– Combinado.

Durante cerca de uma hora, Paul foi de uma janela a outra, posicionando as proteções, com Adrienne lhe fazendo companhia. Enquanto trabalhava, sentiu o olhar dela às suas costas e se lembrou do desconforto que experimentara depois que ela soltara sua mão naquela manhã.

Logo uma leve chuva começou, que foi engrossando a cada instante. Adrienne se aproximou mais da casa, tentando não se molhar, mas descobriu que isso não ajudava muito em razão da ventania. Paul continuou no mesmo ritmo; a chuva e o vento não pareciam afetá-lo.

Depois de cobrir todas as janelas, ele colocou as proteções e os ganchos. Quando começou a posicionar as braçadeiras, relâmpagos iluminavam a água e a chuva caía com força. Paul continuou a trabalhar. Fixou cada prego com quatro marteladas regulares, como se lidasse com carpintaria há anos.

Apesar da chuva, eles conversavam; Adrienne notou que ele mantinha o assunto leve, longe de tudo o que pudesse ser interpretado do modo errado. Paul lhe falou sobre alguns dos reparos que o pai e ele tinham feito na fazenda e que ele também poderia fazer no Equador, portanto era bom pegar novamente o jeito daquilo.

Enquanto Adrienne o ouvia, percebeu que Paul estava lhe dando o espaço que achava que ela queria. Mas ao observá-lo, de repente ela soube que manter distância era a última coisa que lhe passava pela cabeça.

Tudo em Paul fazia com que ansiasse por algo que nunca conhecera: o modo como ele tornava fáceis aquelas tarefas, a forma de seus quadris e suas pernas na calça jeans enquanto ele estava na escada acima dela, aqueles olhos que sempre refletiam o que pensava e sentia. Debaixo da chuva torrencial, Adrienne se sentiu atraída pela pessoa que Paul era, e também pela pessoa que ela percebeu que ele queria ser.

Quando Paul terminou, estava com o casaco de moletom e a jaqueta ensopados e o rosto pálido de frio. Depois de guardar a escada e as

ferramentas, juntou-se a Adrienne na varanda. Ela passou as mãos pelos cabelos, afastando-os do rosto. Os leves cachos tinham sido desfeitos e qualquer evidência de maquiagem havia desaparecido. Em seu lugar havia uma beleza natural e, apesar do casaco grosso que ela usava, Paul imaginou suas formas femininas por baixo.

Foi nesse momento, enquanto eles estavam sob o beiral do telhado, que a tempestade irrompeu com toda a fúria. Um longo e faiscante raio caiu no mar e um trovão ecoou como se dois carros tivessem colidido na rodovia. O vento soprava em rajadas, fazendo os galhos das árvores se curvarem em uma única direção. A chuva caía de lado, como se tentando desafiar a gravidade.

Por um momento eles apenas observaram, sabendo que mais um minuto sob a chuva não faria diferença. E então se viraram e entraram na casa sem dizer uma só palavra.

12

Com frio e molhados, cada um foi para seu quarto. Paul se despiu e abriu o registro, esperando até o vapor se erguer por trás da cortina para entrar no boxe. Seu corpo levou alguns minutos para se aquecer. Demorou muito mais no banho do que costumava e se vestiu devagar. Mesmo assim, quando foi para o andar de baixo, Adrienne ainda não havia reaparecido.

Com as janelas cobertas, a casa estava escura e Paul acendeu a luz da sala de estar antes de ir à cozinha pegar uma xícara de café. A chuva batia furiosamente nas proteções do lado de fora, fazendo a casa ecoar a vibração. Trovões ribombavam de forma contínua, parecendo ao mesmo tempo próximos e distantes, como os sons em uma estação de trem cheia. Voltou para a sala com a xícara de café. Embora a luz estivesse acesa, as janelas tapadas davam a impressão de que a noite chegara e ele se dirigiu à lareira.

Colocou três pedaços de lenha lá dentro, empilhando-os de modo a permitir o fluxo de ar, e depois jogou alguns gravetos em volta. Procurou pelos fósforos e os encontrou em uma caixa de madeira no console da lareira. O cheiro de enxofre pairou no ar quando acendeu o primeiro palito.

Os gravetos estavam secos e pegaram fogo rapidamente. Logo Paul ouviu um som como o de papel sendo amassado, quando a lenha começou a arder. Dali a alguns minutos o carvalho estava produzindo calor e ele puxou a cadeira de balanço para perto, esticando os pés na direção das chamas.

Estava confortável, mas ainda poderia ficar melhor, pensou. Levantou-se, atravessou a sala e apagou a luz.

Sorriu. Melhor. Muito melhor.



Em seu quarto, Adrienne não se apressou. Depois que eles entraram na casa, decidiu seguir o conselho de Jean e começou a encher a banheira. Mesmo quando fechou a torneira e deslizou para dentro, ouviu a água correndo pelos tubos e soube que Paul ainda estava no andar de cima tomando banho. Havia algo de sensual em saber disso, e deixou essa sensação invadi-la.

Dois dias antes, não imaginava que sentiria isso por alguém, muito menos por um homem que acabara de conhecer. Sua vida não lhe permitia esses rompantes, pelo menos não ultimamente. Era fácil pôr a culpa nos filhos ou dizer a si mesma que suas responsabilidades não lhe deixavam tempo para algo assim, mas isso não era totalmente verdade. Também tinha a ver com a pessoa que ela se tornara depois do divórcio.

Sim, sentira-se traída e zangada com Jack; qualquer um podia entender isso. Mas ser trocada por uma mulher mais jovem tinha outras implicações. Por mais que tentasse não se concentrar nelas, havia momentos em que não podia evitá-lo. Jack a havia rejeitado, assim como rejeitara a vida que eles construíram juntos. Isso era um golpe devastador para ela como esposa e mãe, mas também como mulher. Ainda que, de acordo com ele, não tivesse planejado se apaixonar por Linda, precisara tomar decisões conscientes e racionais ao longo do caminho; não era como se tivesse sido obrigado a fazer o que fizera. Sem dúvida ele precisara pensar no que estava fazendo, precisara considerar as possibilidades quando começara a ter um caso com Linda e a encontrá-la com frequência. E não importava quanto Jack tentasse atenuar o que acontecera, era como se tivesse dito a Adrienne não só que Linda era melhor em todos os sentidos, como também que Adrienne não valia o tempo e o esforço

necessários para consertar o que quer que ele achasse que havia de errado no relacionamento deles.

Como devia reagir a esse tipo de rejeição? Era fácil para os outros dizerem que ela não tivera culpa nenhuma no que acontecera, que Jack estava passando por uma crise de meia-idade, mas ainda assim aquilo a afetava. Especialmente como mulher. É difícil se sentir desejada quando você não se sente atraente. E três anos sem nenhum encontro amoroso só serviram para enterrar de vez sua autoestima.

E como ela tinha lidado com esse sentimento? Passara a dedicar a vida aos filhos, ao pai, à casa, ao trabalho, às contas a pagar. De forma consciente ou não, parara de fazer as coisas que lhe dariam a oportunidade de pensar em si mesma. Acabaram-se as conversas relaxantes com amigas ao telefone, as caminhadas e os banhos de banheira. Parara até mesmo de trabalhar em seu jardim. Até então, acreditava que tudo o que ele fazia era para manter sua vida em ordem, agora percebia que fora um erro.

Afinal de contas, não havia ajudado. Ela ficava ocupada desde que acordava até o momento em que ia para a cama, e como se negara qualquer possibilidade de recompensa, não tinha nada por que ansiar. Sua rotina era uma série de tarefas, e isso bastava para deixar qualquer pessoa esgotada. De repente, Adrienne percebeu que, abrindo mão das pequenas coisas que faziam a vida valer a pena, tudo o que havia conseguido era se esquecer de quem realmente era.

Achava que Paul já tinha descoberto isso a seu respeito. E, de algum modo, passar aquele tempo com ele lhe dera uma chance de percebê-lo também.

Mas aquele fim de semana não estava servindo apenas para que ela reconhecesse os erros que cometera. Também tinha a ver com o futuro e como viveria dali para frente. O passado ficara para trás; não havia nada que pudesse fazer em relação a isso. Mas ainda tinha o futuro nas mãos, e não queria passar o resto da vida se sentindo como nos últimos três anos.

Depilou as pernas e ficou mergulhada na banheira por mais alguns minutos, tempo suficiente para quase toda a espuma desaparecer e a água começar a esfriar. Então enxugou-se e pegou o hidratante que estava sobre

o balcão, sabendo que Jean não se importaria. Passou um pouco nas pernas e na barriga, depois nos seios e braços, apreciando o modo como o creme fazia sua pele ganhar vida.

Enrolou-se na toalha e foi até sua mala. A força do hábito a fez procurar uma calça jeans e um suéter, mas os colocou de lado após pegá-los. Se estava pensando mesmo em uma mudança em seu estilo de vida, poderia muito bem começar agora.

Não levara muitas roupas para a pousada, certamente nada que fosse elegante, mas tinha uma calça preta e uma blusa branca que Amanda lhe dera no Natal. Ela as colocara na mala com a vaga esperança de um dia sair à noite. Agora lhe parecia uma boa ocasião para usá-las.

Secou os cabelos e os cacheou com um secador. Em seguida se maquiou: passou rímel e um toque de blush, então uma camada do batom que comprara algumas semanas antes, mas que quase não usara. Inclinando-se na direção do espelho, aplicou um pouquinho de sombra, apenas o suficiente para acentuar a cor de seus olhos, como costumava fazer em seus primeiros anos de casada.

Depois, pôs a blusa para dentro da calça e sorriu ao ver seu reflexo no espelho. Fazia muito tempo que não se sentia bonita.

Saiu do quarto e, ao passar pela cozinha, sentiu cheiro de café. Era o que beberia em um dia comum, especialmente porque ainda era de tarde, mas em vez de se servir de uma xícara, pegou a última garrafa de vinho na geladeira e depois o saca-rolhas e duas taças, sentindo-se viva e, enfim, no controle.

Ao levar tudo para a sala de estar, viu que Paul já havia acendido a lareira e que isso de algum modo tinha feito a sala parecer diferente, como se refletisse o modo como ela se sentia. O rosto de Paul brilhava à luz das chamas. Quando ele percebeu sua presença, ergueu o olhar para dizer algo, mas nenhuma palavra saiu de sua boca quando a viu. Tudo o que ele pôde fazer foi fitá-la.

– Exagerei? – perguntou Adrienne, finalmente.

Paul balançou a cabeça, sem deixar de olhar para ela.

– Não, de jeito nenhum. Você está... linda.

Adrienne deu um sorriso tímido.

– Obrigada.

Sua voz foi suave, quase um sussurro, um tom que não usava havia muito tempo.

Continuaram a se encarar, até que Adrienne enfim ergueu levemente a garrafa.

– Que tal um pouco de vinho? Sei que fez café, mas com a tempestade achei que poderia cair bem.

Paul pigarreou.

– Acho ótimo. Quer que eu abra?

– É melhor, a menos que queira pedaços de rolha no vinho. Nunca tive jeito para isso.

Quando Paul se levantou da cadeira, ela lhe entregou o saca-rolhas. Ele abriu a garrafa com uma série de movimentos rápidos e Adrienne segurou as duas taças enquanto ele as enchia. Paul pôs a garrafa sobre a mesa e pegou sua taça da mão dela quando se sentaram nas cadeiras de balanço. Adrienne notou que estavam mais próximas do que na véspera.

Ela tomou um gole de vinho e abaixou a taça, satisfeita com tudo: sua aparência e o modo como se sentia, o sabor do vinho, a sala em si. A luz bruxuleante do fogo fazia sombras dançarem ao redor deles. A chuva torrencial batia contra as paredes do lado de fora.

– Isso é encantador – disse ela. – Estou feliz por você ter acendido a lareira.

No ar que esquentava, Paul sentiu um traço do perfume dela e mudou de posição na cadeira.

– Eu ainda estava com frio quando vim para a sala – comentou. – Parece que a cada ano demoro mais para me aquecer.

– Mesmo depois de todos aqueles exercícios? E eu aqui pensando que você estava conseguindo evitar os danos causados pelo tempo.

Ele riu baixinho.

– Quem me dera.

– Você parece estar se saindo muito bem.

– Isso porque você não me vê de manhã bem cedo.

– Mas não é nesse horário que você corre?

– Quero dizer, antes disso. Quando saio da cama, mal consigo me mover. Ando como um velho, quase me arrastando. Todas essas corridas me custaram caro ao longo dos anos.

Enquanto eles balançavam as cadeiras para a frente e para trás, Paul viu o brilho das chamas refletido nos olhos dela.

– Já falou com seus filhos hoje? – perguntou, tentando não encará-la de um modo óbvio demais.

Ela fez que sim com a cabeça.

– Eles telefonaram de manhã enquanto você estava fora. Estavam se preparando para ir esquiar. Vão passar o fim de semana em Snowshoe, em West Virginia. Estão ansiosos por isso há meses.

– Pelo visto vão se divertir.

– Sim. Jack é bom nisso. Sempre que vão visitá-lo ele tem várias coisas divertidas programadas, como se a vida com ele fosse uma grande festa. – Ela fez uma pausa. – Mas tudo bem. Ele não participa de um monte de coisas por conta da distância, e eu não trocaria de lugar com ele por nada. É uma época que não volta mais.

– Eu sei – murmurou Paul. – Acredite em mim, eu sei.

Adrienne estremeceu.

– Sinto muito. Eu não devia ter dito isso.

Ele balançou a cabeça.

– Não faz mal. Embora você não estivesse falando de mim, sei que perdi mais do que posso esperar recuperar. Pelo menos agora estou tentando fazer algo para mudar. Só espero que dê certo.

– Dará.

– Você acha?

– Tenho certeza. Acho que você é o tipo de pessoa que realiza tudo o que se propõe a fazer.

– Desta vez não será tão fácil.

– Por que não?

– Mark e eu não temos um relacionamento muito bom hoje em dia. Na verdade, não temos relacionamento nenhum. Faz anos que mal nos

falamos.

Adrienne o olhou, sem saber ao certo o que dizer.

– Eu não sabia que fazia tanto tempo – falou finalmente.

– Como poderia saber? Não é algo que eu tenha orgulho em admitir.

– O que você vai dizer para ele? Quando se encontrarem?

– Não tenho a menor ideia. – Paul olhou para ela. – Alguma sugestão? Você parece muito boa em lidar com os filhos.

– Não sei... Acho que eu primeiro teria de saber qual é o problema.

– É uma longa história.

– Temos o dia inteiro, se você quiser falar sobre isso.

Paul tomou um gole, como se tentasse se decidir. Então, durante a próxima meia hora, acompanhado do som do vento e da chuva que aumentavam lá fora, contou a Adrienne que não estava por perto enquanto Mark crescia, falou sobre a discussão no restaurante e sobre sua incapacidade de fazer algo para acabar com o desentendimento entre eles. Quando terminou, o fogo queimava mais devagar. Adrienne ficou calada por um tempo.

– É uma situação bem difícil – admitiu ela.

– Eu sei.

– Mas você sabe que a culpa não é toda sua. São necessárias duas pessoas para haver um desentendimento.

– Isso é bastante filosófico.

– Mas é verdade.

– E então, o que acha que devo fazer?

– Acho que não deveria pressionar demais. Provavelmente vocês precisam se conhecer melhor antes de começarem a tentar resolver os problemas que têm um com o outro.

Paul sorriu, pensando nas palavras dela.

– Sabe, espero que seus filhos saibam como a mãe deles é inteligente.

– Não sabem. Mas ainda tenho esperança de que descubram.

Paul riu, pensando que a pele dela estava radiante à luz suave. Faíscas saíram de um pedaço de lenha, enquanto a fumaça subia pela chaminé. Paul encheu de novo as duas taças de vinho.

– Quanto tempo planeja ficar no Equador? – perguntou Adrienne.

– Ainda não sei ao certo. Depende de Mark. Mas eu diria que pelo menos um ano. De qualquer maneira, foi o que eu disse ao diretor.

– E depois vai voltar?

Ele deu de ombros.

– Quem sabe? Acho que eu poderia ir para qualquer lugar. Não tenho nada me esperando em Raleigh. Para ser sincero, ainda não pensei no que farei quando voltar. Talvez fique me hospedando em pousadas enquanto os donos estiverem fora da cidade.

Adrienne riu.

– Acho que você ficaria bastante entediado com isso.

– Mas seria bom se uma tempestade estivesse vindo.

– É verdade, mas você teria que aprender a cozinhar.

– Bem pensado. – Paul olhou para ela de relance, metade de seu rosto ainda na sombra. – Então talvez eu me mude para Rocky Mount e aprenda lá.

Ao ouvir as palavras dele, Adrienne sentiu as bochechas enrubescerem. Balançou a cabeça e olhou para o outro lado.

– Não diga isso.

– O quê?

– Coisas que não vai fazer.

– O que a faz pensar que não vou fazer isso?

Adrienne evitou o olhar dele e tampouco respondeu. Em meio ao silêncio da sala, Paul viu o peito dela subir e descer a cada respiração. Também viu uma sombra de medo atravessar seu rosto, mas não sabia se era porque ela queria que ele a beijasse ou porque tinha medo. Estendeu a mão e a pousou no braço dela. Quando falou de novo, foi em uma voz suave, como se tentasse confortar uma criança pequena:

– Desculpe, eu não queria deixá-la desconfortável, mas este fim de semana... estou sentindo algo que eu não sabia que existia. Quero dizer, é como um sonho. Você é como um sonho.

O calor da mão dele pareceu penetrar nos ossos de Adrienne.

– Eu também tenho passado ótimos momentos – disse ela.

– Mas não se sente do mesmo modo que eu.

Adrienne olhou para ele.

– Paul... eu...

– Não, você não precisa dizer nada...

Ela o interrompeu:

– Preciso, sim. Você quer uma resposta e eu darei uma, está bem? – Fez uma pausa, organizando os pensamentos. – Quando Jack e eu nos separamos, foi mais do que apenas o fim de um casamento. Foi o fim de tudo o que eu esperava do futuro. E também o fim de quem eu era. Queria seguir em frente, e tentei, mas o mundo não pareceu mais muito empolgado comigo. Os homens em geral não demonstravam interesse, e acho que me fechei em uma concha. Este fim de semana você me fez perceber isso, e ainda estou tentando entender as coisas.

– Não entendi muito bem o que você está tentando me dizer.

– Não quero dizer que minha resposta é não. Eu gostaria de vê-lo de novo. Você é charmoso e inteligente, e os últimos dois dias significaram mais para mim do que pode imaginar. Mas se mudar para Rocky Mount? Um ano é muito tempo, e não há como saber como nós dois estaremos até lá. Olhe quanto você mudou nos últimos seis meses. Pode honestamente afirmar que se sentirá da mesma forma a meu respeito daqui a um ano?

– Sim – disse ele. – Posso.

– Como pode ter tanta certeza?

Lá fora, o vento estava forte e constante, uivando enquanto as rajadas atingiam a casa. A chuva golpeava as paredes e o telhado; a velha pousada rangia sob a incessante pressão.

Paul pôs sua taça de vinho de lado. Olhando para Adrienne, não teve dúvida de que nunca vira uma mulher mais bonita.

– Porque você é o único motivo pelo qual eu voltaria – falou.

– Paul... não...

Ela fechou os olhos e, por um momento, Paul achou que a estava perdendo. Isso o assustou mais do que imaginava ser possível, e sentiu o resto de sua resistência desaparecer. Olhou para o teto, depois para o chão, e se concentrou em Adrienne de novo. Levantou-se da cadeira e se

aproximou dela. Com um dedo, virou o rosto de Adrienne em sua direção, consciente de que estava apaixonado por ela, por tudo nela.

– Adrienne... – sussurrou, e quando ela finalmente o fitou viu a emoção nos olhos dele.

Paul não conseguiu dizer as palavras, mas Adrienne imaginou que podia ouvi-las, e isso foi suficiente.

Porque foi nesse momento, capturada pelo olhar firme de Paul, que soube que também estava apaixonada por ele.

O tempo parou e nenhum dos dois pareceu saber o que fazer, até que Paul pegou a mão de Adrienne. Com um suspiro, ela o deixou fazer isso, recostando-se em sua cadeira quando ele começou a passar o polegar em sua pele.

Paul sorriu, esperando uma reação, mas Adrienne pareceu satisfeita em permanecer quieta. Não conseguiu interpretar a expressão dela, mas parecia sugerir tudo o que Paul estava sentindo: esperança e medo, confusão e aceitação, paixão e reserva. Mas pensando que Adrienne poderia precisar de espaço, soltou a mão e se levantou.

– Vou pôr outro pedaço de lenha na lareira – disse. – O fogo está ficando baixo.

Adrienne assentiu, observando-o agachar-se diante do fogo, os jeans justos nas coxas.

Aquilo não podia estar acontecendo, disse a si mesma. Por Deus, ela tinha 45 anos; não era uma adolescente. Era madura o suficiente para saber que algo assim não podia ser real. Era consequência da tempestade, do vinho, do fato de eles estarem sozinhos. Era uma combinação de mil coisas, disse a si mesma, mas não era amor.

No entanto, ao ver Paul acrescentar outro pedaço de lenha à lareira e olhar em silêncio para o fogo, teve certeza de que, sim, era amor. A expressão inconfundível nos olhos de Paul, o tremor na voz dele ao sussurrar seu nome... Adrienne soube que os sentimentos de Paul eram reais. Como os seus.

Mas o que isso significava? Para ele e para ela? Por mais que fosse maravilhoso saber que Paul a amava, não era só isso que havia ali. O olhar

dele também demonstrava desejo, e isso a assustara, ainda mais sabendo que a amava. Ela sempre havia achado que fazer amor era mais do que um simples ato prazeroso entre duas pessoas. Englobava tudo o que um casal devia partilhar: confiança e compromisso, esperanças e sonhos, uma promessa de enfrentar o que quer que o futuro pudesse trazer. Adrienne nunca havia entendido aventuras de uma noite só ou pessoas que pulavam de uma cama para outra. Isso transformava o ato sexual em algo quase sem sentido, não mais especial do que um beijo de boa-noite.

Embora eles se amassem, Adrienne sabia que tudo mudaria se ela se entregasse a seus sentimentos. Ultrapassaria uma fronteira que criara na própria mente, e algo assim não tinha volta. Fazer amor com Paul significaria criar um laço com ele pelo resto de suas vidas, e não sabia se estava pronta para isso.

Também não tinha certeza de que saberia o que fazer. Jack não apenas havia sido o único homem com quem estivera e, durante dezoito anos, o único homem com quem *quisera* estar. A possibilidade de se entregar a outro a deixava ansiosa. O ato amoroso era uma dança que envolvia uma troca gentil, e a ideia de que poderia desapontar Paul quase foi suficiente para impedi-la de deixar aquilo ir adiante.

Mas não conseguiu evitar. Não mais. Não quando ele a olhava daquele modo, não com seus sentimentos por ele.

Adrienne estava com a garganta seca e as pernas trêmulas quando se levantou de sua cadeira. Paul ainda estava agachado diante da lareira. Ela se aproximou e pousou as mãos nos ombros dele. Os músculos de Paul se contraíram por um momento, mas quando Adrienne o ouviu suspirar, relaxaram de novo. Ele se virou e a encarou, e foi nesse instante que Adrienne finalmente sentiu que estava se rendendo.

Tudo aquilo parecia certo – ele parecia certo –, e em pé atrás de Paul ela soube que se permitiria ir para o lugar onde deveria estar.

Lá fora, um raio cortou o céu. Vento e chuva se uniram, batendo nas paredes. A sala esquentou quando as chamas começaram a aumentar mais uma vez.

Paul ficou em pé e a encarou. A expressão dele era terna quando pegou a mão de Adrienne. Ela achou que ele a beijaria, mas ele apenas ergueu a mão dela e a manteve pressionada no próprio rosto, de olhos fechados, como se quisesse se lembrar daquele toque para sempre.

Beijou as costas da mão de Adrienne antes de soltá-la. Então abriu os olhos, inclinou a cabeça e se aproximou até roçar os lábios no rosto dela, beijos leves antes de enfim chegar à boca.

Adrienne se inclinou para a frente enquanto Paul a abraçava, sentindo os seios contra o peito dele e a barba por fazer.

Ele acariciou suas costas e seus braços, e ela abriu os lábios, sentindo a umidade da língua dele. Ele beijou seu pescoço e seu rosto, e quando pôs as mãos em sua cintura o toque foi eletrizante. Quando tocou em seus seios, Adrienne ficou sem fôlego. O beijo parecia interminável, enquanto o mundo ao redor se dissolvia em algo distante e irreal.

Agora não havia volta para nenhum dos dois, e ao se aproximarem ainda mais foi como se estivessem não só se abraçando, mas afastando todas as lembranças dolorosas.

Paul enterrou as mãos nos cabelos de Adrienne e ela apoiou a cabeça em seu peito, ouvindo o coração dele bater tão rápido quanto o seu.

Então, quando finalmente conseguiram se separar, Adrienne procurou a mão dele.

Deu um pequeno passo para trás e, puxando-o com delicadeza, o conduziu para o quarto do andar de cima.

13

Na cozinha, Amanda olhava fixamente para a mãe.

Não dissera nada desde que Adrienne começara sua história, e já tinha tomado duas taças de vinho, a segunda um pouco mais rápido do que a primeira. Agora as duas permaneciam em silêncio e Adrienne podia sentir a ansiedade da filha para saber o que viria a seguir.

Mas Adrienne não podia conversar com Amanda sobre isso, e tampouco precisava. Sua filha já era uma adulta; sabia o que significava fazer amor com um homem. Também tinha idade suficiente para saber que, embora essa fosse uma parte maravilhosa da vida de um casal, a descoberta um do outro era apenas isto: uma parte. Adrienne amava Paul. Se ele não tivesse significado tanto para ela, se aquele fim de semana tivesse girado em torno apenas de uma necessidade física, ela não teria nada para se lembrar além de alguns momentos prazerosos, especiais apenas porque estivera sozinha durante tanto tempo. No entanto, o que os dois partilharam foram sentimentos que estiveram enterrados durante muito tempo, sentimentos que diziam respeito somente a eles.

Além disso, Amanda era sua filha. Isso poderia parecer antiquado, mas contar os detalhes seria inapropriado. Algumas pessoas conseguiam falar sobre essas coisas, mas Adrienne nunca tinha entendido como. Sempre achara que o quarto era um lugar de segredos compartilhados.

Mesmo se quisesse contar, sabia que não conseguiria encontrar as palavras. Como poderia descrever a sensação quando ele começou a desabotoar sua blusa ou os arrepios que percorreram seu corpo quando ele passou os dedos ao longo de sua barriga? Ou como sua pele pareceu

esquentar quando seus corpos se juntaram? Ou a sensação da boca de Paul nos lugares onde ele a beijou e o modo como ela apertou os dedos com força na pele dele? Ou o som da respiração dos dois acelerando enquanto eles começavam a se mover como um só?

Não, não podia falar sobre essas coisas. Em vez disso, deixaria a filha imaginar o que acontecera, porque Adrienne sabia que só sua imaginação poderia captar os detalhes da magia que sentira nos braços de Paul.

– Mãe? – sussurrou Amanda, finalmente.

– Quer saber o que aconteceu?

Amanda engoliu em seco, desconfortável.

– Sim – limitou-se a dizer Adrienne.

– Quer dizer...

– Sim – repetiu ela.

Amanda tomou um gole de vinho. Empertigando-se, pôs a taça sobre a mesa.

– E...?

Adrienne se inclinou para a frente, como se estivesse prestes a contar um segredo.

– Sim – sussurrou.

E desviou o olhar, entregando-se ao passado.

Eles haviam feito amor naquela tarde e Adrienne passara o resto do dia na cama. Enquanto a tempestade rugia lá fora – com folhas sendo arrancadas e árvores fustigadas pelo vento batendo na casa –, Paul a manteve perto dele, com os lábios pressionados contra a face dela, ambos relembrando o passado, falando sobre os planos para o futuro e se maravilhando com os pensamentos e sentimentos que haviam levado àquele momento.

Aquilo era tão novo para ela quanto para Paul. Nos últimos anos de seu casamento com Jack – talvez durante a maior parte dele, pensou agora –, fazer amor era algo mecânico, rápido, sem paixão e sem ternura. Raramente conversavam depois também, porque logo Jack virava de lado e caía no sono.

Não só Paul a manteve perto dele durante horas como seu terno abraço a fez saber que aquele momento era tão significativo para ele quanto a intimidade física que tinham partilhado. Paul lhe beijou os cabelos e o rosto, e repetia, de um modo solene e seguro, que ela era linda e que a adorava, sempre que acariciava uma parte de seu corpo.

Embora eles não tivessem consciência disso, porque as janelas estavam cobertas, o céu se tornara preto. Ondas erguidas pelo vento golpeavam as dunas. A antena da casa foi arrancada e lançada do outro lado da ilha. Areia e vento tentaram entrar pela porta dos fundos, que tremia sob a força da tempestade. A energia elétrica foi cortada em algum momento nas primeiras horas da manhã. Eles fizeram amor uma segunda vez na total escuridão, guiados pelo toque, e quando terminaram finalmente adormeceram nos braços um do outro, enquanto o olho da tempestade passava sobre Rodanthe.

14

Quando acordaram, na manhã de sábado, estavam famintos, mas sem energia elétrica e com a chuva ainda caindo, Paul levou o isopor para o quarto e eles comeram no conforto da cama, enquanto alternavam momentos engraçados e sérios, implicavam um com o outro de brincadeira ou permaneciam em silêncio, saboreando o momento e a companhia agradável.

Ao meio-dia, o vento diminuíra o suficiente para se aventurarem a sair para a varanda. O céu começava a clarear, mas a praia estava cheia de destroços: pneus velhos e escadas de casas construídas tão próximas da água que tinham sido apanhadas pelas ondas. A temperatura estava subindo, embora ainda fosse frio demais para ficarem do lado de fora sem casaco, mas Adrienne pôde tirar as luvas para sentir a mão de Paul na sua.

A energia elétrica retornou por volta das duas da tarde, mas foi cortada de novo, voltando cerca de vinte minutos depois. A comida na geladeira não havia estragado. Adrienne grelhou alguns bifes e eles fizeram uma longa refeição, acompanhada de sua terceira garrafa de vinho. Em seguida, tomaram um banho de banheira juntos. Paul ficou sentado atrás de Adrienne, com a cabeça dela apoiada em seu peito, passando-lhe a esponja sobre a barriga e os seios. Adrienne fechou os olhos, afundando nos braços dele, sentindo a água quente acariciar sua pele.

Naquela noite, eles foram até a cidade. Rodanthe voltava à vida depois da tempestade, e passaram parte da noite em um bar lúgubre, ouvindo música de um jukebox e dançando. O lugar estava cheio de gente da região que queria contar suas histórias sobre a tempestade, e Paul e Adrienne

eram os únicos na pista de dança. Paul a puxou para perto e eles giraram lentamente, indiferentes às conversas e aos olhares das outras pessoas.

No domingo, Paul guardou as proteções contra furacões e pôs as cadeiras de balanço de volta na varanda. O céu estava claro pela primeira vez desde a tempestade e eles caminharam pela praia, como tinham feito em sua primeira noite juntos, notando quanto tudo havia mudado desde então. O oceano cavara grandes sulcos na areia da praia e várias árvores tinham tombado. A menos de 2 quilômetros de distância, Paul e Adrienne pararam para olhar para uma casa – metade sobre estacas e metade na areia – que fora vítima da força da tempestade. A maioria das paredes havia cedido, as janelas estavam quebradas e parte do telhado fora carregada pelo vento. Um lava-louças estava caído de lado perto de tábuas partidas que, em algum momento, foram parte da varanda. Perto da estrada, um grupo de pessoas tirava fotografias para mandar para o seguro e, pela primeira vez, Paul e Adrienne perceberam até que ponto a tempestade fora forte.

Quando começaram a voltar, a maré estava subindo. Caminhavam devagar, seus ombros se tocando de leve, quando depararam com uma concha. O exterior sulcado estava semienterrado na areia e cercado de inúmeros fragmentos minúsculos de conchas quebradas. Quando Paul a entregou para ela, Adrienne a levou à orelha. Foi nesse momento que ele caçoou dela por afirmar que conseguia ouvir o oceano. Ele a abraçou dizendo-lhe que ela era tão perfeita quanto a concha que tinham acabado de encontrar. Embora Adrienne soubesse que a guardaria para sempre, ainda não tinha a menor ideia de quanto aquele pequeno objeto acabaria significando para ela.

Tudo o que sabia era que, naquele instante, estava nos braços do homem que amava, desejando que ele pudesse mantê-la assim para sempre.

Na segunda-feira de manhã, Paul saiu da cama antes de Adrienne. Contrariando sua falta de aptidão na cozinha, surpreendeu-a levando-lhe o café da manhã na cama em uma bandeja, despertando-a com o cheiro de café fresco. Ele lhe fez companhia enquanto ela comia, e riu quando Adrienne se apoiou nos travesseiros, tentando inutilmente manter o lençol alto o suficiente para cobrir seus seios. As torradas estavam deliciosas, o bacon, crocante, e ele havia posto a quantidade perfeita de queijo cheddar ralado nos ovos mexidos.

Embora os filhos de Adrienne às vezes lhe levassem o café na cama no Dia das Mães, era a primeira vez que um homem fazia isso para ela. Jack nunca fora de pensar nessas coisas.

Quando Adrienne terminou, Paul foi dar uma corrida rápida enquanto ela tomava banho e se vestia. Ao chegar, ele atirou suas roupas sujas na lavadora e tomou banho. Quando reencontrou Adrienne, na cozinha, ela estava ao telefone com Jean, que havia ligado para saber como estava. Enquanto Adrienne lhe contava, Paul a abraçou, sentindo o cheiro de seu pescoço.

Ao telefone, Adrienne ouviu o som inconfundível da porta da pousada rangendo ao se abrir e, em seguida, o barulho de botas no piso de madeira. Falou para Jean que precisava desligar e saiu da cozinha para ver quem era. Ausentou-se por menos de um minuto. Quando voltou, encarou Paul como se não conseguisse encontrar palavras. Deu um suspiro longo e profundo.

– Ele está aqui para falar com você.

– Quem? – perguntou ele.

– Robert Torrelson.



Robert Torrelson estava esperando na sala de estar, sentado na poltrona com a cabeça baixa, quando Paul apareceu. Ele ergueu os olhos sem sorrir,

o rosto indecifrável. Antes de entrar na sala, Paul pensou que talvez não fosse capaz de distinguir o rosto de Robert em uma multidão, mas o homem diante dele era bastante familiar. Fora os cabelos, que estavam mais brancos do que no ano anterior, parecia o mesmo da sala de espera do hospital. Seu olhar estava tão severo quanto Paul imaginara.

A princípio, Robert não disse nada. Limitou-se a fitar Paul enquanto ele puxava a cadeira de balanço de modo a ficarem de frente um para o outro.

– Você veio – disse Robert finalmente.

Sua voz era forte e áspera como a de um fumante, com um sotaque sulino.

– Vim.

– Não pensei que viria.

– Por algum tempo, também não tive certeza.

Robert bufou como se esperasse isso.

– Meu filho me contou que falou com você.

– Sim.

Robert sorriu amargamente.

– Ele disse que você não tentou se explicar.

– Não – respondeu Paul. – Não tentei.

– Mas ainda acha que não fez nada errado, não é?

Paul desviou o olhar, pensando no que Adrienne dissera. Não, nunca os faria mudar de opinião. Ele se aprumou.

– Em seu bilhete, o senhor disse que queria falar comigo e que isso era importante. Bem, eu estou aqui. O que posso fazer pelo senhor, Sr. Torrelson?

Robert enfiou a mão no bolso da frente da camisa e pegou um maço de cigarros e uma caixa de fósforos. Acendeu um, puxou um cinzeiro para mais perto e se recostou na cadeira.

– O que deu errado? – perguntou.

– Nada – respondeu Paul. – A cirurgia correu tão bem quanto eu esperava.

– Então por que ela morreu?

– Eu gostaria de saber, mas não sei.

– Foi isso que seus advogados lhe disseram para falar?

– Não – respondeu Paul calmamente. – É a verdade. Acho que é disso que o senhor está atrás. Se eu pudesse lhe dar uma explicação, daria.

Robert levou o cigarro à boca e deu uma tragada. Ao expelir a fumaça, Paul ouviu um leve chiado.

– Sabia que ela já tinha o tumor quando nos conhecemos?

– Não – disse Paul. – Não sabia.

Robert deu outra longa tragada. Quando voltou a falar, sua voz estava mais suave, assombrada por lembranças.

– Não era tão grande na época, é claro. Era menor que uma noz, e a cor também não era tão ruim. Mas ainda dava para vê-lo claramente de dia, como se algo tivesse se alojado debaixo da pele dela. E aquilo sempre a incomodou, mesmo quando era pequena. Ela era alguns anos mais nova que eu, e contava que sempre ia à escola de cabeça baixa. Não é difícil saber por quê.

Robert fez uma pausa, organizando os pensamentos, e Paul soube que devia permanecer em silêncio.

– Como era comum naquele tempo, ela não terminou os estudos, porque tinha de trabalhar para ajudar a família. Foi nessa época que eu a conheci. Ela trabalhava no píer onde descarregávamos nossos peixes e cuidava das balanças. Acho que tentei falar com ela por um ano antes que me dirigisse uma única palavra, mas assim mesmo eu gostava dela. Era honesta e trabalhadora. Ela usava os cabelos para esconder o rosto, mas, de vez em quando, eu tinha a chance de espiar o que havia embaixo e me deparava com os olhos mais bonitos que já tinha visto. Eram castanho-escuros e suaves, sabe? Como se ela nunca tivesse magoado ninguém, porque isso simplesmente não fazia parte dela. Eu continuei tentando me aproximar dela e ela continuou a me ignorar, até que um dia enfim deve ter chegado à conclusão de que eu não iria parar. Então aceitou meu convite para sair, mas mal me olhou a noite toda. Ficou só olhando para baixo.

Robert juntou as mãos.

– Mas eu a convidei para sair de novo assim mesmo. Foi melhor na segunda vez. Percebi que ela era divertida quando estava relaxada. Quanto mais a conhecia, mais gostava dela. Depois de algum tempo, comecei a achar que talvez estivesse apaixonado. Eu não me importava com aquilo em seu rosto. Nem na época nem no ano passado. Mas ela sim. Sempre se incomodou com aquele caroço.

Ele fez uma pausa.

– Nos vinte anos seguintes, tivemos sete filhos. Aquela coisa parecia aumentar a cada vez que ela amamentava. Não sei se havia alguma relação, mas ela também percebia. De qualquer forma, todos os meus filhos, mesmo John, o que o senhor conheceu, achavam que ela era a melhor mãe do mundo. E era mesmo. Conseguia ser firme quando precisava, mas era a mulher mais doce que já conheci no resto do tempo. Eu a amava por isso e éramos felizes. A vida aqui não é fácil durante a maior parte do tempo, mas ela a tornava fácil para mim. Eu me orgulhava dela, de ser visto com ela, e fazia questão de que todos aqui soubessem disso. Pensei que era o suficiente, mas acho que não foi.

Paul permaneceu imóvel enquanto Robert prosseguia:

– Uma noite, ela viu um programa na televisão sobre uma mulher com um tumor, com fotografias de antes e depois. Acho que simplesmente enfiou na cabeça que poderia se livrar daquilo de uma vez por todas. Foi nessa época que começou a falar sobre cirurgia. O procedimento era caro e nós não tínhamos plano de saúde, mas ela ficava perguntando se podíamos dar um jeito.

Robert olhou Paul nos olhos.

– Não havia nada que eu pudesse dizer para fazê-la mudar de ideia. Pedi que não se importasse com isso, mas ela não me deu ouvidos. Às vezes eu a encontrava no banheiro tocando no rosto, ou a ouvia chorar, e sabia que ela queria a cirurgia mais do que tudo. Tinha vivido com aquela coisa durante a vida inteira e estava farta. Farta do modo como estranhos evitavam olhar para ela, como as crianças a encaravam. Então finalmente cedi. Peguei todas as nossas economias, fui ao banco e consegui um empréstimo dando meu barco como garantia. Depois marcamos uma

consulta com você. Ela estava tão animada! Acho que nunca a vi tão feliz com nada na vida e isso me deu a certeza de que eu estava fazendo a coisa certa. Antes da cirurgia falei que ficaria esperando por ela e a veria assim que acordasse. Sabe o que ela me disse? Sabe quais foram suas palavras para mim?

Robert encarou Paul, para se certificar de que tinha a atenção dele.

– Ela disse: "Durante toda a minha vida eu quis ser bonita para você." Nesse momento, só consegui pensar que ela sempre tinha sido.

Paul abaixou a cabeça. Havia um nó em sua garganta.

– Mas você não sabia nada disso. Para você, ela era apenas a mulher que foi fazer uma cirurgia, ou a mulher que morreu, a mulher com aquela coisa no rosto, a mulher cuja família o estava processando. Não foi justo da sua parte não conhecer a história dela. Ela merecia mais do que isso.

Robert bateu a ponta do cigarro no cinzeiro pela última vez e o pôs de lado.

– Você é a última pessoa com quem ela falou, a última pessoa que a viu viva. Ela era a melhor mulher do mundo e você não tinha nem ideia disso. – Ele fez uma pausa, deixando suas palavras serem assimiladas. – Mas agora tem.

Em seguida, ele se levantou e, sem olhar para trás, foi embora.

Depois que Paul contou a história da mulher do Robert, Adrienne tocou em seu rosto e enxugou suas lágrimas.

– Você está bem?

– Não sei. Acho que estou um pouco abalado.

– Imagino. Foi muito para assimilar.

– Exatamente.

– Está satisfeito por ter vindo? E por ele ter lhe dito essas coisas?

– Sim e não. Era importante para ele que eu soubesse quem ela era e estou satisfeito por isso. Mas isso também me deixa triste. Eles se amavam mais que tudo e agora ela se foi.

– Sim.

– Não parece muito justo.

Adrienne deu um sorriso triste.

– E não é. Quanto maior o amor, maior a tragédia quando termina. Esses dois elementos sempre andam juntos.

– Mesmo para nós dois?

– Para todos – respondeu ela. – O melhor que podemos esperar na vida é que isso demore o máximo de tempo para acontecer.

Ele a puxou para seu colo. Beijou-lhe os lábios e depois a abraçou, mantendo-a próxima. Por um longo tempo ficaram nessa posição.

Mas quando estavam fazendo amor, naquela noite, Adrienne pensou nas próprias palavras. Era a última noite deles juntos em Rodanthe, a última por pelo menos um ano. Por mais que tentasse, não conseguiu conter as lágrimas que escorreram silenciosamente por seu rosto.

15

Adrienne não estava na cama quando Paul acordou, na terça-feira de manhã. Ele a havia visto chorando à noite, mas não dissera nada, sabendo que falar também o levaria às lágrimas. Mas a negação o deixou perturbado e sem conseguir dormir durante horas. Permaneceu acordado enquanto Adrienne adormecia em seus braços, aconchegada e sem querer soltá-lo, como se tentando compensar o ano em que não estariam juntos.

Ela havia dobrado as roupas de Paul, e ele pegou o que precisava para passar o dia antes de pôr o resto nas mochilas. Depois de tomar banho e se vestir, sentou-se ao lado da cama, com uma caneta na mão, e começou a colocar os pensamentos no papel. Deixou a carta em seu quarto, levou as mochilas para o andar de baixo e as colocou perto da porta da frente. Adrienne estava na cozinha, fazendo ovos mexidos, com uma xícara de café perto, sobre o balcão. Quando se virou, Paul viu que os olhos dela estavam vermelhos.

– Olá – aventurou-se a dizer.

– Olá – respondeu Adrienne, virando o rosto para o outro lado. Começou a mexer os ovos mais rápido, mantendo o olhar concentrado na frigideira. – Achei que você poderia querer tomar café da manhã antes de ir.

– Obrigado – disse Paul.

– Eu trouxe uma garrafa térmica de casa quando vim. Se quiser um pouco de café para a viagem, pode levá-la.

– Obrigado, mas não é preciso. Vou ficar bem.

Ela continuou a mexer os ovos.

– Se você quiser alguns sanduíches, também posso preparar.

Paul foi na direção dela.

– Você não tem de fazer isso. Posso comer alguma coisa depois. E, para ser sincero, duvido que eu vá ter fome.

Adrienne não parecia estar ouvindo e ele pôs as mãos nas costas dela. Ouviu-a suspirar tremulamente, tentando não chorar.

– Ei... – disse ele

– Eu estou bem.

– Tem certeza?

Ela assentiu e fungou enquanto tirava a frigideira do fogão. Enxugando os olhos, continuou a se recusar a olhar para Paul. Vê-la daquele jeito o fez se lembrar do primeiro encontro deles na varanda, e sentiu um bolo na garganta. Não podia acreditar que menos de uma semana se passara desde então.

– Adrienne... não...

Então ela finalmente olhou para ele.

– Não o quê? Não fique triste? Você vai para o Equador e eu tenho de voltar para Rocky Mount. Como posso evitar o desejo de que isto não termine tão rápido?

– Também tenho esse desejo.

– É por isso que estou triste. Porque sei que você se sente da mesma forma. – Ela hesitou, tentando controlar os sentimentos. – Sabe, quando eu me levantei hoje de manhã, disse a mim mesma que não iria chorar de novo. Que ia ser forte e alegre, para você se lembrar de mim assim. Mas quando ouvi o chuveiro, me dei conta de que você não estará aqui amanhã, então simplesmente não pude evitar. Mas vou ficar bem. De verdade. Sou forte.

Adrienne disse isso mais para si do que para ele. Paul pegou a mão dela.

– Adrienne... ontem à noite, depois que você dormiu, pensei que talvez eu pudesse ficar um pouco mais. Talvez mais um ou dois meses não façam tanta diferença...

Ela balançou a cabeça, interrompendo-o.

– Não. Você não pode fazer isso com Mark. Não depois de tudo pelo que vocês dois passaram. E você precisa disso, Paul. Está consumindo-o; se não for agora, me pergunto se algum dia irá. Passar mais tempo comigo não tornará mais fácil dizer adeus quando chegar a hora, e eu não me perdoaria por saber que o mantive comigo e afastado do seu filho. Mesmo se nós planejássemos sua ida mais para a frente, eu ainda choraria quando chegasse a hora.

Ela deu um sorriso corajoso antes de prosseguir:

– Você não pode ficar. Ambos sabíamos que você iria embora antes de começarmos nossa história. Embora seja difícil, nós dois sabemos que é o certo a fazer. É assim que as coisas são quando temos filhos. Às vezes temos de fazer sacrifícios, e esse é um deles.

Paul concordou com a cabeça, contraindo os lábios. Sabia que ela tinha razão, mas desejava desesperadamente que não tivesse.

– Promete que esperará por mim? – perguntou, com a voz entrecortada.

– Claro. Se eu achasse que você está indo embora para sempre, choraria tanto que teríamos de tomar o café da manhã em um barco.

Apesar de tudo, Paul riu, e Adrienne se inclinou para ele. Beijou-o antes de se deixar ser abraçada. Ele sentiu o calor do corpo dela, o leve traço de seu perfume. Adrienne pensou mais uma vez que era muito bom ficar nos braços dele. Perfeito.

– Não sei como ou por que isso aconteceu, mas acho que estava escrito que eu viria para cá – disse Paul. – Para conhecer você. Durante muitos anos, senti que faltava algo em minha vida, mas não sabia o que era. Agora sei.

Ela fechou os olhos.

– Eu também – sussurrou.

Paul beijou seus cabelos e depois encostou o rosto no dela.

– Vai sentir saudades?

Adrienne se forçou a sorrir.

– A cada minuto.

Os dois tomaram café da manhã juntos. Adrienne não estava com fome, mas se forçou a comer e a sorrir de vez em quando. Paul beliscou sua comida, demorando mais do que de costume para terminar. Quando acabaram, levaram a louça na pia.

Eram quase nove horas e Paul conduziu Adrienne pelo balcão da frente, dirigindo-se à porta. Pegou as duas mochilas e as colocou nos ombros; Adrienne segurava a bolsa de couro com a passagem aérea e o passaporte.

– Acho que é só isso – disse Paul.

Ela contraiu os lábios. Os olhos de Paul estavam lacrimosos, assim como os dela, e ele os mantinha abaixados, como se para escondê-los.

– Você sabe como entrar em contato comigo na clínica. Não sei se o serviço de correio é eficiente, mas em algum momento devo receber as cartas. Mark sempre recebeu tudo o que Martha lhe enviou.

– Certo.

Ele sacudiu a bolsa de couro.

– Além disso, tenho seu endereço aqui. Vou escrever para você assim que chegar lá. E telefonar também, quando tiver uma chance.

– Está bem.

Paul estendeu a mão para tocar o rosto de Adrienne e ela o encostou na mão dele. Ambos sabiam que não havia mais nada a dizer.

Adrienne o acompanhou até o carro e o observou pôr as mochilas no banco traseiro. Depois de fechar a porta, ele a olhou por um longo tempo, sem conseguir romper a conexão, mais uma vez desejando não ter de ir. Finalmente se aproximou dela e a beijou dos dois lados do rosto e nos lábios. Por fim, a abraçou.

Ela fechou os olhos com força. Paul não estava indo embora para sempre, disse a si mesma. Eles tinham sido feitos um para o outro; teriam todo o tempo do mundo quando ele voltasse. Envelheceriam juntos. Ela já

havia vivido sem Paul durante muito tempo. O que era mais um ano, certo?

No entanto, não era tão fácil assim. Adrienne sabia que, se seus filhos fossem mais velhos, ela iria ao encontro dele no Equador. Se o filho de Paul não precisasse do pai, ele poderia ficar ali com ela. Suas vidas estavam seguindo rumos diferentes por conta de suas responsabilidades, e isso de repente lhe pareceu cruel e injusto. Como a chance que eles tinham de ser felizes podia ter chegado àquele ponto?

Paul deu um suspiro profundo e finalmente se afastou. Por um momento, desviou o olhar e depois voltou-se para ela, enxugando os olhos.

Adrienne o seguiu até o lado do motorista e o observou entrar. Com um sorriso fraco, ele pôs a chave na ignição e a girou. Ela se afastou da porta aberta e Paul a fechou. Depois abriu a janela.

– Um ano e estarei de volta – afirmou. – Prometo.

– Um ano – sussurrou Adrienne.

Paul lhe deu um sorriso triste, engatou a ré e começou a recuar com o carro. Adrienne se virou para observá-lo, sofrendo muito cada vez que Paul olhava para ela.

O carro fez a curva ao chegar à estrada e Paul pressionou a mão contra o vidro uma última vez. Adrienne ergueu a dela em um sinal de adeus enquanto via o carro ir para longe de Rodanthe, para longe dela.

Ficou em pé na entrada de veículos até o carro sumir de vista. Então, um momento depois, era como se Paul nunca tivesse estado lá.

A manhã estava clara, o céu azul com pequenas nuvens brancas. Um bando de andorinhas voava no alto. Amores-perfeitos roxos e amarelos tinham aberto suas pétalas ao sol. Adrienne se virou e seguiu de volta para a pousada.

Lá dentro, tudo parecia igual ao dia em que chegara. Nada estava fora do lugar. Paul limpara a lareira na véspera e empilhara mais lenha ao lado; as cadeiras de balanço estavam de volta a suas posições originais. O balcão da frente parecia em ordem, com cada chave em seu lugar.

Mas os cheiros permaneciam: do café da manhã deles juntos, da loção pós-barba de Paul, do corpo dele nas mãos, no rosto e nas roupas dela.

Aquilo era demais para Adrienne. Ela sentia falta até dos sons que indicavam a presença dele na pousada. Não havia mais ecos de conversas tranquilas, o som da água correndo pelos tubos ou o ritmo das pisadas de Paul se movendo em seu quarto. Também não havia mais o rugido das ondas, o tamborilar persistente da tempestade e o estalar do fogo. Em vez disso, o lugar tinha sido preenchido com os sons de uma mulher que só queria ser confortada pelo homem que amava, mas não podia fazer nada além de chorar.

16

Rocky Mount, 2002

Adrienne havia terminado sua história e estava com a garganta seca. Apesar dos efeitos inebriantes da única taça de vinho que tinha tomado, estava com dor nas costas por ter ficado sentada na mesma posição durante tanto tempo. Remexeu-se na cadeira, sentiu uma pontada e a reconheceu como o início de artrite. Quando mencionara isso para seu médico, ele a fizera se sentar em uma sala que cheirava a amônia. Erguera seus braços e lhe pedira para dobrar os joelhos, então lhe receitara um remédio que ela nunca chegou a comprar. Aquilo ainda não era tão sério, disse a si mesma. Além disso, tinha uma teoria: se uma pessoa da sua idade começa a tomar comprimidos para uma doença, logo mais comprimidos vão surgir e um hábito se iniciará. Em pouco tempo, ela teria cápsulas de todas as cores para tomar, algumas de manhã, outras à noite, algumas durante as refeições e outras não, e seria obrigada a andar com uma relação de horários para fazer tudo direito. Não valia a pena tanta amolação.

Amanda estava sentada com a cabeça baixa. Adrienne a observou, sabendo as perguntas que viriam. Eram inevitáveis, mas esperava que não viessem imediatamente. Precisava de tempo para organizar os pensamentos, terminar o que começara.

Estava feliz por Amanda ter concordado em ir vê-la em sua casa. Fazia mais de trinta anos que morava ali, e considerava aquele lugar seu verdadeiro lar, mais ainda do que a casa em que vivera quando criança. As

portas podiam estar empenadas, o carpete do corredor, fino como papel, e as cores dos azulejos do banheiro terem saído de moda há anos, mas havia algo tranquilizador em conhecer aquela casa nos mínimos detalhes. Aquele lugar tinha hábitos, como ela, e ao longo dos anos achava que tinham se combinado de modo a tornar sua vida mais previsível e estranhamente confortadora.

Acontecia o mesmo na cozinha. Tanto Matt quanto Dan haviam se oferecido para reformá-la nos últimos anos, e no aniversário de Adrienne providenciaram a visita de um empreiteiro para dar uma olhada no lugar. Ele havia batido nas portas, enfiado a chave de fenda em frestas nos cantos dos balcões, ligado e desligado interruptores e assoviado ao ver o fogão antiquado que ela ainda usava para cozinhar. Por fim, recomendara que substituísse quase tudo e deixara um orçamento e uma lista de referências. Embora Adrienne soubesse que seus filhos tinham tido boas intenções, disse-lhes que seria melhor economizarem o dinheiro para algo de que precisassem para as próprias famílias.

Além disso, gostava da cozinha do jeitinho que ela era. Modernizá-la acabaria com sua personalidade e Adrienne gostava das lembranças que o lugar despertava. Afinal de contas, fora ali que passaram a maior parte de seu tempo juntos como uma família, antes e depois de Jack ir embora. As crianças tinham feito seus deveres de casa à mesa onde agora estava sentada; durante anos, o único telefone da casa era um aparelho preso na parede e ela ainda se lembrava das vezes em que vira seus filhos esticando o fio até a varanda na tentativa de ter um pouco de privacidade. Na despensa havia marcas a lápis no batente que mostravam a velocidade com que as crianças tinham crescido ao longo dos anos. Adrienne não se imaginava trocando isso por algo novo, não importava quanto fosse elegante. Ao contrário da sala de estar, onde a televisão estava constantemente ligada, ou dos quartos, que eram o refúgio de quem queria ficar sozinho, a cozinha era o único lugar para onde todos iam falar e ouvir, aprender e ensinar, rir e chorar. O lugar onde a casa deles era o que devia ser, o lugar onde Adrienne sempre se sentira mais feliz.

Também era o lugar onde Amanda descobriu quem sua mãe realmente era.



Adrienne tomou o resto do seu vinho e empurrou a taça para o lado. A chuva havia parado, mas as gotas que permaneciam na janela pareciam refletir a luz de modo a transformar o mundo lá fora em algo diferente, algo que Adrienne nunca tinha visto. Isso não a surpreendia: à medida que ficava mais velha, descobria que tudo ao seu redor parecia mudar quando seus pensamentos retornavam ao passado. Esta noite, ao contar sua história, teve a sensação de que havia voltado no tempo e se perguntou se sua filha tinha notado alguma diferença.

Não, concluiu, certamente não, mas isso se devia à juventude de Amanda. A filha não podia se imaginar no lugar de alguém de 60 anos, e às vezes Adrienne se perguntava quando Amanda perceberia que as pessoas no fundo não eram muito diferentes umas das outras. Jovens ou velhas, homens ou mulheres, todas queriam as mesmas coisas: paz, uma vida tranquila, felicidade. A diferença era que as pessoas mais jovens pareciam pensar que essas coisas estavam no futuro, enquanto as mais velhas acreditavam que estavam no passado.

Isso também se aplicava à própria Adrienne, pelo menos em parte. No entanto, por mais que o passado tivesse sido maravilhoso, ela se recusava a permanecer perdida nele como muitas de suas amigas tinham feito. O passado não era só um mar de rosas: também tinha sua cota de sofrimento. O que Jack a tinha feito passar, por exemplo, e seus sentimentos em relação a Paul Flanner agora.

Esta noite, Adrienne choraria, mas, como prometera a si mesma todos os dias desde que ele deixara Rodanthe, seguiria em frente. Era uma sobrevivente, como seu pai lhe dissera muitas vezes. Saber disso lhe dava certa satisfação, mas não apagava a dor ou a sensação de perda.

Atualmente tentava se concentrar nas coisas que lhe davam prazer. Adorava ver os netos descobrindo o mundo, visitar amigos e saber o que estava acontecendo na vida deles. Passara a gostar até do emprego na biblioteca.

O trabalho não era difícil – agora estava na seção de consultas especiais, de onde os livros não podiam sair – e como podiam se passar horas sem que precisassem dela para alguma coisa, tinha a oportunidade de observar as pessoas que entravam pela porta envidraçada do prédio. Ao longo dos anos aprendera a gostar disso. Enquanto as pessoas se sentavam às mesas e se acomodavam nas poltronas nas salas silenciosas, ela achava impossível não procurar imaginar a vida delas. Tentava descobrir se alguém era casado ou com que trabalhava, a cidade em que morava ou os livros que poderiam despertar-lhe o interesse. E de vez em quando tinha a chance de descobrir se estava certa. A pessoa vinha lhe pedir ajuda para encontrar algum livro específico e ela iniciava uma conversa amigável. Na maioria das vezes, suas suposições chegavam bem perto da verdade e ela se perguntava como tinha adivinhado.

De vez em quando, aparecia alguém interessado nela. Há alguns anos, costumavam ser mais velhos do que ela, e agora tendiam a ser mais jovens, mas de qualquer modo o processo era o mesmo. O pretendente começava a passar longos períodos na seção de consultas especiais e fazia muitas perguntas, primeiro sobre livros, depois sobre temas gerais e finalmente sobre ela. Adrienne não se importava de respondê-las e a maioria acabava convidando-a para sair. Ela sempre ficava lisonjeada quando isso acontecia, mas no íntimo sabia que não importava quão maravilhoso o pretendente pudesse ser, ela não conseguiria abrir seu coração como um dia fizera.

Sua estadia em Rodanthe também a mudara de outras formas. Estar com Paul havia curado seus sentimentos de perda e traição ligados ao divórcio e os substituído por algo mais forte e nobre.

Saber que era digna de ser amada tornou mais fácil manter a cabeça erguida. Com sua autoconfiança renovada, pôde voltar a falar com Jack sem intenções ocultas ou insinuações, sem a culpa e o arrependimento que

antes não conseguia esconder. Isso aconteceu aos poucos. Jack telefonava para falar com os filhos e eles conversavam por alguns minutos antes de Adrienne passar a ligação. Depois ela começou a perguntar por Linda e pelo trabalho dele, ou a lhe contar o que fizera nos últimos tempos. Pouco a pouco, Jack pareceu perceber que ela não era mais a mesma pessoa. Essas conversas se tornaram mais amigáveis com o passar dos anos e, às vezes, eles se telefonavam só para bater papo. Na época em que o casamento de Jack com Linda começou a ter problemas, Adrienne e ele passavam horas ao telefone, às vezes até tarde da noite. Quando Jack e Linda se divorciaram, Adrienne estava lá para ajudá-lo a superar sua tristeza. Ela até permitiu que ele ficasse no quarto de hóspedes quando aparecia para ver os filhos. Ironicamente, Linda o deixara por outro homem, e Adrienne agora se lembrava de ter ficado sentada com o ex-marido na sala de estar ouvindo-o se lamentar com um copo de uísque na mão.

Em uma dessas vezes, já passava da meia-noite e Jack havia falado por algumas horas sobre o que estava passando quando enfim pareceu perceber quem o estava ouvindo.

– Também doeu tanto assim em você? – perguntou.

– Doeu – respondeu ela.

– Quanto tempo levou para dar a volta por cima?

– Três anos. Mas eu tive sorte.

Jack assentiu. Com os lábios contraídos, olhou para sua bebida.

– Sinto muito – disse. – A coisa mais idiota que eu já fiz foi sair por aquela porta.

Adrienne sorriu e deu um tapinha na perna dele.

– Eu sei. Mas obrigada mesmo assim.

Cerca de um ano depois, Jack ligou convidando-a para jantar. E assim como ela tinha feito com todos os outros homens, Adrienne disse não, educadamente.

Adrienne se levantou, foi até o balcão pegar a caixa que trouxera de seu quarto e depois voltou para a mesa. A essa altura, Amanda a observava com um fascínio quase cauteloso. Adrienne sorriu e pegou a mão da filha.

Ao fazer isso, percebeu que em algum momento nas últimas horas a jovem se dera conta de que não conhecia a mãe tão bem quanto imaginava. Aquilo era, pensou Adrienne, uma espécie de inversão de papéis. Amanda estava com o mesmo olhar que Adrienne às vezes tinha no passado, quando seus filhos se reuniam nos feriados e faziam brincadeiras sobre as coisas que haviam aprontado quando mais novos. Fazia apenas alguns anos que Adrienne ficara sabendo que Matt costumava sair escondido com os amigos e só voltava tarde da noite, que Amanda começara a fumar no terceiro ano do ensino médio (e parara no mesmo ano) e que tinha sido Dan quem começara o pequeno incêndio na garagem, atribuído a uma tomada defeituosa. Ela rira junto com eles, sentindo-se ingênua. Era assim que Amanda estava se sentindo agora?

Na parede, o relógio tiquetaqueava, regular e constantemente. O aquecedor produziu um som surdo ao ser acionado. Amanda suspirou.

– Foi uma história e tanto – disse, girando a taça na mão. A luz incidiu sobre o vinho, fazendo-o brilhar. – Matt e Dan sabem? Quero dizer, você contou a eles?

– Não.

– Por quê?

– Não tenho certeza se eles precisam saber. – Adrienne sorriu. – Além disso, não sei se entenderiam, independentemente do que eu lhes dissesse. Por serem homens, tendem a ser protetores. Não quero que pensem que Paul estava apenas se aproveitando de uma mulher solitária. Às vezes os homens são assim: se conhecem alguém e se apaixonam, acham que é real, não importa a rapidez com que aconteceu. Mas se alguém se apaixona por uma mulher com quem se preocupam, não param de questionar as intenções dele. Para ser sincera, não sei se algum dia lhes contarei.

Amanda fez que sim com a cabeça antes de perguntar:

– Então por que eu?

– Porque achei que você precisava saber.

Distraidamente, a jovem começou a enrolar uma mecha de cabelo nos dedos. Adrienne se perguntou se esse hábito era genético ou se ela o adquirira observando a mãe.

– Mãe?

– Sim?

– Por que não nos falou sobre ele? Quero dizer, nunca mencionou nada sobre isso.

– Eu não podia.

– Por que não?

Adrienne se recostou em sua cadeira e respirou profundamente.

– No início, acho que temia que não fosse real. Sabia que nos amávamos, mas a distância pode fazer coisas estranhas com as pessoas. Antes de lhes contar, eu queria estar segura de que duraria. Depois, quando comecei a receber as cartas dele e soube que sim... não sei... pareceu que ia demorar tanto para vocês o conhecerem que não vi sentido em dizer qualquer coisa...

Ela ficou em silêncio por um momento, escolhendo cuidadosamente as próximas palavras:

– Você também precisa entender que agora vocês não são mais os mesmos que eram naquela época. Você tinha 17 anos e Dan só tinha 15. Eu não sabia se estavam prontos para ouvir algo assim. Quero dizer, como teriam se sentido se voltassem da casa de seu pai e eu lhes contasse que estava apaixonada por alguém que tinha acabado de conhecer?

– Nós poderíamos ter entendido.

Adrienne não tinha tanta certeza, mas não discutiu com Amanda. Em vez disso, deu de ombros.

– Quem sabe? Talvez você tenha razão. Talvez vocês pudessem ter aceitado, mas na época eu não quis arriscar. E se tivesse de fazer tudo de novo, provavelmente não mudaria nada.

Amanda mudou de posição na cadeira. Em seguida, encarou a mãe.

– Tem certeza de que ele a amava? – perguntou.

– Tenho.

Os olhos de Amanda estavam quase azul-esverdeados à luz que diminuía. Ela sorriu gentilmente, como se tentando fazer a pergunta óbvia sem magoar a mãe.

Adrienne sabia o que a filha perguntaria a seguir. Era, pensou, a única pergunta lógica que restara.

Amanda se inclinou para a frente, o rosto cheio de preocupação.

– Então onde ele está?



Nos catorze anos desde que vira Paul Flanner pela última vez, Adrienne tinha viajado para Rodanthe cinco vezes. A primeira delas fora em junho do mesmo ano. A areia parecia mais branca e o céu mais bonito e azul, mas Adrienne preferira fazer as viagens restantes durante os meses de inverno. Apesar de nessas ocasiões a cidade estar cinzenta e fria, ela sabia que isso a faria se lembrar mais vividamente do passado.

Na manhã em que Paul foi embora, Adrienne ficou perambulando pela casa, sem conseguir ficar parada. Manter-se em movimento parecia ser o único modo de lidar com seus sentimentos. No fim da tarde, quando o crepúsculo começava a conferir ao céu tons desbotados de vermelho e laranja, ela saiu e ficou olhando para cima, tentando encontrar o avião em que Paul estava. As chances de vê-lo eram infinitesimais, mas ficou lá assim mesmo, sentindo cada vez mais frio à medida que a noite caía. Ocasionalmente, via rastros de fumaça entre as nuvens, mas a lógica lhe dizia que eram de aviões da base naval de Norfolk. Quando entrou, suas mãos estavam dormentes e ela as passou pela água quente na pia, sentindo-as formigar. Mesmo sabendo que Paul se fora, pôs a mesa para dois.

Parte de Adrienne esperava que ele voltasse. Enquanto jantava, imaginou-o entrando pela porta da frente e largando as mochilas no chão, dizendo que não partiria sem passar outra noite com ela. Sugeriria que eles

fossem embora no dia seguinte, ou no outro, quando seguiriam pela estrada na direção norte até Adrienne fazer a curva para a casa dela.

Mas Paul não voltou. A porta da frente não se abriu e o telefone não tocou. Por mais que Adrienne quisesse que ele ficasse, sabia que tinha tido razão em encorajá-lo a ir. Um dia a mais não tornaria a partida menos difícil; outra noite juntos só significaria que eles teriam de se despedir novamente e já fora duro o suficiente da primeira vez. Não podia se imaginar tendo de dizer aquelas palavras de novo, tampouco passar um dia igual ao que acabara de ter.

Na manhã seguinte, começou a limpar a pousada, movendo-se em um ritmo constante, concentrada na rotina. Lavou a louça, depois secou e guardou tudo. Passou o aspirador de pó nos tapetes, varreu a areia da cozinha e da entrada, espanou a balaustrada da varanda e as luminárias da sala de estar. Depois arrumou o quarto de Jean até achar que o tinha deixado igual a quando chegara.

Então, após carregar sua mala para o andar de cima, abriu a porta do quarto azul.

Não tinha entrado lá desde a manhã anterior. A luz da tarde projetava prismas na parede. Paul tinha arrumado a cama antes de descer, mas parecia ter percebido que não precisava deixá-la perfeita. Havia pequenas protuberâncias sob o edredom nos pontos em que o cobertor enrugara e o lençol pendia em alguns lugares, quase tocando o chão. No banheiro, uma tolha estava pendurada no varão da cortina e havia outras duas emboladas juntas perto da pia.

Adrienne ficou parada por um instante, assimilando aquilo tudo, antes de enfim suspirar e pôr sua mala no chão. Ao fazer isso, viu na escrivaninha a carta que Paul lhe escrevera. Pegou-a e se sentou lentamente na beirada da cama. No silêncio do quarto onde haviam se amado, leu o que ele escrevera na manhã anterior.

Quando terminou, Adrienne abaixou a carta e ficou sentada sem se mexer, pensando em Paul escrevendo-a. Após dobrar cuidadosamente o papel, colocou-o em sua mala junto com a concha que haviam encontrado

na praia. Quando Jean chegou, algumas horas depois, Adrienne estava apoiada na balaustrada na varanda dos fundos, olhando para o céu de novo.

Jean estava animada como sempre, feliz em ver Adrienne e em voltar para casa. Falava sem parar sobre o casamento e o hotel antigo em Savannah onde se hospedara. Adrienne a ouviu sem interrupções e, depois do jantar, disse que queria dar uma caminhada na praia. Felizmente, Jean não aceitou o convite para acompanhá-la.

Quando voltou, a amiga estava desfazendo as malas em seu quarto. Adrienne se serviu de uma xícara de chá e foi se sentar perto da lareira. Enquanto se balançava na cadeira, ouviu Jean entrar na cozinha.

– Onde você está? – gritou ela.

– Aqui – respondeu Adrienne.

Jean entrou na sala um momento depois.

– Ouvi uma chaleira assoviar?

– Acabei de me servir de uma xícara.

– Desde quando você bebe chá?

Adrienne deu uma breve risada, mas não respondeu.

Jean pôs a cadeira de balanço ao lado da dela. Lá fora, a lua resplandecia no céu, fazendo a areia brilhar.

– Estou achando você meio calada – comentou Jean.

– Desculpe. – Adrienne deu de ombros. – Só estou um pouco cansada. Acho que sinto falta da minha própria casa.

– Posso imaginar. Eu fiquei contando os quilômetros desde que saí de Savannah, mas pelo menos não havia muito trânsito. Sabe como é, baixa temporada.

Adrienne assentiu.

Jean se recostou em sua cadeira.

– Correu tudo bem com Paul Flanner? Espero que a tempestade não tenha arruinado a estadia dele.

Ouvir o nome de Paul fez Adrienne ficar com um nó na garganta, mas ela tentou parecer calma.

– Acho que a tempestade não o incomodou nem um pouco – respondeu.

– Me fale sobre ele. Pela voz, tive a impressão de que era um pouco formal.

– Não, de modo algum. Ele foi... gentil.

– Foi estranho ficar sozinha com ele?

– Não. Não depois que eu me acostumei.

Jean esperou para ver se Adrienne acrescentaria alguma coisa, mas ela permaneceu em silêncio.

– Bem... ótimo. E você? Teve alguma dificuldade para preparar a casa para a chuva?

– Não.

– Que bom. Agradeço o que fez por mim. Sei que esperava um fim de semana tranquilo, mas acho que o destino não estava do seu lado, não é?

– É, acho que não.

Talvez tivesse sido o modo como ela falou, mas algo fez Jean olhá-la com uma expressão de curiosidade. Subitamente precisando ficar sozinha, Adrienne terminou seu chá.

– Detesto não lhe dar mais atenção, Jean, mas acho que vou me recolher – disse, fazendo o possível para sua voz soar natural. – Estou cansada e tenho uma longa viagem pela frente amanhã. Que bom que você se divertiu no casamento.

Jean ergueu levemente as sobrancelhas ao encerramento repentino da noite.

– Hã... bem, obrigada – falou. – Boa noite.

– Boa noite.

Adrienne percebeu o olhar desconfiado da amiga, que a acompanhou até ela terminar de subir a escada. Depois de abrir a porta do quarto azul, despiu-se e foi para a cama, nua e sozinha.

Podia sentir o cheiro de Paul no travesseiro e nos lençóis, e o inspirou, correndo os dedos distraidamente pelos seios e lutando contra o sono até não poder mais. Quando se levantou na manhã seguinte, fez um bule de café e foi dar outra caminhada na praia.

Em meia hora, passou por dois casais. Uma massa de ar quente passara pela ilha e Adrienne sabia que o dia atrairia ainda mais pessoas para a

beira da água.

Àquela altura Paul já havia chegado na clínica e ela se perguntou como devia ser. Tinha formado uma imagem na cabeça, algo que talvez tivesse visto na TV, em um documentário sobre a natureza – uma série de construções feitas às pressas no meio da selva, sulcos em uma estrada de terra sinuosa, pássaros exóticos trinando ao fundo –, mas duvidava que estivesse certa. Gostaria de saber se ele já tinha falado com Mark, como fora esse encontro, e se Paul, como ela, ainda estava revivendo mentalmente o fim de semana.

A cozinha estava vazia quando voltou. Viu o açucareiro aberto perto da cafeteira e uma xícara vazia ao lado. Ouviu o som distante de alguém cantarolando no andar de cima.

Seguiu o som e, quando chegou ao segundo andar, viu que a porta do quarto azul estava entreaberta. Aproximou-se, viu Jean inclinada para a frente na beirada da cama, enfiando para dentro a última ponta de um lençol limpo. Os lençóis usados, que antes envolveram Adrienne e Paul, estavam em um bolo no chão.

Adrienne olhou para os lençóis, sabendo que era ridículo ficar chateada, mas de repente se dando conta de que demoraria um ano para sentir o cheiro de Paul de novo. Inspirou profundamente, tentando conter o choro.

Jean se virou com os olhos arregalados, surpresa com o som.

– Adrienne? Está tudo bem?

Mas Adrienne não conseguiu responder. Tudo o que pôde fazer foi levar as mãos ao rosto, consciente de que dali em diante marcaria os dias no calendário até Paul voltar.



– Paul está no Equador – respondeu Adrienne para a filha.

Ela notou que sua voz estava surpreendentemente firme.

– No Equador? – repetiu Amanda. Tamborilou na mesa enquanto olhava para a mãe. – Por que ele não voltou?

– Ele não pôde.

– Por que não?

Em vez de responder, Adrienne ergueu a tampa da caixa e pegou uma folha de papel que parecia ter sido tirada de um caderno escolar. Dobrada, amarelara pelo tempo. Amanda viu o nome da mãe escrito na frente.

– Antes que eu lhe diga – continuou Adrienne –, quero responder à sua outra pergunta.

– Que outra pergunta?

Adrienne sorriu.

– Você perguntou se eu tinha certeza de que Paul me amava. – Ela deslizou a folha de papel por sobre a mesa na direção da filha. – Esta é a carta que ele me escreveu no dia em que foi embora.

Amanda hesitou antes de pegá-la. Desdobrava lentamente e, com a mãe sentada à sua frente, começou a ler.

Querida Adrienne,

Você não estava ao meu lado quando acordei hoje de manhã, mas desejei que estivesse. Sei que isso foi egoísmo de minha parte, no entanto, acho que essa é uma das características que mantive ao longo da vida.

Se você está lendo isto, significa que fui embora. Quando terminar de escrever, vou descer e pedir para ficar com você um pouco mais, mas não tenho nenhuma ilusão sobre o que me dirá.

Isto não é um adeus, e não quero que pense nem por um minuto que é o motivo desta carta. Em vez disso, vou encarar o ano à frente como uma chance de conhecê-la ainda melhor. Ouvi falar em pessoas que se apaixonam por meio de cartas. Embora já estejamos apaixonados, isso não significa que nosso amor não possa se tornar ainda mais profundo, não é? Eu gostaria de pensar que isso é possível, e se quer saber a verdade, essa convicção é a única coisa que me fará suportar o próximo ano sem você.

Quando fecho os olhos, consigo vê-la caminhando pela praia em nossa primeira noite juntos. Com relâmpagos refletindo em seu rosto, você estava absolutamente linda, e acho que em parte foi isso que me levou a me abrir com você de um modo que nunca fiz com ninguém. Mas não foi só sua beleza que me motivou. Foi tudo o que você é – sua coragem e sua paixão, a sabedoria e o bom senso com que vê o mundo. Acho que notei essas coisas em você na primeira vez em que tomamos café e, na verdade, quanto mais a conhecia, mais percebia quanto sentia falta dessas qualidades em minha própria vida. Você é uma joia rara, Adrienne, e eu sou um homem de sorte por ter tido a chance de conhecê-la.

Espero que você esteja bem. Ao escrever esta carta, sei que não estou. Despedir-me de você hoje será a coisa mais difícil que terei de fazer, e posso jurar com toda a honestidade que, quando voltar, nunca mais farei isso de novo. Eu te amo agora pelo que já partilhamos, e te amo antecipando tudo o que ainda está por vir. Você é a melhor coisa que já me aconteceu. Já sinto saudades, mas sei em meu coração que você estará sempre comigo. Nos poucos dias que passamos juntos você se tornou meu sonho.

Paul

O ano que se seguiu à partida de Paul foi diferente de todos os outros anos da vida de Adrienne. Superficialmente, as coisas correram como de costume. Ela participava da vida dos filhos, visitava o pai uma vez por dia, trabalhava na biblioteca como sempre. Mas havia nela um novo entusiasmo, alimentado pelo segredo que guardava, e a mudança em sua atitude não passou despercebida das pessoas próximas. Ela estava sorrindo mais e até seus filhos notaram que dava caminhadas depois do jantar ou volta e meia passava uma hora na banheira, ignorando o caos ao redor.

Nesses momentos, ela sempre pensava em Paul, mas a imagem dele era mais real quando via o caminhão do correio vindo pela rua, parando no caminho para fazer cada entrega.

O caminhão costumava passar entre dez e onze da manhã, e Adrienne ficava à janela até que ele parasse na frente de sua casa. Assim que ele partia, ela ia até a caixa de correio e procurava no meio da correspondência os sinais reveladores das cartas de Paul: os envelopes aéreos bege que ele preferia, selos de postagem que descreviam um mundo do qual ela não sabia nada, o nome dele escrito no canto superior esquerdo.

Quando a primeira das cartas chegou, ela a leu na varanda dos fundos. Assim que terminou, leu de novo, mais devagar, parando e se detendo nas palavras. Fez o mesmo com as correspondências seguintes. Quando elas passaram a chegar regularmente, percebeu que a mensagem de Paul na primeira delas, a que ele deixara na pousada, era verdadeira. Embora isso não fosse tão gratificante quanto vê-lo ou senti-lo abraçando-a, a paixão nas palavras de algum modo fazia a distância entre eles parecer menor.

Adorava imaginá-lo escrevendo as cartas. Visualizava-o atrás de uma escrivaninha antiga, com uma única lâmpada iluminando-lhe o rosto cansado. Gostaria de saber se ele escrevia rápido, as palavras fluindo ininterruptamente, ou se parava de vez em quando para olhar para o vazio, organizando os pensamentos. Às vezes as imagens assumiam uma forma e na carta seguinte tomavam outra, dependendo do que ele escrevera. Adrienne fechava os olhos e tentava adivinhar o estado de espírito de Paul.

Também escrevia para ele, respondendo suas perguntas e contando o que estava acontecendo em sua vida. Em todos os momentos ela o imaginava a seu lado: se a brisa balançava seus cabelos, era como se Paul estivesse gentilmente passando um dedo sobre sua pele; se ouvia o leve tique-taque de um relógio, era o som do coração de Paul enquanto ela encostava a cabeça no peito dele. Mas quando pousava a caneta, seus pensamentos sempre voltavam para os últimos momentos dos dois juntos, abraçando-se na estrada de cascalho, o roçar suave dos lábios dele, a

promessa de apenas um ano separados e depois uma vida inteira pela frente.

Além disso, às vezes Paul telefonava, quando tinha oportunidade de ir à cidade. Ouvir a ternura na voz dele sempre a fazia sentir um aperto na garganta. Assim como o som de sua risada e a tristeza em sua voz quando lhe dizia quanto sentia sua falta. Ele ligava durante o dia, quando os filhos dela estavam na escola. Sempre que Adrienne ouvia o telefone tocar, se via parando por um instante antes de atendê-lo, torcendo para que fosse Paul. As conversas não duravam muito, em geral menos que vinte minutos, mas eram suficientes para fazê-la suportar os próximos meses.

Na biblioteca, começou a fazer cópias de páginas de vários livros sobre o Equador, de todos os assuntos, desde geografia até história. Certa vez, quando uma revista de viagens publicou um artigo sobre a cultura equatoriana, ela comprou um exemplar e ficou sentada durante horas estudando as fotos e praticamente decorando o texto, tentando aprender o máximo possível sobre as pessoas com quem ele trabalhava. Às vezes, sem querer ficava pensando se alguma das mulheres olhava para ele com o mesmo desejo que ela.

Adrienne também começou a escanear microfilmes de páginas de jornais comuns e de medicina, procurando informações sobre a vida de Paul em Raleigh. Nunca escreveu ou mencionou que estava fazendo isso, porque ele frequentemente dizia nas cartas que aquela era uma pessoa que nunca queria voltar a ser, mas ela não podia conter a curiosidade. Encontrou o artigo publicado no *Wall Street Journal*, com uma foto de Paul no alto. Dizia que ele tinha 38 anos, e quando Adrienne olhou para o rosto no retrato viu pela primeira vez como ele era quando mais jovem. Embora o tivesse reconhecido de imediato, havia algumas diferenças que chamaram sua atenção – os cabelos mais escuros partidos de lado, o rosto sem rugas, sério demais, com uma expressão dura – e não pareceram familiares. Ela lembrava que havia se perguntado o que ele acharia do artigo agora, se chegaria a lhe dar alguma importância.

Também encontrou algumas fotos de Paul em números antigos do *Raleigh News and Observer*, um jornal da cidade dele. Nas imagens, ele

aparecia cumprimentando o governador ou comparecendo à inauguração da nova ala do Duke Medical Center. Adrienne notou que ele não sorria em nenhuma das fotos. Era, pensou, um Paul que não conseguia imaginar.

Em março, sem nenhum motivo especial, Paul mandou flores para a casa dela, e depois começou a enviá-las todos os meses. Adrienne colocava os buquês em seu quarto, imaginando que os filhos acabariam notando e querendo saber quem os havia mandado, mas eles estavam concentrados em suas próprias vidas e nunca o fizeram.

Em junho, ela voltou a Rodanthe para um fim de semana prolongado com Jean. Quando chegou, a amiga parecia tensa, como se ainda tentasse descobrir o que perturbara Adrienne na última vez em que estivera lá, mas Jean voltou ao normal depois de uma hora de conversa tranquila. Durante o fim de semana, Adrienne caminhou pela praia algumas vezes, procurando outra concha, mas nunca encontrou uma que não tivesse sido quebrada pelas ondas.

Quando voltou para casa, descobriu que havia recebido uma carta de Paul. Dentro do envelope, ele mandou uma foto que Mark tirara na clínica. Embora mais magro do que seis meses atrás, ele parecia saudável. Adrienne apoiou a foto à sua frente enquanto escrevia a resposta. Paul lhe pedira uma foto sua, e Adrienne procurou em seus álbuns até encontrar uma que achasse boa o suficiente para mandar.

O verão estava quente e úmido, e Adrienne passou a maior parte de julho em casa, com o ar-condicionado ligado. Em agosto, Matt foi para a universidade e Amanda e Dan voltaram para o colégio. Quando as folhas nas árvores se tornaram amareladas, indicando a chegada do outono, Adrienne começou a pensar nas coisas que Paul e ela poderiam fazer juntos quando ele voltasse. Imaginou os dois indo a Biltmore Estate, em Asheville, para ver a decoração de Natal, e se perguntou o que seus filhos achariam dele quando aparecesse para a ceia, ou como Jean reagiria quando ela reservasse um quarto na pousada no nome dos dois logo após o ano-novo. Sem dúvida, pensou Adrienne com um sorriso, a amiga ergueria uma sobrancelha ao ouvir isso. Conhecendo-a como conhecia, no início não falaria nada, preferindo andar pela casa com uma expressão

complacente de quem sabia de tudo o tempo todo e já estava esperando por aquilo.

Agora, sentada com a filha, Adrienne se lembrava daqueles anos, dos momentos em que tinha acreditado que aquelas coisas realmente aconteceriam. Costumava imaginar os cenários em detalhes vívidos, mas nos últimos tempos se forçara a parar de fazer isso. O arrependimento que sempre se seguia ao prazer das fantasias a deixava se sentindo vazia, e sabia que seu tempo era mais bem empregado quando passado ao lado das pessoas que ainda eram parte de sua vida. Nunca mais queria sentir o que aqueles sonhos traziam. Mas às vezes, apesar de suas melhores intenções, simplesmente não podia evitá-los.



– Nossa! – murmurou Amanda enquanto abaixava a carta e a devolvia à mãe.

Adrienne dobrou-a em sua posição original, colocou-a de lado e depois pegou a foto de Paul que Mark tirara.

– Este é ele – disse.

Amanda pegou a foto. Apesar da idade, Paul era mais bonito do que Amanda imaginara. Ela se deteve nos olhos que pareceram cativar tanto sua mãe. Depois de um momento, sorriu.

– Posso entender por que você se apaixonou por ele. Tem mais alguma foto?

– Não – respondeu Adrienne. – Só essa.

Amanda assentiu com a cabeça, estudando novamente a fotografia.

– Você o descreveu bem. – Ela hesitou. – Algum dia ele enviou uma foto de Mark?

– Não, mas eles são parecidos – disse Adrienne.

– Você o conheceu?

– Conheci.

– Onde?

– Aqui.

Amanda ergueu as sobrancelhas.

– Aqui em casa?

– Ele se sentou onde você está agora.

– Onde nós estávamos?

– Na escola.

Amanda balançou a cabeça, tentando processar essa nova informação.

– Sua história está ficando confusa – disse.

Adrienne desviou o olhar e depois se levantou lentamente da mesa. Ao sair da cozinha, sussurrou:

– Também foi confusa para mim.



Em outubro, o pai de Adrienne se recuperara um pouco de seus derrames, embora não o suficiente para sair da clínica para idosos. Como sempre, Adrienne fora visitá-lo durante o ano inteiro, fazendo-lhe companhia e tentando ao máximo deixá-lo mais confortável.

Administrando cuidadosamente seu orçamento, conseguira poupar o suficiente para mantê-lo lá até abril, mas não sabia o que faria depois. Como as andorinhas no verão, a preocupação sempre voltava, embora ela fizesse o possível para esconder seus temores do pai.

Na maioria dos dias, a televisão estava ligada quando chegava, como se as enfermeiras do turno da manhã achassem que o som podia de algum modo afastar a confusão da mente do pai. A primeira coisa que Adrienne fazia era desligá-la. Ela era a única visita regular, além das enfermeiras. Embora compreendesse a relutância de seus filhos em ir ver o avô, preferiria que eles fossem. Não só porque seu pai queria vê-los, mas também pelo próprio bem deles. Sempre achara importante estar perto da

família nos bons e nos maus momentos, pelas lições que isso podia ensinar.

O pai perdera a capacidade de falar, mas Adrienne sabia que ele entendia o que lhe diziam. Com o lado direito do rosto paralisado, tinha um sorriso torto que ela achava afetuoso. Era preciso maturidade e paciência para ver além das aparências e enxergar o homem que um dia ele fora. Embora seus filhos às vezes demonstrassem essas qualidades, em geral se sentiam desconfortáveis quando Adrienne os fazia visitarem o avô. Era como se olhassem para ele e vissem um futuro que não podiam se imaginar enfrentando; parecia que os assustava a ideia de que um dia também poderiam terminar daquela forma.

Adrienne ajeitava os travesseiros do pai antes de se sentar na cama, pegar a mão dele e conversar. Na maioria das vezes, falava sobre acontecimentos recentes, sobre ela e os filhos, e o pai a olhava fixamente, comunicando-se do único modo que podia: em silêncio. Sentada a seu lado, Adrienne sempre se lembrava da infância – do cheiro de loção pós-barba no rosto do pai, dele jogando feno para dentro do estábulo, do roçar da barba por fazer quando ele lhe dava um beijo de boa-noite e das palavras carinhosas que sempre lhe dissera.

Na véspera do Dia das Bruxas, foi visitá-lo, sabendo que finalmente era hora de ele saber.

– Há uma coisa que eu preciso contar – começou.

Então, do modo mais simples possível, lhe falou sobre Paul e sobre o que ele significava para ela.

Quando terminou, ficou curiosa sobre o que o pai tinha achado do que acabara de dizer. Os cabelos dele eram brancos e ralos, e as sobrancelhas pareciam chumaços de algodão.

O pai deu aquele sorriso torto e moveu os lábios, tentando falar.

Ela sentiu um aperto na garganta e se inclinou sobre a cama, pondo a cabeça no peito dele. A mão boa do pai se moveu fracamente para suas costas, leve e suave. Sob ela, Adrienne sentiu-lhe as costelas, agora frágeis e quebradiças, e o batimento suave do coração.

– Ah, pai – sussurrou. – Também estou orgulhosa de você.

Na sala de estar, Adrienne foi até a janela e afastou as cortinas. A rua estava vazia e havia halos brilhantes ao redor dos postes de luz. Em algum lugar distante, um cão latiu avisando sobre um intruso real ou imaginário.

Amanda ainda estava na cozinha, mas Adrienne sabia que a filha acabaria indo a seu encontro. Fora uma noite longa para ambas.

O que Paul e ela tinham sido um para o outro? Mesmo agora, não sabia ao certo. Não havia uma definição fácil. Ele não tinha sido seu marido ou noivo; chamá-lo de namorado faria o sentimento entre eles parecer uma paixão adolescente; amantes representava apenas uma pequena parte do que eles tinham partilhado. Paul foi a única pessoa em sua vida, pensou, que pareceu desafiar qualquer descrição. Quantas outras pessoas poderiam dizer o mesmo sobre alguém?

No céu, a lua estava cercada por nuvens azul-escuras que a brisa carregava para o leste. Na manhã seguinte, choveria no litoral.

Adrienne achou melhor não mostrar as outras cartas para Amanda. O que ela ficaria sabendo ao lê-las? Os detalhes da rotina de Paul na clínica e o modo como ele passava seus dias? Ou como era seu relacionamento com Mark e os progressos que fizera? Tudo isso estava claro nas cartas, assim como os pensamentos, as esperanças e os temores de Paul, mas nada daquilo servia para transmitir à filha o que Adrienne queria. Os itens que separara seriam suficientes.

No entanto, assim que Amanda fosse embora, Adrienne leria todas as cartas de novo. À luz amarela de seu abajur de cabeceira, correria o dedo sobre as palavras, saboreando cada uma delas, sabendo que significavam mais do que tudo para ela.

Hoje, apesar da presença da filha, Adrienne estava só. Sempre estaria. Estava consciente disso ao contar sua história na cozinha e também agora, em pé junto à janela. Às vezes imaginava quem teria sido se Paul não surgisse em sua vida. Talvez tivesse se casado de novo. Teria sido uma boa esposa? Melhor: teria escolhido um bom marido?

Não seria fácil. Algumas de suas amigas viúvas ou divorciadas tinham se casado de novo. Os novos maridos, na maioria, pareciam bons homens, mas nenhum deles era como Paul. Como Jack, talvez houvesse alguns, mas não como Paul. Adrienne acreditava que o amor e o romance eram possíveis em qualquer idade, mas ouvira o bastante de suas amigas para saber que muitos relacionamentos acabavam sendo problemáticos demais para valerem a pena. Não queria se conformar com alguém mediano, não quando tinha cartas lembrando-a do que perdera. Por exemplo, existiria algum homem capaz de lhe sussurrar as palavras que Paul escrevera em sua terceira carta, palavras que ela decorara desde o primeiro dia em que as lera?

Quando eu durmo, sonho com você. Quando acordo, anseio por tê-la em meus braços. Na verdade, o tempo em que estamos separados só me faz ter mais certeza de que quero passar todas as noites a seu lado, e estar todos os dias em seu coração.

Ou as palavras da carta seguinte?

Quando escrevo para você, sinto sua respiração e imagino que, quando você lê, também sente a minha. É assim com você também? Essas cartas são parte de nós agora, parte da nossa história, um lembrete eterno de que passamos por isso. Obrigada por me ajudar a sobreviver a este ano, mas, mais do que isso, obrigado antecipadamente por todos os anos futuros.

Ou até mesmo estas, depois que Mark e ele tiveram uma discussão naquele verão, algo que, como era de se esperar, o deixara deprimido:

Há muitas coisas que eu desejo hoje em dia, mas, acima de tudo, queria que você estivesse aqui. É estranho, porque não consigo me lembrar da última vez que chorei antes de conhecê-la.

Agora parece que as lágrimas vêm facilmente... Mas você tem um modo de fazer com que meus momentos de tristeza pareçam valer a pena, de explicar as coisas de uma forma que diminui minha dor. Você é um tesouro, uma dádiva, e quando estivermos juntos de novo vou abraçá-la até meus braços ficarem fracos e eu não conseguir mais sustentá-los. Pensar em você é às vezes a única coisa que me faz seguir em frente.

Olhando para a face distante da lua, Adrienne soube a resposta. Não, pensou, não encontraria outro homem como Paul. Ao apoiar a cabeça na janela fria, sentiu a presença de Amanda atrás de si. Adrienne suspirou, sabendo que estava na hora de terminar a história.

– Ele viria no Natal – falou, a voz tão baixa que Amanda teve de se esforçar para ouvir. – Se tudo tivesse dado certo. Eu tinha reservado um quarto de hotel, para podermos ficar à vontade na primeira noite. Até comprei uma garrafa de pinot grigio. – Ela fez uma pausa. – Há uma carta de Mark que explica tudo.

– O que aconteceu?

Na escuridão, Adrienne finalmente se virou. Metade de seu rosto estava na sombra e, quando Amanda viu a expressão da mãe, sentiu um arrepio.

Demorou um momento para Adrienne responder, em um sussurro:

– Você nem imagina?

17

Amanda viu que a carta tinha sido escrita em uma folha do mesmo caderno que Paul usara para escrever a primeira. Notando que suas mãos estavam ligeiramente trêmulas, colocou-a aberta sobre a mesa.

Então respirou fundo e começou a ler.

Querida Adrienne,

Sentado aqui, percebo que nem imagino por onde devo começar. Afinal de contas, nós nunca nos vimos. Eu a conheci por meio de meu pai, não é a mesma coisa. Parte de mim gostaria de poder fazer isso pessoalmente, mas em virtude dos meus ferimentos ainda não pude partir. Então aqui estou eu, tentando encontrar palavras e me perguntando se qualquer coisa que eu escreva fará algum sentido.

Desculpe-me por não ter lhe telefonado, mas concluí que não seria mais fácil ouvir o que tenho a dizer. Eu mesmo ainda estou tentando entender.

Sei que meu pai falou sobre mim, mas acho importante que conheça nossa história do meu ponto de vista. Espero que isso lhe dê uma boa ideia do homem que a amou.

Você precisa entender que, enquanto eu crescia, não tive um pai. Sim, nós morávamos na mesma casa e ele sustentava a mim e à minha mãe, mas nunca estava por perto; só aparecia para me repreender sempre que havia um B em meu boletim. Lembro que minha escola participava de uma feira de ciências todos os anos,

mas do jardim de infância ao nono ano, meu pai nunca compareceu, nem uma única vez. Nunca me levou a um jogo de beisebol, nunca jogou bola comigo no quintal nem passeou comigo de bicicleta. Ele mencionou que havia contado um pouco disso para você, mas acredite: foi pior do que ele provavelmente deu a entender. Quando parti para o Equador, sinceramente, esperava nunca mais vê-lo.

Então, por incrível que pareça, ele decidiu vir para cá, para ficar comigo. Entenda que, no fundo, sempre houve em meu pai uma arrogância que passei a detestar, e achava que a vinda dele se devia a isso. Podia imaginá-lo tentando de repente agir como um pai, dando conselhos de que eu não precisava nem queria ouvir. Ou reorganizando a clínica para torná-la mais eficiente, ou tendo ideias brilhantes para tornar o lugar mais habitável para nós. Ou até mesmo cobrando alguns favores que ficaram lhe devendo ao longo dos anos para trazer uma equipe completa de jovens médicos voluntários para trabalhar na clínica, e se certificando de que a imprensa de nosso país tivesse conhecimento de que ele era responsável por todas as boas ações. Meu pai sempre adorou ver seu nome nos jornais e sabia muito bem o que a boa publicidade podia fazer por ele e por sua clínica. Quando ele chegou, eu estava pensando em arrumar minhas malas e ir para casa, deixá-lo para trás. Tinha um monte de respostas prontas para tudo o que achava que ele poderia dizer. "Me desculpe." "Um pouco tarde para isso." "É muito bom ver você." "Eu gostaria de poder dizer o mesmo." "Acho que deveríamos conversar." "Mas eu não acho." Só que, em vez de qualquer uma dessas coisas, tudo o que ele disse foi "Olá" e, ao ver minha expressão, simplesmente assentiu com a cabeça e se afastou. Esse foi nosso único contato durante a primeira semana dele aqui.

As coisas ainda demoraram para se acertar. Não foi nada rápido. Durante meses, esperei que meu pai voltasse a seus comportamentos antigos, e fiquei sempre com um pé atrás, pronto

para revidar. Mas ele nunca fez isso. Nunca reclamou do trabalho ou das condições, só deu sugestões quando lhe foram pedidas e, embora nunca tivesse confessado, o diretor enfim admitiu que foi meu pai quem forneceu os medicamentos novos e os equipamentos que nos eram essenciais, apesar de ter insistido para que sua doação permanecesse anônima.

O que eu mais gostei foi ele não ter fingido que éramos algo que nunca tínhamos sido. Durante meses não fomos amigos e eu não o vi como um pai, mas ele nunca tentou me fazer mudar de ideia sobre essas coisas. Não me pressionou de modo algum, e acho que foi aí que comecei a baixar a guarda.

Acho que o que estou tentando dizer é que meu pai mudou e, pouco a pouco, comecei a acreditar que havia algo nele que merecia uma segunda chance. Ele tinha começado a mudar antes de conhecê-la, mas você foi o principal motivo de ele ter se tornado a pessoa que se tornou. Antes de conhecê-la, meu pai buscava algo. Quando você apareceu, ele encontrou.

Ele falava de você o tempo todo e não posso imaginar quantas cartas deve ter lhe enviado. Ele a amava, mas tenho certeza que sabe disso. O que talvez não saiba é que eu não estava totalmente convencido de que ele sabia o significado de amar alguém antes de você aparecer. Meu pai conseguiu muitas coisas na vida, mas não tenho dúvida de que teria trocado tudo por uma vida ao seu lado. Considerando que foi casado com minha mãe, não é muito fácil escrever isso, mas achei que gostaria de saber. E com certeza ele gostaria de saber que eu entendi quanto você significava para ele.

De algum modo, você mudou meu pai. Por sua causa eu não trocaria este último ano por nada. Não sei como fez isso, mas o transformou em um homem de quem já sinto falta. Você o salvou e, fazendo isso, acho que de certo modo me salvou também.

Sabe, ele estava naquela clínica isolada nas montanhas por minha causa. Aquela noite foi absolutamente terrível. Fazia dias que chovia e todas as estradas estavam tomadas pela lama.

Quando avisei pelo rádio que não conseguiria voltar porque meu jipe não pegava, e um grande deslizamento de terra era iminente, foi ele quem pediu outro jipe – apesar dos protestos frenéticos do diretor – para tentar me alcançar. Meu pai foi me salvar, e quando percebi que era ele sentado atrás do volante, acho que foi a primeira vez que o vi como pai. Até aquele ponto sempre tinha sido meu pai, claro, mas não no sentido que a palavra implica, se entende o que eu quero dizer.

Nós conseguimos sair de lá a tempo. Minutos depois, ouvimos um estrondo quando a lateral da montanha cedeu, destruindo a clínica por completo. Lembro que nos entreolhamos sem conseguir acreditar que tínhamos escapado.

Gostaria de poder lhe dizer o que deu errado depois, mas não sei. Ele estava dirigindo com cuidado e tínhamos quase chegado. Dava para ver as luzes da clínica principal no vale abaixo. Mas quando fizemos uma curva fechada, o jipe começou a derrapar. Só o que eu vi foi que tínhamos saído da estrada e estávamos caindo pela encosta da montanha.

Fora quebrar o braço e várias costelas, eu estava bem, mas logo percebi que meu pai não. Gritei para ele aguentar firme, que eu ia buscar ajuda, mas meu pai agarrou minha mão e me manteve no lugar. Acho que sabia que estava perto do fim e queria que eu ficasse com ele.

Foi quando o homem que havia acabado de salvar minha vida me pediu para perdoá-lo.

Ele a amava, Adrienne. Por favor, não se esqueça disso. Apesar do pouco tempo que passaram juntos, ele a adorava, e eu lamento muito sua perda. Quando as coisas estiverem difíceis, como estão para mim, pense que não só ele teria feito por você o mesmo que fez por mim, como também que eu tive a chance de conhecer e amar meu pai graças a você.

Acho que é isso que estou tentando dizer. Obrigado por ler.

Mark Flanner

Amanda pousou a carta na mesa. Agora estava quase escuro na cozinha e ela podia ouvir o som da própria respiração. Adrienne ficara na sala de estar, sozinha com seus pensamentos. Amanda dobrou a carta, pensando em Paul, na mãe e, estranhamente, em Brent.

Com esforço, conseguiu se lembrar daquele Natal, tantos anos antes – a mãe passara quase a noite toda calada, dando de vez em quando sorrisos que sempre pareciam um pouco forçados, e quando chorara todos presumiram ter algo a ver com o pai deles.

Ela passou por tudo aquilo sem dizer nada.

Apesar de a mãe e Paul não terem vivido juntos os anos que ela tivera com Brent, Amanda soube com absoluta certeza que a morte de Paul atingira Adrienne com a mesma intensidade que ela própria experimentara ao se sentar ao lado da cama de Brent pela última vez.

Com uma diferença: ao contrário de Amanda, a mãe não tivera a chance de dizer adeus.



Quando ouviu os sons abafados dos soluços da filha, Adrienne se afastou da janela da sala e foi para a cozinha. Amanda a olhou em silêncio, os olhos cheios de angústia.

Adrienne ficou parada, observando a filha, e então abriu os braços. Instintivamente, Amanda se levantou, tentando em vão conter as lágrimas. Mãe e filha ficaram abraçadas na cozinha por um longo tempo.

18

O ar havia esfriado um pouco e Adrienne acendera algumas velas na cozinha para aquecê-la e iluminar o espaço. Sentada à mesa, pusera de volta na caixa as cartas de Mark e a foto. Amanda a observou seriamente, com as mãos no colo.

– Sinto muito, mãe – disse em voz baixa. – Por tudo. Por você ter perdido Paul e por ter de passar por isso sozinha. Não consigo nem imaginar como deve ter sido guardar tudo isso dentro de você.

– Nem eu – disse Adrienne. – Eu não teria conseguido sem ajuda.

Amanda balançou a cabeça.

– Mas você conseguiu.

– Não – retrucou Adrienne. – Eu sobrevivi, mas não fiz isso sozinha.

Amanda pareceu intrigada. Adrienne lhe deu um sorriso melancólico.

– Seu avô – explicou Adrienne. – Meu pai. Foi com ele que eu chorei. E chorei todos os dias durante semanas. Sem ele, não sei o que eu teria feito.

– Mas...

Amanda não concluiu a frase.

– Mas ele não podia dizer nada? Não precisava. Ele me ouvia e era disso que eu precisava. Além do mais, eu sabia que nada que meu pai dissesse faria a dor passar, mesmo se ele conseguisse falar. – Ela ergueu o olhar. – Você sabe disso tão bem quanto eu.

Amanda contraiu os lábios.

– Eu gostaria que você tivesse me contado – comentou. – Quero dizer, antes.

– Por causa do Brent?

Amanda assentiu.

– Eu sei, mas você ainda não estava pronta para ouvir. Precisava de tempo para vivenciar seu luto à sua própria maneira.

Por um longo momento, Amanda não disse nada.

– Isso não é justo. Você e Paul, Brent e eu – sussurrou.

– Não, não é.

– Como conseguiu seguir em frente depois de perdê-lo dessa maneira?

Adrienne deu um sorriso saudoso.

– Eu vivi um dia de cada vez. Não é isso que as pessoas nos aconselham a fazer? Sei que parece banal, mas eu costumava acordar de manhã e dizer para mim mesma que só precisava ser forte por um dia. Apenas um dia. Fiz isso repetidamente por vários anos.

– Do jeito que você fala, parece que foi muito simples – murmurou Amanda.

– Não foi. Foi a pior época da minha vida.

– Pior até mesmo do que quando papai foi embora?

– Isso também foi difícil, mas diferente. – Adrienne deu um rápido sorriso. – Como você mesma disse, lembra?

Amanda desviou o olhar. Sim, ela lembrava.

– Eu gostaria de ter tido a chance de conhecê-lo.

– Você teria gostado dele. Quero dizer, com o tempo. Naquela época, talvez não. Ainda esperava que seu pai e eu nos reconciliássemos.

Automaticamente Amanda levou a mão à aliança que ainda usava e a girou no dedo, o rosto indecifrável.

– Você perdeu tanta coisa...

– Sim, perdi.

– Mas parece tão feliz agora...

– Eu sou.

– Como consegue?

Adrienne juntou as mãos.

– É claro que fico triste quando lembro que perdi Paul ou penso nos anos que poderíamos ter passados juntos. Fiquei triste na época e ainda

fico. Mas você também tem de entender outra coisa: por mais que o modo como as coisas aconteceram tenha sido terrível e injusto, eu não trocaria os dias que tive com ele por nada.

Adrienne fez uma pausa, certificando-se de que a filha entendia.

– Na carta de Mark, ele disse que eu de certa forma salvei Paul de si mesmo. Mas se Mark tivesse me perguntado, eu teria lhe dito que nós salvamos um ao outro. Se eu nunca o tivesse conhecido, duvido que perdoaria Jack, e não teria sido a mãe ou a avó que sou agora. Graças a ele, voltei a Rocky Mount sabendo que ia ficar bem, que tudo daria certo e que, independentemente do que acontecesse, eu sobreviveria. E o ano que passamos nos correspondendo me deu a força de que precisava quando enfim soube o que havia ocorrido com ele. Sim, fiquei arrasada por perdê-lo, mas se pudesse voltar no tempo, sabendo o que aconteceria, ainda ia querer que não desistisse da viagem, por causa do filho. Paul precisava acertar as coisas com Mark. O filho precisava dele, sempre precisou. E não era tarde demais.

Amanda desviou o olhar, sabendo que ela também estava falando sobre Max e Greg.

– Foi por isso que eu lhe contei essa história – continuou Adrienne. – Não só porque passei pelo que você está passando, mas também porque queria que você entendesse como o relacionamento dele com o filho era importante. E o que significou para Mark saber disso. Essas feridas são difíceis de curar e não quero que você sofra mais do que já está sofrendo agora.

Adrienne estendeu o braço sobre a mesa e pegou a mão da filha.

– Sei que ainda está de luto por Brent e não há nada que eu possa fazer para ajudá-la com isso. Mas se ele estivesse aqui, diria para você se concentrar nos seus filhos, não na morte dele. Ele ia querer que você se lembrasse dos bons momentos, não dos ruins. E, acima de tudo, ia querer que você ficasse bem.

– Eu sei de tudo isso...

Adrienne a interrompeu com um gentil aperto de mão.

– Você é mais forte do que pensa – prosseguiu –, mas só se estiver disposta a lutar.

– Não é assim tão fácil.

– É claro que não, mas você precisa entender que não estou falando sobre suas emoções. Você não pode controlá-las. Ainda vai chorar, ainda terá vezes que não se sentirá capaz de ir em frente. Mas tem de agir como se fosse capaz. Nesses momentos, as ações são as únicas coisas que você pode controlar. – Ela fez uma pausa. – Seus filhos precisam de você, Amanda. Acho que nunca precisaram tanto. Mas ultimamente você não tem estado presente para eles. Sei que está sofrendo, e sofro por isso, mas você é mãe e não pode continuar agindo assim. Brent não teria desejado isso, e seus filhos estão pagando o preço.

Quando Adrienne terminou, Amanda estava com o olhar baixo. Mas então, quase em câmera lenta, ergueu a cabeça.

Por mais que quisesse saber, Adrienne não tinha a menor ideia no que Amanda estava pensando.



Quando Amanda chegou em casa, Dan estava dobrando a última toalha do cesto enquanto assistia a um canal de esportes na TV. Tinha separado as roupas em pilhas sobre a mesinha de centro. Ele procurou o controle remoto para diminuir o volume.

– Eu estava imaginando a que horas você ia voltar – comentou.

– Ah, oi – disse Amanda, olhando ao redor. – Onde estão os meninos?

Dan apontou com a cabeça enquanto acrescentava uma toalha verde à pilha.

– Eles foram para a cama há alguns minutos. Ainda devem estar acordados, se você quiser lhes dar boa-noite.

– Onde estão os seus filhos?

– Deixei com Kira, quando fomos para casa. Só para você ficar sabendo, Max deixou cair molho de pizza na camiseta do Scooby-Doo. Acho que é uma das favoritas dele, porque ficou muito chateado. Eu a coloquei de molho, mas não consegui encontrar o tira-manchas.

Amanda assentiu.

– Vou comprar este fim de semana. Tenho de ir ao supermercado mesmo. Também preciso de outras coisas.

Dan olhou para a irmã.

– Se fizer uma lista, Kira pode comprar o que você precisa. Sei que ela vai fazer compras lá para casa.

– Obrigada, mas está na hora de eu voltar a fazer isso.

– Está bem...

Dan deu um sorriso inseguro. Por um momento nem ele nem Amanda disseram nada.

– Obrigada por levar os meninos para passear – falou ela, rompendo enfim o silêncio.

Dan deu de ombros.

– Não foi nada de mais. Nós íamos sair de qualquer maneira, e achei que eles poderiam gostar.

– Não – disse Amanda, séria. – Quero dizer, obrigada por todas as vezes que você fez isso. Não só por hoje. Você e Matt têm sido ótimos desde... desde que Brent morreu, e não sei se já falei quanto sou grata por isso.

Dan desviou o olhar à menção do nome de Brent. Pegou o cesto de roupas vazio.

– Para que servem os tios, não é? Quer que eu passe aqui amanhã para pegar os meninos de novo? Eu estava pensando em andar de bicicleta com as crianças.

Amanda balançou a cabeça.

– Obrigada, mas acho que não vai ser preciso.

Dan olhou para ela com uma expressão de dúvida. Amanda não pareceu notar. Ela tirou o casaco e o colocou sobre a cadeira junto com sua bolsa.

– Hoje eu tive uma longa conversa com a mamãe.

– É? Como foi?

– Você não acreditaria na metade se eu lhe contasse.

– O que ela disse?

– Você tinha de estar lá. Mas descobri uma coisa que não sabia sobre ela.

Dan ergueu uma sobrancelha, em expectativa.

– Ela é mais forte do que parece – disse Amanda.

Dan riu.

– Sim... claro, ela é muito forte – falou com ironia. – Não pode ver nem um peixinho morrer que começa a chorar.

– Isso pode ser verdade, mas de muitos modos eu queria ser forte como ela.

– Aposto que sim.

Quando Dan viu a expressão séria da irmã, subitamente percebeu que aquilo não era uma piada e franziu as sobrancelhas.

– Espere – disse. – *Nossa* mãe?



Dan foi embora alguns minutos depois e, apesar de suas tentativas de descobrir o que a mãe contara a Amanda, ela se recusou a lhe dizer. Amanda entendia os motivos do silêncio de Adrienne, tanto no passado como no presente, e sabia que ela contaria a Dan quando e se tivesse um motivo para isso.

Depois que o irmão foi embora, Amanda trancou a porta e olhou ao redor da sala. Além de dobrar as roupas, ele havia arrumado tudo. Antes de ela ter saído, havia vídeos espalhados perto da televisão, uma pilha de xícaras vazias na mesinha lateral e revistas de um ano empilhadas desordenadamente na escrivaninha perto da porta.

Dan havia cuidado de tudo. Mais uma vez.

Ela apagou as luzes, pensando em Brent, nos últimos meses e em seus filhos. Greg e Max dividiam um quarto no fim do corredor. Antes de Brent morrer, ela ajudava os garotos a fazerem suas orações, lia para eles livrinhos com desenhos coloridos e depois os cobria até o queixo.

Hoje seu irmão já havia feito isso para ela. Na noite anterior, ninguém fizera.

Dirigiu-se ao andar de cima. A casa estava na escuridão. No alto da escada, ouviu os sussurros entrecortados de seus filhos. Seguiu pelo corredor, parou à porta do quarto deles e olhou para dentro.

Os dois dormiam em caminhas com edredons decorados com dinossauros e carros de corrida. Havia brinquedos espalhados entre as camas. Uma luminária estava ligada em uma tomada perto do armário e, no silêncio, ela viu novamente quão parecidos com o pai os dois garotos eram.

Eles haviam parado de se mexer. Sabendo que ela os observava, queriam que pensasse que estavam dormindo.

O chão rangeu sob o peso dela. Max pareceu estar prendendo a respiração. Greg olhou para ela e fechou os olhos quando Amanda se sentou na beirada da cama. Ela se inclinou, beijou-o na bochecha e passou gentilmente a mão pelos cabelos dele.

– Oi – sussurrou. – Está dormindo?

– Estou – respondeu Greg.

Amanda sorriu.

– Quer dormir com a mamãe hoje? Na cama grande? – perguntou ela, baixinho.

Greg pareceu demorar um pouco para entender.

– Com você?

– É.

– Quero – disse ele, e Amanda o beijou de novo enquanto o menininho se sentava.

Então ela foi até a cama de Max. Os cabelos dele tinham assumido um brilho dourado à luz que entrava pela janela, parecendo um enfeite de Natal.

– Oi, querido.

Max engoliu em seco, os olhos fechados.

– Posso ir também?

– Se você quiser.

– Eu quero – disse ele.

Amanda sorriu quando eles se levantaram, e quando começaram a se dirigir à porta ela os puxou para trás, para abraçá-los. Eles tinham cheiro de garotinhos: de terra, grama molhada e inocência.

– Que tal irmos amanhã ao parque e depois tomarmos sorvete? – sugeriu ela.

– Podemos soltar pipa? – perguntou Max.

Amanda os apertou com mais força, fechando os olhos.

– O dia inteiro. E no dia seguinte também, se quiserem.

19

Passava da meia-noite e Adrienne estava sentada na cama em seu quarto, segurando a concha. Dan havia telefonado uma hora antes, cheio de novidades sobre Amanda.

– Ela me disse que vai sair com os garotos amanhã, só eles três. Que eles precisam passar um tempo com a mãe. – Ele fez uma pausa. – Não sei o que você disse, mas acho que funcionou.

– Que bom.

– Então, o que você falou para ela? Sabe, Amanda foi um pouco reservada em relação a isso.

– A mesma coisa que tenho dito o tempo todo. A mesma coisa que você e Matt não param de dizer.

– Então por que desta vez ela a ouviu?

– Porque finalmente quis – respondeu Adrienne.

Mais tarde, depois de ter desligado o telefone, Adrienne leu as cartas de Paul, como sabia que faria. Ela também havia lido as cartas que enviara a Paul durante aquele ano. Estavam na segunda pilha, a que Mark Flanner tinha trazido quando fora à casa dela dois meses depois de Paul ser enterrado no Equador. Embora as lágrimas tornassem difícil ver as palavras dele, as palavras que ela mesma escrevera eram ainda mais difíceis de revisitar.

Antes de ir embora, Amanda havia se esquecido de perguntar sobre a visita de Mark, e Adrienne não a lembrara disso. Mais à frente, a filha poderia voltar a tocar nesse assunto, mas mesmo agora Adrienne não estava certa sobre até que ponto contaria. Essa tinha sido a única parte da

história que guardara totalmente para si ao longo dos anos, trancada como as cartas. Nem mesmo seu pai sabia o que Paul fizera.

À luz pálida que se infiltrava pela janela, Adrienne se levantou da cama, pegou um casaco e um cachecol no armário e desceu a escada. Abriu a porta dos fundos e saiu.

As estrelas brilhavam como pequenas lantejoulas na capa de um mágico, e o ar estava úmido e frio. No quintal, viu poças escuras refletindo o céu cor de ébano. Luzes brilhavam nas janelas dos vizinhos e, embora Adrienne soubesse que era apenas sua imaginação, quase pôde sentir a maresia, como se a névoa marinha estivesse invadindo os jardins próximos.

Mark havia ido à casa de Adrienne em uma manhã de fevereiro; ainda estava com o braço enfaixado apoiado em uma tipoia, mas Adrienne mal notara. Em vez disso, ficou encarando-o, incapaz de desviar o olhar do rosto dele. Era exatamente igual ao pai, pensou. Ao abrir a porta e ver o sorriso triste de Mark, Adrienne deu um pequeno passo para trás, fazendo um grande esforço para conter as lágrimas.

Sentaram-se à mesa, com duas xícaras de café entre eles, e Mark tirou as cartas da bolsa que trouxera.

– Ele as guardou – disse. – Eu não sabia o que fazer com elas além de trazê-las para você.

Adrienne assentiu enquanto as pegava.

– Obrigada por sua carta – falou ela. – Sei quanto deve ter sido difícil para você escrevê-la.

– Não há de quê – respondeu Mark e, por um longo momento, ficou em silêncio.

Depois, enfim, disse-lhe por que viera.

Agora, na varanda, Adrienne sorria ao pensar no que Paul fizera por ela. Depois que Mark foi embora, ela tinha ido visitar o pai na clínica para idosos, o lugar de onde ele nunca teria de sair. Como Mark havia explicado, Paul cuidara de tudo para que o pai permanecesse lá até o fim de seus dias – um presente com que esperara surpreendê-la. Quando ela

ameaçou protestar, Mark deixou claro que Paul teria ficado com o coração partido se ela não aceitasse.

– Por favor – pedira ele. – Era isso que meu pai queria.

Nos anos seguintes, Adrienne se lembrara com carinho do último gesto de Paul, assim como de todos os detalhes dos poucos dias que passaram juntos. Paul ainda significava muito para ela – sempre significaria –, e no ar frio da noite de inverno que se aproximava, Adrienne soube que sempre se sentiria dessa forma.

Já passara da metade da vida, mas não se sentia assim. Anos inteiros tinham desaparecido de sua memória, como pegadas na areia perto da beira da água. A não ser pelos dias que estivera com Paul, às vezes achava que vivera a própria vida com um nível de consciência não muito maior do que o de uma criança pequena em um longo passeio de carro, olhando a paisagem mudar pela janela.

Apaixonara-se por um estranho em um fim de semana, e nunca se apaixonaria de novo. O desejo de amar novamente chegara ao fim em uma estrada sinuosa no Equador. Paul morrera pelo filho e, naquele momento, parte de Adrienne morrera também.

Porém, ela não tinha se tornado amarga. Na mesma situação, sabia que também teria tentado salvar o próprio filho. Sim, Paul se fora, mas lhe deixara muito. Ela havia encontrado amor e alegria, uma força que nunca soubera que tinha, e nada poderia lhe tirar isso.

Mas agora estava tudo terminado, exceto as lembranças, e Adrienne as construíra com infinito carinho. Eram tão reais para ela quanto o cenário para o qual olhava agora. Piscando para conter as lágrimas que tinham começado a cair, ergueu o queixo. Olhou para o céu e respirou fundo, ouvindo o eco distante das ondas quebrando na praia em uma noite tempestuosa em Rodanthe.

Agradecimentos

Noites de tormenta, como muitos de meus romances, não poderia ter sido escrito sem a paciência, o amor e o apoio de minha esposa, Cathy. Ela só fica mais linda a cada ano que passa.

Como a dedicatória é aos meus três outros filhos, tenho de agradecer a Miles e Ryan (que ganharam uma dedicatória em *Uma carta de amor*). Amo vocês!

Também gostaria de agradecer a Thereza Park e Jamie Raab, respectivamente minha agente e meu editor. Eles não só têm ótimos instintos como nunca me deixaram escorregar na escrita. Embora às vezes eu resmungue sobre os desafios que isso representa, o produto final é o que é graças aos dois. Quando eles gostam da história, as chances aumentam de que você, leitor, vá gostar também.

Larry Kirshbaum e Maureen Egen também merecem meus agradecimentos. Quando vou a Nova York, visitá-los é como visitar minha família. Eles tornaram a Warner Books um lar maravilhoso para mim.

Denise Di Novi, a produtora de *Uma carta de amor* e *Um amor para recordar*, é muito competente no que faz e também é uma pessoa que respeito e em quem confio. É uma boa amiga e merece minha gratidão por tudo o que fez – e ainda faz – por mim.

Richard Green e Howie Sanders, meus agentes em Hollywood, são ótimos amigos, ótimas pessoas e ótimos no que fazem. Obrigado, rapazes.

Scott Schwimer, meu advogado e amigo, sempre cuida de mim. Obrigado.

Na área de publicidade, preciso agradecer a Jennifer Romanello, Emi Battaglia e Edna Farley; Flag e o resto do pessoal do design da capa americana; Courtenay Valenti e Lorenzo De Bonaventura, da Warner Bros.; Hunt Lowry e Ed Gaylord II, da Gaylord Films; Mark Johnson e Lynn Harris, da New Line Cinema: foi ótimo trabalhar com todos vocês. Obrigado.

Mandy Moore e Shane West foram maravilhosos em *Um amor para recordar*, e agradeço seu entusiasmo pelo projeto.

E há as pessoas da família (que talvez gostem de ver seus nomes aqui): Micah, Christine, Alli e Peyton; Bob, Debbie, Cody e Cole; Mike e Parnell; Henrietta, Charles e Glenara; Duke e Marge; Dianne e John; Monte e Gail; Dan e Sandy; Jack, Carlin, Joe, Elaine e Mark; Michelle e Lemont; Paul, John e Caroline; Tim, Joannie e Papa Paul.

E, é claro, como posso me esquecer de Paul e Adrienne?

Sobre o autor

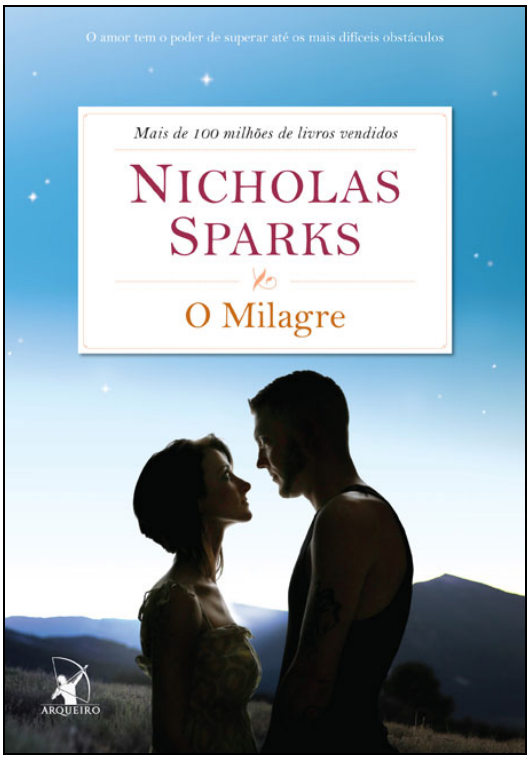


NICHOLAS SPARKS lançou seu primeiro livro aos 31 anos, ao qual se seguiram outros 18. Suas obras foram traduzidas para 50 idiomas e já venderam mais de 100 milhões de exemplares no mundo todo. Onze de seus livros ganharam adaptações para o cinema e para a TV.

O autor mora na Carolina do Norte e tem cinco filhos.

www.nicholassparks.com

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DO AUTOR



O MILAGRE

Jeremy Marsh é um jornalista cético que dedica a vida a investigar e desmentir fenômenos sobrenaturais. Ele está no auge do sucesso, prestes a ir trabalhar na TV, quando recebe uma carta curiosa.

Nela, uma senhora relata a ocorrência de luzes estranhas e fantasmagóricas no cemitério de Boone Creek, uma pequena cidade na Carolina do Norte. Farejando uma boa história, Jeremy sai de Nova York e vai passar uma semana lá.

Quando começa suas investigações, ele conhece a obstinada Lexie Darnell. Responsável pela biblioteca local, ela está determinada a proteger as pessoas e a cidade que tanto ama – e nem um pouco disposta a confiar

no forasteiro. Depois de sofrer pelo término de dois relacionamentos, ela tem duas certezas: a primeira é de que seu lugar é em Boone Creek, e a segunda é de que não se pode acreditar num homem tão sedutor quanto Jeremy.

O que ela não imagina é que o jornalista também tem suas feridas. Ele nunca conseguiu superar completamente a dor de seu casamento desfeito e a frustração de saber que jamais poderá ser pai.

Enquanto tenta descobrir a verdade por trás das luzes do cemitério, Jeremy tem que desvendar também os próprios sentimentos e se vê diante de escolhas muito difíceis, entre elas a de voltar para a vida que conhece em Nova York ou fazer algo completamente novo: acreditar.



O MELHOR DE MIM

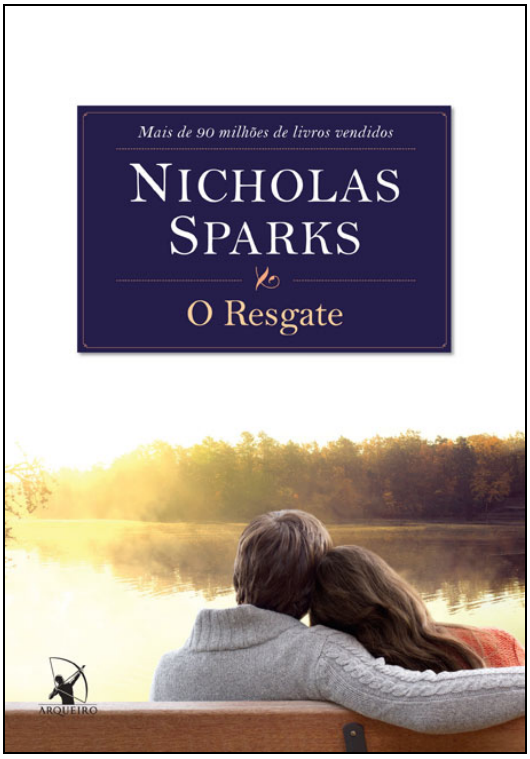
Na primavera de 1984, os estudantes Amanda Collier e Dawson Cole se apaixonaram perdidamente. Embora vivessem em mundos muito diferentes, o amor que sentiam um pelo outro parecia forte o bastante para desafiar todas as convenções de Oriental, a pequena cidade em que moravam.

Nascido em uma família de criminosos, o solitário Dawson acreditava que seu sentimento por Amanda lhe daria a força necessária para fugir do destino sombrio que parecia traçado para ele. Ela, uma garota bonita e de família tradicional, que sonhava entrar para uma universidade de renome, via no namorado um porto seguro para toda a sua paixão e seu espírito livre. Infelizmente, quando o verão do último ano de escola chegou ao fim, a realidade os separou de maneira cruel e implacável.

Vinte e cinco anos depois, eles estão de volta a Oriental para o velório de Tuck Hostetler, o homem que um dia abrigou Dawson, acobertou o namoro do casal e acabou se tornando o melhor amigo dos dois.

Seguindo as instruções de cartas deixadas por Tuck, o casal redescobrirá sentimentos sufocados há décadas. Após tanto tempo afastados, Amanda e Dawson irão perceber que não tiveram a vida que esperavam e que nunca conseguiram esquecer o primeiro amor. Um único fim de semana juntos e talvez seus destinos mudem para sempre.

Num romance envolvente, Nicholas Sparks mostra toda a sua habilidade de contador de histórias e reafirma que o amor é a força mais poderosa do Universo – e que, quando duas pessoas se amam, nem a distância nem o tempo podem separá-las.



O RESGATE

Taylor McAden é voluntário do corpo de bombeiros da pequena Edenton. Destemido a ponto de parecer imprudente, enfrenta incêndios, participa de salvamentos, desafia a morte sem hesitar. Mas uma coisa ele não tem coragem de fazer: entregar seu coração.

Por toda a vida ele se envolveu com mulheres que estavam mais em busca de apoio que de amor – e sempre se afastava delas assim que o relacionamento começava a ficar sério.

Numa noite de tempestade, enquanto sinalizava postes de energia caídos, Taylor encontra um carro batido na beira da estrada. Assim que recobra os sentidos, Denise, a motorista, pergunta pelo filho. Mas Kyle, um menino de 4 anos que tem problemas de audição e de fala, não está em sua cadeirinha no banco traseiro.

Durante a busca pelo garoto, Denise se surpreende ao ver que está diante de um homem capaz de abrir mão da própria vida para salvar uma criança. E o que Taylor nem imagina é que esse resgate será muito diferente de todos os que já fez, pois exigirá mais do que coragem e força física – e talvez possa levá-lo à própria salvação.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.

www.editoraarqueiro.com.br

facebook.com/editora.arqueiro

twitter.com/editoraarqueiro

instagram.com/editoraarqueiro

skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

Sumário

Créditos
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
Agradecimentos
Sobre o autor
Conheça outros títulos do autor
Informações sobre a Arqueiro